

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FERNANDA SANTOS GARCIA

O transumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade

Maringá

2024

FERNANDA SANTOS GARCIA

O transumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Bolsa de demanda social.

Orientador: Dr. Marcos Leandro Klipan

Coorientadora: Dra. Viviana Carola Velasco Martínez

Maringá

2024



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



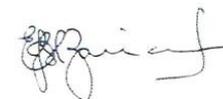
FERNANDA SANTOS GARCIA

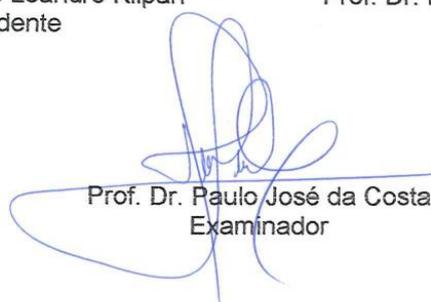
O transhumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA


Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan
Presidente


Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de
Medeiros
Examinador


Prof. Dr. Paulo José da Costa
Examinador

Aprovado em: 26/07/2024
Defesa realizada: Bloco 118 - Sala de Video.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

G216t	<p>Garcia, Fernanda Santos O transumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade / Fernanda Santos Garcia. – Maringá, PR, 2024. 104 f. : il. color., figs.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Klipan . Coorientadora: Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martínez. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2024.</p> <p>1. Transumanismo . 2. Fantasia . 3. Psicanálise . 4. Tecnologia. 5. Imortalidade . I. Klipan , Marcos Leandro, orient. II. Martínez, Viviana Carola Velasco, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.</p>
-------	--

CDD 23.ed. 150

AGRADECIMENTOS

Ansiei muito pela escrita destes agradecimentos, é um momento de grande emoção em que lembro e cito aqueles que me acompanharam até aqui. Começo agradecendo a quem me tornou gente, meus pais e minha irmã, que nesse processo de me criarem, semearam em mim o desejo de estudar e o interesse em, de alguma forma, conhecer as tantas possibilidades de ser humana.

Seguindo a linha do percurso de minha vida, agradeço a todos os meus mestres, desde os que me alfabetizaram, até os que me ajudaram a adentrar à faculdade, assim como os que me ensinaram a profissão que hoje carrego com honra. Neste agradecimento, menciono, especialmente, aos que ministraram as ricas disciplinas do mestrado, que concluo, e muito mais do que apenas expor as aulas, ouviram e acolheram minhas dúvidas constantes. Sem meus professores, eu nunca saberia qual o valor, a importância e as batalhas da educação. Sem o exemplo deles, eu não poderia sonhar em um dia também ser professora.

Nesse mesmo sentido, agradeço às políticas públicas voltadas à educação e mais ainda à Universidade Estadual de Maringá, que vem me acolhendo desde 2017, quando iniciei a graduação. Agradeço também à CAPES, agência de fomento da bolsa, que foi tão importante para sustentar o meu desejo de ser pesquisadora no Brasil.

Quando cheguei ao mestrado, já tinha uma boa bagagem de vida, mas o que pude aprender sobre pesquisa, escrita, psicanálise e sobre o conhecimento no geral, jamais seria possível sem a orientação próxima e atenta do professor Dr. Marcos Leandro Klipan e da professora Dra. Viviana Carola Velasco Martinez. A eles, os meus mais sinceros agradecimentos e respeito.

Aqui meu coração se agita e as lembranças são vastas, pois não poderia deixar de mencionar minhas grandes amigas, guerreiras das mesmas lutas, desejanter de um desejo semelhante que, no trajeto deste mestrado, choraram e riram tantas e tantas vezes comigo. São elas: querida Karen Schubalski Giannine, Maria Luiza Tegoni e Brenda Lopes. É chegada a hora também de agradecer ao meu amado Willian Sberse, que segurou minha mão a cada dificuldade encontrada, que comemorou comigo cada capítulo escrito. Seu amor e companhia foram, por muitas vezes, o suspiro que eu precisava para continuar.

Chegando ao fim, agradeço à banca examinadora, composta por professores que admiro muito, pelo tempo dedicado e interesse no meu trabalho, assim como pelas sugestões de acréscimos e melhorias, que fizeram com tanto zelo.

A todos, família, professores, amigos e companheiro, meu muito obrigada!

Garcia, F. S. O transumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma análise do movimento transumanista sob a perspectiva psicanalítica, explorando a hipótese de que o transumanismo representa uma fantasia inconsciente de imortalidade. A escolha do tema é motivada pela abundância de representações em filmes, livros, artigos científicos e sites sobre a busca pela imortalidade, inteligência artificial e avanços tecnológicos em geral. Em outras palavras, é frequente a preocupação sobre o futuro da humanidade diante das transformações contemporâneas e das produções tecno-científicas. Nesse contexto, compreendemos que o movimento transumanista resgata um desejo presente desde os primórdios da humanidade: o desejo de ser imortal, poderoso, em suma, um deus. O método de pesquisa adotada é a pesquisa *com psicanálise*, pois propõe interpretar um fenômeno social e cultural com o uso do método psicanalítico associado a outras áreas do conhecimento. Diante da vasta literatura levantada sobre o transumanismo, utilizamos o método psicanalítico freudiano para a análise dos materiais nesta pesquisa. Tomamos as propostas transumanistas como manifestações do inconsciente e buscamos, mais especificamente, por meio do mito de Pigmeleão, da Carta à mãe natureza e de alguns trechos de entrevistas dadas por transumanistas em revistas, jornais e documentários, sinais da tentativa de negação da castração. Nesse sentido, abordamos os conceitos de finitude, castração, ideal do Eu, transitoriedade, felicidade, entre outros, à luz da psicanálise freudiana. Sobre os resultados da pesquisa, constatamos que o transumanismo pode ser compreendido como uma realização cultural que busca atingir a felicidade, predominantemente, pela evitação do sofrimento. Vale dizer que, apesar de se fundamentar no meio científico, identificamos manifestações de fantasia entre seus argumentos, especialmente no que diz respeito à superação da morte, visto que esta é inconcebível ao inconsciente e representa a última das castrações humanas. A angústia decorrente da ameaça de castração leva o transumanista à negação da morte, pois reconhecer-se como mortal implica aceitar a condição de criatura. O transumanista escapa da culpa pelos desejos incestuosos, de criar junto ao criador, almejando também ser criador, ou seja, buscando a posição de um deus onipotente.

Palavras-chave: Transumanismo. Psicanálise. Imortalidade. Fantasia. Tecnologia.

Garcia, F. S. Transhumanism as an unconscious fantasy of immortality. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, 2024.

ABSTRACT

This research proposes an analysis of the transhumanist movement from a psychoanalytic perspective, exploring the hypothesis that transhumanism represents an unconscious fantasy of immortality. The choice of topic was motivated by the abundance of representations in films, books, scientific articles and websites about the search for immortality, artificial intelligence and technological advances in general. That is to say, there's frequent concern about the future of humanity in the face of contemporary transformations and techno-scientific productions. In this context, we understand that the transhumanist movement revives a desire that has been present since the dawn of humanity: the desire to be immortal, powerful, in short, a god. The research method adopted is psychoanalytic research, as it proposes to interpret a social and cultural phenomenon using the psychoanalytic method associated with other disciplines. In view of the vast literature on transhumanism, we used the Freudian psychoanalytic method to analyze the materials in this research. We took the transhumanist proposals as manifestations of the unconscious and sought, more specifically, through the myth of Pygmalion, the Letter to Mother Nature and excerpts from interviews with transhumanists in magazines, newspapers and documentaries, signs of the attempt to deny castration. In this sense, we approached the concepts of finitude, castration, the ideal of the Self, transience, happiness, among others, in the light of Freudian psychoanalysis. Regarding the results of the research, we found that transhumanism can be understood as a cultural achievement that seeks to attain happiness, predominantly through the avoidance of suffering. It's noteworthy that, despite being based in the scientific environment, we identified manifestations of fantasy among its arguments, especially with regard to overcoming death, since this is inconceivable to the unconscious and represents the last of the human castrations. The anguish arising from the threat of castration leads the transhumanist to deny death, since recognizing oneself as mortal implies accepting the condition of creature. The transhumanist escapes the guilt of incestuous desires, of creating alongside the creator, while also longing to be a creator, in other words, seeking the position of an omnipotent god.

Keywords: Transhumanism. Psychoanalysis. Immortality. Fantasy. Technology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. AFINAL, O QUE É TRANSUMANISMO?	21
Os Precusores	21
Materialização do movimento	29
Objetivos transumanistas	34
Filosofia, política e vertentes do transumanismo	37
Arte e cultura Transumanista	41
Críticas e debates	47
<i>Bioconservadores</i>	47
<i>Debates sobre bioética</i>	51
3. CAMINHOS PARA A ANÁLISE DO TRANSUMANISMO	56
Sobre castração, morte e seus opostos	56
O enigma da morte será resolvido em breve?	62
4. ENTRE CRIADORES E CRIATURAS	68
Transumanismo: uma manifestação do desejo de não ser castrado	68
O mito de Pigmaleão como uma metáfora sobre a castração no transumanismo	73
O Deus prótese	79
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	95

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar o transumanismo como uma fantasia inconsciente diante da finitude. Tomamos a ideia de fantasia neurótica inconsciente baseadas no texto “A nudez” (Martínez, 2001), em que a autora toma o mito de Cuchulainn para abordar temas como a sexualidade infantil, o fetichismo e a castração. Ainda na introdução, Martínez (2001) aponta:

O mito que apresento tem cenas que lembram atos de perversão, entretanto, o referido caráter simbólico da narrativa não permite tomá-los como tal. Vou então, para interpretar, recorrer à ideia de Ramos (2000) e usar o famoso ‘como se fosse’ freudiano, a analogia que permite tomar no plano do inconsciente fenômenos muitas vezes tão distintos. É desse modo que tomo a narrativa de Cuchulainn não como perversão, mas como se fosse uma fantasia neurótica inconsciente, onde a perversão está em negativo (p. 42).

A princípio é de forma semelhante à de Martinez (2001), em seu texto, que abordaremos o transumanismo. Como se fosse uma fantasia inconsciente como defesa frente à ameaça de castração. Vejamos o que é o transumanismo.

De acordo com o *Manifesto transumanista*, redigido por Natasha Vita-More¹ (1983/2020), o transumanismo é um movimento intelectual que se desenvolveu gradualmente, nas últimas duas décadas, visando pensar sobre o futuro. Os transumanistas buscam a modificação da condição humana por meio da continuação da evolução produzida cientificamente. Em outras palavras, se propõem a interferir no próprio processo evolutivo na expectativa de alterar aspectos do humano, uma vez que não acreditam na forma atual a que chegaram os seres humanos – nossas características físicas, intelectuais, formas de nos relacionarmos, tempo de vida, etc. – como a última possível ou a melhor adaptada. Além disso, os transumanistas, ainda segundo Vita-More (1983/2020), objetivam a expansão da vida. Nesse sentido, buscam ampliá-la em quantidade de anos, mas também no que se refere à vida em outros planetas e realidades. Um exemplo disso é a realidade virtual.

Para isso, fazem uso de diversas ciências e tecnologias aplicando-as principalmente ao corpo. Entre essas estão a nanotecnologia, definida por Oliveira (2007) como o campo responsável pelo desenvolvimento de dispositivos a nível molecular, a biotecnologia que, de

¹ (Anexo A) Doutora pela *University of Plymouth*, na escola de mídia, artes, *designer* e arquitetura, é atualmente diretora executiva da Associação Transumanista Mundial Humanity+, além de docente em cursos de pós graduação (Vita-More, 2023). Para mais, ver em: <https://natashavita-more.com/about/>

acordo com o mesmo autor, trabalha com a manipulação de componentes dos seres vivos, entre eles o código genético, tornando possível redesenhar o humano e outras formas de vida, a robótica que produz sistemas capazes de comporta-se autonomamente (Oliveira, 2007), as tecnologias computacionais, como as inteligências artificiais², as próteses e os *chips* de modo geral.

Meu interesse pela temática do transumanismo começou no ano 2019, ao assistir o documentário *Quanto tempo o tempo tem* (Carvalho & Dutra, 2015). Em meio a diversos olhares e definições sobre o tempo, os autores apresentam o depoimento de alguns transumanistas precisamente pela sua crença e busca de imortalidade, assim como uma nova concepção de tempo, diferente da que conhecemos. No referido documentário (Carvalho & Dutra, 2015, 51'), Vita-More afirma: “Quando olhamos para a possibilidade de reverter o envelhecimento, ou tornar-se mais jovem ou prolongar a nossa vida, o tempo não tem mais aquele tique-taque irritante”. Ela parece estar se referindo ao desejo de impedir as mudanças que surgem com a passagem do tempo e, com isso, buscando atenuar a angústia diante da morte ou da própria castração. Imaginar as compreensões sobre o tempo, que foram expostas no documentário, e as possibilidades de transgressão, propostas pela ciência, do que seria o ser humano e a própria vida com seus limites, me impactou e motivou a pesquisar propondo um projeto de iniciação científica, intitulado *Sobre o transhumanismo: reflexões psicanalíticas* (Garcia, 2021) no qual, em linha gerais, realizei um levantamento sobre o tema.

A disposição para estudar a temática do transumanismo se justifica porque esse movimento retoma, ou dá uma nova roupagem, a um desejo existente desde o início da humanidade: de ser imortal, ser poderoso, deus que nada precisa temer. Vemos manifestações desse desejo, por exemplo, no mito da fonte da eterna juventude presente em diversas culturas, na busca dos alquimistas pelo elixir da vida, no cristianismo, a partir da crença na vida eterna por meio da remissão dos pecados e também na ficção científica em diversas obras como em *Frankenstein, o Prometeu moderno* escrito em 1818 por Mary Shelley (1818/2017), que inaugura essa categoria literária ao contar a estória de um cientista do ramo médico que consegue superar a barreira da morte.

² A inteligência artificial é um campo da ciência preocupado com a criação de computadores e máquinas que podem raciocinar, aprender e atuar de maneira que normalmente exigiria inteligência humana ou que envolvia dados com escala maior que as pessoas podem analisar. IA é um campo amplo que abrange muitas disciplinas diferentes, incluindo ciência da computação, análise e estatística de dados, engenharia de hardware e software, linguística, neurociência e até mesmo filosofia e psicologia. Para mais, ver em: <https://cloud.google.com/learn/what-is-artificial-intelligence?hl=pt-br>

O ser humano sempre esteve em contato com a tecnologia. A pedra lascada, por exemplo, talvez tenha sido o primeiro artefato tecnológico a potencializar a ação humana na caça e na guerra. De acordo com Veraszto, Silva, Miranda e Simon (2009, p. 38), a definição de tecnologia comporta “um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos (artefatos, sistemas, processos e ambientes) criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos”. Com os avanços da ciência e a criação de recursos, agora, ao alcance do ser humano, os desejos que antes estavam apenas no universo dos mitos ou da ficção foram se materializando, ganhando destaque especial nas propostas do transumanismo, por meio das tecnologias de última geração.

Quental (2020) nos fala sobre a valorização do projeto transumanista:

Apoiando-se numa ética de aceleração do desenvolvimento de novas tecnologias e a convergência de tecnologias novas e já existentes, em especial a biotecnologia, nanotecnologia e inteligência artificial, o transumanismo não é apenas um ideário utópico tecno-otimista, mas um programa e um projeto com amplo financiamento e legitimado por instituições científicas como a *National Science Foundation* (p. 11).

Ainda na intenção de apresentar o transumanismo, expomos três exemplos de transumanistas declarados e suas invenções.

Começamos apresentando Neil Harbisson (Citado por Oliveira, 2015, e por Barrueco, 2020). Nascido em 1984 na Grã-Bretanha, Harbisson é um artista contemporâneo e ativista de ciborgues³. Harbisson, continuam os autores, tem uma antena implantada (Anexo B) que possibilita a percepção de cores visíveis e invisíveis a olho nu por vibrações audíveis em seu crânio, mesmo tendo nascido com acromatopsia, uma condição rara de daltonismo que o impedia de enxergar as cores. Além de receber as cores do ambiente, pode perceber a chegada de imagens, vídeos, músicas ou telefonemas diretamente em seu cérebro, através de uma conexão à *Internet*, por meio de vibrações. Kehinde (2018) afirma que o sistema da antena atua com um sensor que traduz comprimentos de onda em vibrações que Harbisson percebe como sons.

Andrade (2023) relata que, antes da antena, Harbisson desenvolveu, junto a Adam Montandon, um sistema externo formado por uma *webcam* e um par de auscultadores ligados a um computador chamado *eyeborg*. Porém, não era prático para Harbisson, levando-o a criar

³ A *Cyborg Foundation* criada por Harbisson em 2010 visa “ajudar os humanos a tornarem-se ciborgues, defender os direitos dos ciborgues e promover a arte ciborgue” (Cyborg Foundation, 2010). Nesse sentido entendemos que o adjetivo ativista de ciborgues dado a Harbisson aponta para o seu protagonismo no incentivo à modificação dos seres humanos, ou seja, à união dos organismos com a cibernética, assim como para a garantia de direitos aos que se identificam como ciborgues.

a antena atual, feita de fibra ótica, em 2004. A autora escreve ainda que a antena de Harbisson foi implantada por um médico que exigiu anonimato.

Harbisson é o primeiro ciborgue reconhecido pelo governo Britânico, isso porque, de acordo com Kehinde (2018), em 2004, permitiram a inclusão de sua antena na fotografia de seu passaporte. O *site Cyborg Art* diz sobre a produção artística de Harbisson:

Esta série inclui os seus muito conhecidos Retratos Sonocromáticos, os LPs Sonocromáticos encontrados nas ruas de Nova Iorque ou a mais recente criação do Piano Sonocromático, em colaboração com Pol Lombarte, um piano elétrico que se ilumina com as cores correspondentes a cada nota à medida que esta é tocada (2023,, n.p., tradução nossa⁴).

Ainda de acordo com as informações do *site Cyborg Art*, além dessas obras, Harbisson também realiza concerto de cores:

em vez de tocar um instrumento, Neil toca cores. As cores podem corresponder a diferentes objetos, aos rostos do público ou mesmo às cores do espaço. Neil já se apresentou em todo o mundo, incluindo o Barbican Centre em Londres, o CCCB em Barcelona, o Smithsonian em Washington DC ou o Ludwig Museum em Budapeste (2023, n.p., tradução nossa⁵).

O segundo exemplo é Raymond Kurzweil (Anexo C), outro representante do movimento transumanista e destaque no documentário *Transcendent Man*, produzido por Ptolemaic em 2009. Como relatado no documentário, Kurzweil nasceu em 1948, nos Estados Unidos da América, e desde muito jovem desenvolveu projetos tecnológicos. Aos 17 anos, por exemplo, criou um *software* que analisava os padrões musicais das obras de compositores clássicos podendo então reproduzir novas canções com o mesmo estilo. Devido a essa inovação, participou do programa de auditório *I've Got a Secret* em 1965 (Ptolemaic, 2009⁶). Conforme o *site Society for Science* (2023)⁷, ainda em 1965, Kurzweil recebeu o primeiro lugar na Feira Internacional de Ciência: “Em 1965, impressionou os juizes da STS⁸ e da ISEF⁹ com um

⁴ Do original, “This series include his well known Sonochromatic Portraits, the Sonochromatic LPs found on the streets of New York City or the latest creation of the Sonochromatic Piano, in collaboration with Pol Lombarte, an electrified piano that lights up with the corresponding colours of each note as it is played”.

⁵ Do original, “instead of playing an instrument, neil plays colour. He amplifies the sounds in his head to the audience and he plays the colour that he has in front of him. the colours could corresponde to differtent objects, the audiences faces or even the colours of space. neil has performed all over the word, including the Barbican Centre in London, the CCCB in Barcelona, the Smithsonian in Washington DC or the Ludwig Museum in Budapest”.

⁶ Para mais, ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLOv92K2jQI>

⁷ Para mais, ver em: <https://www.societyforscience.org/alumni/notable/raymond-kurzweil/>

⁸ *Science Talent Search*.

⁹ *International Science and Engineering Fair*

programa de computador que utilizava padrões de música clássica para criar composições originais” (*Society for Science*, n.p., 2023, tradução nossa¹⁰).

Em 1970, formou-se em ciência da computação no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e, atualmente, é um dos nomes em destaque dentre os pesquisadores em tecnologia por ser pioneiro nos campos de reconhecimento ótico de caracteres¹¹, síntese de voz, reconhecimento de fala¹² e mais 21 outras patentes na área. Além disso, é autor de livros sobre saúde, alimentação, inteligência artificial, transumanismo, singularidade tecnológica e futurologia. Kurzweil é apelidado de *Transcendent Man* (Ptolemaic, 2009).

Ademais, segundo o *site Society for Science*, Kurzweil:

co-fundou a *Singularity University* e trabalhou como diretor de engenharia da *Google*. Foi-lhe atribuída a Medalha Nacional de Tecnologia em 1999 e o Prémio Lemelson-MIT em 2001 pelas suas inovações. Em 2002, foi introduzido no *National Inventor's Hall of Fame* (2023, n.p., tradução nossa¹³).

No documentário de Ptolemaic (2009), Kurzweil se diz engenheiro e cientista no ramo de estudos da evolução tecnológica. Segundo ele, em um futuro próximo, a humanidade será híbrida entre a inteligência biológica e artificial. O cientista diz que, pela genética, alcançaríamos uma reprogramação biológica, pela nanotecnologia a criação de computadores que iriam auxiliar na regulação do nosso organismo e, pela robótica, atingiríamos a existência de uma inteligência artificial que seria acoplada nos seres humanos. Diante dessas transformações, a versão 2.0 do ser humano poderia ser criada. Kurzweil menciona em seu livro, *A singularidade está próxima: quando os humanos transcendem a biologia* (2018), que o cérebro humano não terá mais um limite estabelecido pela natureza:

Olhando várias décadas à frente, a Singularidade começará com a quinta época. Resultará da fusão do vasto conhecimento incorporado em nossos próprios cérebros com a muito maior capacidade, velocidade e compartilhamento de conhecimentos de

¹⁰ Do original, “In 1965, he impressed STS and ISEF judges with a computer program that used classical music patterns to create original compositions”.

¹¹ “Tecnologia utilizada para reconhecer e extrair textos de arquivos de diferentes origens. O recurso analisa as imagens e identifica os caracteres, transformando os dados em um formato que pode ser lido e pesquisado por softwares de texto” (Ramos, 202, n.p., 3).

¹² “A síntese de voz é o processo contrário ao do reconhecimento de fala. O sintetizador recebe um texto na forma digital e transforma-o em ondas sonoras, ou em outras palavras, fazendo uma leitura em voz alta. Um programa de síntese de voz é útil nas situações em que o utilizador não pode desviar a atenção para ler algo ou não tem acesso ao texto escrito, seja porque a informação está distante ou porque o utilizador tem alguma deficiência visual” (Guilhoto & Rosa, 2001, p. 5).

¹³ Do original, “co-founded Singularity University and worked as Google’s director of engineering. He was awarded the National Medal of Technology in 1999 and the Lemelson-MIT Prize in 2001 for his innovations. In 2002, he was inducted into the National Inventor’s Hall of Fame”.

nossa tecnologia. A quinta época permitirá que nossa civilização homem-máquina transcenda as limitações do cérebro humano, que são de meras centenas de trilhões de ligações por demais vagarosas (p. 38).

Como transumanista declarado, Raymond Kurzweil também fala no documentário (Ptolemaic, 2009) sobre sua pretensão em superar a morte:

Eu tenho um sonho recorrente, tem a ver com explorar uma sucessão sem fim salas vazias que me levavam de uma sala para outra, sentindo-me abandonado e sem esperança, sozinho e incapaz de encontrar alguém. Esta é uma bela descrição da morte. Dizem que a morte tem uma finalidade. Mas na realidade é uma grande perda para quem se preocupa com o assunto. Às vezes tenho fantasias sobre a morte. Sobre o que as pessoas sentem quando estão morrendo ou como eu me sentiria no momento de minha própria morte. E de tal forma profundo e triste o sentimento de solidão que eu realmente não o suporto. Então voltei atrás e comecei a pensar em como não morrer¹⁴ (Ptolemaic, 2009, n.p)¹⁵.

Para isso, Kurzweil explora o campo da inteligência artificial com a intenção última de fazer um *uploading* da mente humana para computadores e redes de *Internet*. Além de querer evitar a morte, o cientista pretende trazer seu pai já falecido de volta à vida por meio de uma simulação computacional realizada por inteligências artificiais que poderiam reproduzir, por exemplo, a imagem física e voz do seu pai por meio de dados guardados, como fotografias, cartas, documentos, partituras e material genético quando os recursos tecnológicos forem suficientes (Ptolemaic, 2009).

Finalmente, temos Elon Musk (Anexo D). Nascido na África do Sul em 1971, formou-se em física e economia. Aqui vale uma ressalva, por mais que Musk não tenha entre seus trabalhos produções filosóficas que sustentariam melhor a caracterização como transumanista, o apontamos como integrante do movimento por dirigir várias empresas com ideais futurísticos. Entre essas, destacam-se a *SpaceX*, fabricante de foguetes espaciais reutilizáveis, a *Tesla Motors*, fabricante de carros elétricos, a *OpenAI* uma empresa de pesquisa na área de inteligência artificial, sem fins lucrativos, e a *Neuralink*. Essa última é a que mais nos interessa, pois se trata de uma sociedade comercial, formada por ele e mais oito empresários, focada no

¹⁴ Do original, “I do have a recurring dream. It has to do with exploring this endless succession of rooms that are empty and go from one to the next. Then feeling hopelessly abandoned and lonely and unable to find anyone else. That's a pretty good description of death. Death is supposed to be finality but it's actually a loss of everyone you care about. I do have fantasies sometimes about dying. But what people must feel like when they're dying or what I would feel like if I were dying. And it's such a profoundly sad, lonely feeling, that I can't bear it. So I go back to thinking how I'm not gonna die”.

¹⁵ Minutagem 0’40”-1’55”

desenvolvimento de uma interface cérebro-máquina, proposta essa bastante estimada entre algumas vertentes do transumanismo. Elon Musk é o atual CEO¹⁶ da *Neuralink* (Whitman, 2020).

Lemos (2020, p. 11) explica sobre o implante neural desenvolvido pela *Neuralink*:

Estes aparelhos permitem, resumidamente, operar máquinas com atividade cerebral. O que o *Neuralink* de Musk tem de diferente é sua capacidade (16 vezes maior que o concorrente mais próximo) e a tecnologia cirúrgica para inserir 1024 eletrodos no cérebro, sem ferir vasos, artérias ou neurônios, permitindo ainda sua remoção para eventuais *upgrades*, sem riscos significativos de danos permanentes. A *Neuralink* é propagandeada principalmente como um dispositivo para habilitar a movimentação de pessoas com paralisia. O cérebro produz sinapses durante suas operações, que podem ser observadas (e medidas) pelas descargas elétricas implicadas. A *Neuralink* pode captar as sinapses de movimento motor e levá-las aos membros robóticos. Mas também pode fazer o contrário, e transmitir descargas elétricas no cérebro, simulando as sinapses – o que se chama de estímulo neural.

Segundo Mozelli (2023), até o ano de 2022, a *Neuralink* não havia solicitado permissão da *Food and Drug Administration* dos EUA (FDA), agência responsável pela autorização de teste em humanos. A primeira solicitação, feita em 2022, foi recusada devido a uma série de deficiências no projeto. Entre os motivos listados como justificativa da recusa estava a bateria de lítio contida no implante que oferece o risco de os pequenos fios migrarem para outras áreas do cérebro, levando a danos no tecido cerebral.

Conforme Merano (2022), em novembro de 2022, a *Neuralink* realizou uma apresentação transmitida ao vivo pelo *YouTube* a fim de atualizar o público sobre os avanços da empresa. Ainda de acordo com a mesma autora, Musk ressaltou que “o objetivo da *Neuralink* é criar uma interface de E/S¹⁷ generalizada para o cérebro que possa ajudar pessoas com condições debilitantes” (tradução nossa¹⁸).

Além disso, sobre o andamento das pesquisas e testes, expôs que a empresa estava se esforçando para iniciar os testes em humanos dentro de seis meses a partir da referida época, uma vez que já haviam enviado os documentos necessários para a FDA. Merano (2022) relata

¹⁶ “CEO é a sigla em inglês para ‘*Chief Executive Officer*’, que no Brasil é interpretado como diretor executivo. Ele é responsável pelas estratégias, visão e valores da empresa. Além de garantir a execução das diretrizes do conselho administrativo da empresa” (Leão, 2022, grifo nosso).

¹⁷ E/S (em português) ou I/O (em inglês) na computação significa entrada e saída de dados. Para mais, ver em: <https://conceitos.com/dispositivo-de-entrada-e-saida-pc/>

¹⁸ Do original, “Neuralink’s goal is to make a generalized I/O interface for the brain that could help people with debilitating conditions”.

que na apresentação também foram dadas mais informações sobre o robô cirúrgico, o *Software* do dispositivo que está sendo desenvolvido, os melhoramentos feitos na bateria e no carregador e também no *designer* do implante.

Durante a apresentação, foram exibidos testes feitos em macacos com o implante, aos quais, por exemplo, foram ensinados a jogar um determinado jogo apertando botões e, em seguida, quando esse recurso foi retirado de cena, aprenderam a jogar apenas com o pensamento, ou seja, acionando as mesmas regiões cerebrais que antes utilizavam para jogar (Merano, 2022).

Outro ponto da pauta da apresentação foi o convite feito aos profissionais da área para se inscreverem nas vagas de emprego da *Neuralink* (Merano, 2022). Nos últimos instantes da apresentação, conforme Merano (2022), Musk disse:

Neste momento, estamos apenas adivinhando muito do que se passa no cérebro. Mas, se tivermos uma E/S direta, deixamos de ter de adivinhar. O que aprenderemos sobre o cérebro com um dispositivo deste tipo - em utilização generalizada - é muitas ordens de grandeza superior ao que compreendemos atualmente (tradução nossa¹⁹).

De acordo com Costa (2023), em 25 de maio de 2023 a empresa *Neuralink* anunciou que recebeu aprovação da FDA para testes em humanos. Além disso, o autor aponta que as justificativas dadas para as rejeições anteriores diziam sobre riscos de segurança e envolvimento da empresa em polêmicas acerca de maus-tratos de animais utilizados nos testes e cobranças excessivas aos funcionários na entrega de resultados. Ainda conforme o mesmo autor, nessa data, “A *Neuralink* afirmou não ter planos imediatos para começar a realizar os testes em humanos, mas prometeu divulgar mais informações sobre como se voluntariar para os experimentos em breve” (grifo nosso).

Em setembro de 2023, no último acesso feito por nós ao *site* oficial da empresa *Neuralink* previamente a escrita deste estudo, nos chamou a atenção uma aba destinada ao registro de pacientes²⁰. O texto dizia: “Se estiver interessado em saber se pode qualificar-se para futuros ensaios clínicos da *Neuralink*, considere juntar-se ao nosso Registo de Pacientes” (*Neuralink*, 2023, tradução nossa²¹).

Na sequência da página havia perguntas e respostas sobre esse registro de pacientes:

¹⁹ Do original, “Right now we’re just guessing at a lot about what’s going on in the brain. But if you have direct I/O, there’s no more guessing. What we will learn about the brain with such a device—in wide use—is many orders of magnitude than we currently understand”

²⁰ Para mais, ver em: <https://neuralink.com/patient-registry/>

²¹ Do original, “If you’re interested in learning whether you may qualify for future Neuralink clinical trials, consider joining our Patient Registry”.

Estamos empenhados em desenvolver dispositivos com o envolvimento das comunidades e grupos que pretendemos servir. Até agora, recebemos dados de um pequeno número de indivíduos com diferentes níveis de deficiência motora. O Registo de Pacientes nos permitirá entender as necessidades de um grupo maior e mais diversificado de indivíduos com diferentes condições ... Qualquer pessoa nos Estados Unidos que tenha pelo menos 18 anos de idade e a maioria no seu estado, que seja capaz de consentir e que tenha tetraplegia, paraplegia, perda de visão, perda de audição e/ou incapacidade de falar é convidada a participar no Registo de pacientes ... Podemos usar as informações fornecidas para determinar a sua elegibilidade preliminar para futuros ensaios clínicos da *Neuralink*, assim que estiverem disponíveis. Será solicitado que reveja e assine um documento de consentimento livre e esclarecido antes de participar em qualquer ensaio clínico futuro da *Neuralink*. A *Neuralink* não tem atualmente quaisquer ensaios clínicos disponíveis para inscrição (*Neuralink*, 2023, n.p., tradução nossa²²).

Para finalizar a breve exposição sobre o implante, é importante apontar que alguns neurocientistas e especialistas na área tecem críticas sobre a proposta de Musk. Entre esses especialistas está Miguel Nicolelis, neurocientista brasileiro que participou das primeiras pesquisas do método de leitura da atividade elétrica de grandes populações de neurônios. De acordo com Nicolelis, o que está sendo proposto já foi pensado há décadas atrás, mas não foi utilizado por se tratar de um método invasivo e desnecessário, que pode ser substituído por outras técnicas médicas e interfaces não invasivas. Nicolelis afirma, portanto, que as propostas da *Neuralink* seriam baseadas em ficção científica e *marketing* enganador (Vieira & Zaramela, 2024²³). No início de 2024, começaram a surgir divulgações sobre a realização do primeiro teste em humanos conduzidos pela empresa. O primeiro paciente foi Nolan Arbaugh, um homem tetraplégico de 30 anos. Em maio de 2024, foram divulgadas análises que apontam que

²² Do original, “We are committed to developing devices with input from the communities and groups we aim to serve. Until now, we’ve received input from a small number of individuals with various levels of motor impairment. The Patient Registry will allow us to understand the needs of a larger, more diverse group of individuals with various conditions. (...) Anyone within the United States who is at least 18 years old and the age of majority in their state, who is able to consent, and who has quadriplegia, paraplegia, vision loss, hearing loss, and/or the inability to speak, is invited to participate in the Patient Registry. (...) We may use the information you provide to determine your preliminary eligibility for future Neuralink clinical trials once they become available. You will be asked to review and sign a separate informed consent document before participating in any future Neuralink clinical trial. Neuralink does not currently have any clinical trials available for enrollment”.

²³ Para mais, ver em: <https://canaltech.com.br/saude/miguel-nicolelis-critica-chip-da-neuralink-e-so-fumaca-277765/>

85% dos fios se desconectaram do cérebro do paciente, ou seja, perderam a conexão. Esse fato aponta para sérias falhas no implante (Diário do Nordeste, 2024²⁴).

Chegando ao fim das exemplificações, podemos identificar, nesses três casos, a exploração do corpo no intuito de potencializar o humano a fim de alterar a sua condição atual. Além disso, observamos como a tecnologia tem protagonismo e prestígio social na sociedade atual. No decorrer da pesquisa, abordamos mais atentamente as características do transumanismo, assim como as discussões sobre o transumano.

Sobre o método da pesquisa, entendemos a psicanálise como um método de investigação e de interpretação, que se utiliza de associações livres para compreender processos do inconsciente, seja dentro de um procedimento terapêutico, como também a fim de alimentar um arcabouço de conhecimentos científicos (Figueiredo & Minerbo, 2006, Laplanche, 1979). Desse modo, podem ser objetos da experiência psicanalítica: a clínica, a psicanálise exportada, a teoria e a história (Laplanche, 1992) uma vez que processos socioculturais e as produções humanas em geral podem ser alvo do método psicanalítico, tal qual os fenômenos psíquicos encontrados dentro de uma situação analítica sem que dessa forma sejam menos legítimos à psicanálise (Figueiredo & Minerbo, 2006, Laplanche, 1992, Martínez, 2003).

Para delinear o método de nossa pesquisa, iremos nos pautar na ideia de pesquisa *com psicanálise* exposta no artigo de Campos (2021), mas vale dizer, como aponta o mesmo autor, que a diferenciação entre pesquisa *em psicanálise* e *sobre psicanálise* foi inicialmente proposta por Garcia-Roza (1994).

Se enquadra como pesquisa *em psicanálise* as discussões a partir da escuta psicanalítica que seguem o modelo psicoterápico tradicional, ou seja, em contexto clínico, podendo ser em diferentes enquadres (individual, grupos, casal). Portanto, as pesquisas *em psicanálise* seguem principalmente o modelo de estudos de caso. Já as pesquisas *sobre psicanálise* visam investigar as ideias psicanalíticas no que diz respeito ao âmbito teórico-conceitual, histórico e epistemológico. Vale dizer que nesse delineamento de pesquisa o método psicanalítico não é utilizado. Porém, outro grupo de pesquisas pode ser entendido como pesquisas *sobre psicanálise*: aquelas que buscam interpretar os fenômenos sociais e culturais (Campos, 2021). Além dos dois delineamentos de pesquisa já mencionados, Campos (2021) também apresenta a pesquisa *com psicanálise*. Nessa, há o uso do método psicanalítico associado a outros métodos de pesquisas empírica, como por exemplo estratégias da área da educação e das ciências sociais.

²⁴ Para mais, ver em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/cientista-brasileiro-miguel-nicolelis-comenta-falhas-de-chip-da-neuralink-de-musk-tentei-avisar-1.3518381>

Entendemos que o delineamento desta pesquisa se enquadra como uma pesquisa *com psicanálise*, dentre os tipos de delineamento apresentados por Campos (2021), pois temos a intenção de utilizar o método psicanalítico na presente pesquisa, não em contexto clínico, mas sim a fim de analisar o transumanismo como um fenômeno da cultura. Para isso, recorreremos à psicanálise, mas também a outras áreas do conhecimento.

A análise do transumanismo, em nossa compreensão, é interessante à psicanálise uma vez que o transumanismo busca oferecer respostas às dores da vida. Ou seja, traduções diante das angústias e sofrimentos humanos, como por exemplo, as angústias frente à morte, ao envelhecimento e às doenças. Dessa forma, avaliamos como válida a investigação dessas tentativas de tradução com o uso do método psicanalítico, uma vez que entendemos, conforme Ceccarelli (2018), que é por meio das associações, como também pela transferência, que essas manifestações inconscientes podem ser interpretadas a fim de que seja possível compreender os desejos e defesas existentes na dinâmica a ser estudada. Como destaca Ceccarelli (2018, p. 141), “O que interessa à psicanálise é a dinâmica psíquica que subjaz ao fenômeno observado”.

Vale ressaltar, de acordo com Miranda (2018), que esse fenômeno a ser observado pode abranger também os textos e produções artísticas, nesse caso exigindo a livre associação do texto e atenção flutuante por parte do pesquisador. Isso porque, para Hashimoto e Tavares (2013), no esforço de compreender uma articulação teórica, ou qualquer outro gênero textual escrito, não apenas nossa racionalidade é atuante como também nossos desejos e processos inconscientes no geral. Por esse motivo, partindo das contribuições de Tavares e Hashimoto (2013) e Lameira, Costa e Rodrigues (2017), entendemos que o pesquisador se encontra implicado na pesquisa, ou seja, ele fala de determinado lugar e está em diálogo com o objeto estudado, de modo que a neutralidade é impossibilitada e até mesmo indesejável.

Já em relação ao material da pesquisa, fizemos um levantamento da produção sobre o transumanismo na base de dados *Psycinfo* e *Google acadêmico* a partir dos descritores: *transhumanism*, *transhumanism and psychology* e *transhumanism and psychoanalysis*. Vale dizer que por termos utilizado o descritor *transhumanism* e, depois, tê-lo somado a outros descritores, podemos supor que alguns dos materiais se repetiram. A intenção desta pesquisa em bases de dados foi, principalmente, encontrar materiais que relacionassem de alguma maneira psicanálise e transumanismo. Consideramos todos os campos e encontramos os seguintes resultados na base *Psycinfo*: *transhumanism* 60 artigos e 36 livros, *transhumanism and psychology* 19 artigos e 36 livros, *transhumanism and psychoanalysis* 2 artigos.

Já, no *Google Acadêmico*, tivemos os seguintes resultados de pesquisa: *transhumanism* 581 resultados, *transhumanism and psychology* 471 resultados e *transhumanism and*

psychoanalysis 69 resultados – vale dizer que, diante do número alto de resultados encontrados na busca com o descritor *transhumanism and psychoanalysis*, consideramos interessante avaliar os títulos, palavras chaves e ler os resumos disponíveis. Em nenhum deles foi possível, para nós, encontrar associação entre o tema do transumanismo e psicanálise. Isso porque não havia menção à psicanálise nos títulos e palavras-chaves e nem mesmo a apresentação de algum tema ou conceito conhecido por nós como fazendo parte do arcabouço teórico psicanalítico. Mas, não podemos descartar o fato de que poderiam haver ali conteúdos de psicanálises não conhecidos por nós, à medida que a psicanálise é ampla em suas teorizações.

Utilizando os mesmos descritores em português encontramos 72 resultados para transumanismo, 25 para transumanismo e psicologia e 1 resultado para transumanismo e psicanálise. Novamente, com os mesmos descritores, porém em francês, encontramos 81 resultados para *transhumanisme*, 28 para *transhumanisme et psychologie* e 6 resultados para *transhumanisme et psychanalyse* dos quais apenas um nos parece ter relação real entre os termos, partindo dos mesmos critérios mencionados no parágrafo anterior, a dizer: menção à psicanálise no título, nas palavras-chaves ou no conteúdo do resumo.

Encontramos também alguns livros, como por exemplo: *Homo Deus* (Harari, 2016), *O homem pós-orgânico* (Sibilia, 2015) e *Transhumanismo e suas oscilações Prometeico-Fáusticas* (Antonio, 2018). Além disso, materiais encontrados em entrevistas e sites da Internet também foram importantes para a construção deste trabalho e serão melhor citados no decorrer dos capítulos. Em um panorama geral, os textos encontrados versam sobre o transumanismo principalmente na área da saúde e da filosofia.

Em termos de psicanálise, encontramos somente quatro artigos, por meio dessas bases de dados, três em francês (Barbosa, 2020; Dumoulin, Hamon & Peoc'h, 2019; Sauret, et al, 2015) e um em português (Santos, 2022). O artigo escrito por Dumoulin, Hamon e Peoc'h (2019) e o de Sauret, et al (2015) foram disponibilizados pelo site *Cairn.info Matières à réflexion*²⁵. Isso nos instigou a buscar outros títulos sobre o transumanismo e psicanálise nesse mesmo site e encontramos mais outros materiais sobre o tema, materiais esses que não haviam aparecido nas pesquisas em bases de dados. Conseguimos acessar mais 2 artigos (Arénes, 2017; Peoc'h & Druel, 2017), além dos já citados, no site. Havia ainda outros, mas que não permitiam o acesso de forma gratuita.

Outro site de grande importância para nossa pesquisa é o site oficial do movimento transumanista chamado *Humanity Plus*²⁶. Nesse, estão disponibilizados os principais

²⁵ Para mais, ver em: <https://www.cairn.info/>

²⁶ Para mais, ver em: <https://www.humanityplus.org/>

documentos do movimento, como, por exemplo: a *Declaração transumanista*, o *Manifesto transumanista* e o *FAQ*²⁷ *transumanista*. Além disso, diversos autores contribuem com o *site* para descrever o histórico do movimento, seus objetivos, missões, etc.

Antes de apresentar a divisão da pesquisa em capítulos, julgamos interessante expor uma espécie de histórico da hipótese, na intenção de tornar mais claro ao leitor os caminhos percorridos até adotarmos a hipótese atual: a do transumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade.

Quando a pesquisa ainda estava no estágio de projeto, a proposta era articular a Teoria da Sedução Generalizada (TSG) de Jean Laplanche e, mais especificamente, a discussão sobre auxiliares de tradução a fim de interpretar o transumanismo com essas contribuições teóricas do pesquisador. Mas, com o avançar das leituras, analisamos a proposta e concluímos que seria uma pesquisa demasiadamente complexa considerando as possibilidades de produção no nível de mestrado. Isso porque para ser possível a análise do transumanismo como um auxiliar de tradução, primeiro seria necessário apresentar de forma aprofundada a obra do autor. Portanto, seriam duas grandes dificuldades: estudar os desenvolvimentos de Jean Laplanche para poder bem apresentá-los e articular a teoria com as informações encontradas sobre o transumanismo. Tais informações por si só ofereciam barreiras significativas para serem levantadas ao passo que a maioria dos conteúdos sobre o transumanismo são em língua estrangeira.

A partir dessa reavaliação, decidimos buscar possibilidades de interpretação para o transumanismo utilizando somente a Psicanálise Freudiana. O próximo passo foi entender quais pontos da teoria seriam interessantes para o tema da pesquisa. Ou ainda, quais questões levantadas pelo transumanismo possibilitavam contribuições por meio da psicanálise. Enquanto pesquisávamos e conhecíamos mais sobre o movimento transumanista, alguns temas pareciam frequentes: a manipulação do corpo, a evitação das doenças e da morte, o desejo de ultrapassar os limites impostos pelo corpo, tempo, ambiente, entre outros. Percebendo esses núcleos temáticos do movimento transumanista, pudemos relacioná-los com algumas contribuições da psicanálise, como por exemplo: negação, angústia de castração, desejos de onipotência, fantasias infantis, resistência frente à finitude, etc.

Por fim, foi no contato com as muitas produções do transumanismo – documentários, documentos, obras artísticas, entrevistas, projetos e depoimentos – que diziam sobre o descontentamento com a ideia de morte, de doenças ou de outros tipos de fragilidade, corporal ou mental, que pudemos lançar a hipótese atual, a de que o transumanismo poderia ser uma

²⁷ A sigla FAQ refere-se à *Frequently Asked Questions*, que pode ser traduzida para o português como perguntas feitas frequentemente, ou seja, diz respeito a uma base de perguntas e respostas sobre um determinado tema.

tentativa de responder contrariamente à finitude humana, por meio da fantasia de poder ser imortal, ou ao menos, um humano aumentado, uma versão melhorada pela via dos avanços tecnológicos. Outro ponto importante para essa hipótese é o tema da castração, uma vez que para crer na fantasia de imortalidade, alguma parte da castração teria que ser negada. Tendo apresentado de forma breve o percurso da presente pesquisa, passemos para como foi feita sua organização em capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos o transumanismo: seus precursores, a materialização do movimento, os objetivos, a filosofia, as opiniões políticas, a descrição das diferentes vertentes e a arte e cultura transumanista. Nesse mesmo capítulo, apresentamos os debates e críticas em torno do transumano, envolvendo algumas discussões sobre a bioética.

No segundo capítulo, abordamos os fundamentos da nossa pesquisa. Para isso, discutimos, a partir da teoria freudiana, temas clássicos como a finitude, a castração, o desejo inconsciente de onipotência e imortalidade. Vale dizer que a apresentação desses conceitos será contextualizada com a temática do movimento transumanista.

Por último, o terceiro capítulo está dividido em três partes: a primeira foi nomeada *Transumanismo: uma manifestação do desejo de não ser castrado*, na qual discutimos sobre o corpo no transumanismo e uma possível angústia de castração. Já no segundo tópico, apresentamos o mito de Pigmaleão, utilizado como material de análise para os temas da busca pela perfeição, da castração e do edípico. Por fim, na terceira, intitulada *O Deus prótese*, argumentamos sobre o transumanismo como uma forma encontrada pelo humano para atenuar o mal-estar sentido. Ou ainda, mais especificamente, como uma fantasia inconsciente de imortalidade e, portanto, uma forma de negação da castração.

2. AFINAL, O QUE É TRANSUMANISMO?

Neste primeiro capítulo apresentamos o que foi obtido, em nossas pesquisas, sobre a definição do movimento transumanista. Dessa forma, abordamos as influências para a criação do movimento e em seguida a materialização do transumanismo. Além disso, buscamos dizer sobre os objetivos, a filosofia e as opiniões políticas dos transumanistas. Também descrevemos as diferentes vertentes do movimento dando destaque à importância da arte para os seus objetivos. Por fim, neste mesmo capítulo, apresentamos os debates e as críticas dos bioconservadores ao movimento transumanista, em especial no que diz respeito às discussões sobre a bioética.

Os Precursores

Bostrom (2005) começa seu texto *A history of a transhumanist thought*, afirmando que o desejo humano de adquirir atributos além das potencialidades comuns à espécie e superar a morte é tão antigo quanto a própria espécie humana. Para o autor, os seres humanos sempre buscaram expandir os limites da sua existência, procurando encontrar maneiras de contornar as adversidades, por meio da criação de diversos recursos.

Outro ponto citado por Bostrom (2005) refere-se aos registros encontrados, desde a pré-história, sobre os cerimoniais relacionados à morte, enterro dos mortos e criação de teorias sobre a vida após a morte, que revelam o sofrimento diante da perda e as tentativas de reduzir esse sentimento. O filósofo também menciona o desenvolvimento da magia e da alquimia como antecedentes transumanistas, uma vez que, por meio dessas práticas, buscava-se longevidade, riquezas e poderes. Sobre a alquimia, More (2023, n.p.) também relata algo semelhante:

podemos facilmente considerar os alquimistas europeus dos séculos XIII a XVIII como proto-transumanistas²⁸. Sua busca pela Pedra Filosofal ou o Elixir da Vida parece a busca por uma forma mágica de tecnologia capaz de transmutar elementos, curar todas as doenças e conceder a imortalidade (tradução nossa²⁹).

²⁸ O termo proto-transumanistas é utilizado por More para se referir à pessoas que com suas criações influenciaram indiretamente no movimento transumanista atual.

²⁹ Do original, “we can easily regard the European alchemists of the 13th to 18th century as proto-transhumanists. Their search for the Philosopher’s Stone or the Elixir of Life looks like the search for a magical form of technology capable of transmuting elements, curing all disease, and granting immortality”.

Na sequência do texto, Bostrom (2005) menciona a *Épica de Gilgamesh*, um poema épico datado de aproximadamente 2000 a.C., que narra a busca de imortalidade do rei de Uruk. Além disso, comenta sobre a crença em uma fonte da juventude eterna, ou mesmo o tema da imortalidade presente nos mitos gregos como, por exemplo, o mito de Prometeu e o mito de Dédalo – que utilizava conhecimentos de engenharia para ampliar as capacidades humanas – como referências históricas às temáticas de superação da finitude, do envelhecimento e das dificuldades decorrentes da incompletude humana.

Na Idade Média, segundo De Masi (2000), as vivências e escolhas da humanidade atravessaram décadas embebidas em religião, tradição e herança. Papas, reis e rainhas decidiam tudo em nome da fé. A única possibilidade de vida era servir a Deus, acatando seus mandamentos para em troca receber bons frutos, colheitas grandiosas e libertação das pragas. O sofrimento era aceito e visto como necessário na terra, uma vez que somente o céu poderia fornecer felicidades e vida eterna como recompensa para aqueles que bem serviram e, portanto, mereceram. Isso nos leva a pensar na busca pela imortalidade também pela religião, por meio de sua crença em vida após a morte e no paraíso.

Com a passagem à Modernidade, continua o autor, por meio das revoluções científicas, o ser humano decretou a morte de Deus e se colocou como o novo elemento prioritário. Assim, embora a religiosidade ainda fosse importante, a moral, a cultura e o comportamento público e privado priorizavam os benefícios e avanços para o indivíduo em detrimento da inabalável crença e fé tida anteriormente. De acordo com Harari (2016), esse movimento filosófico, artístico e cultural no qual o ser humano é tomado como central, único e livre foi chamado Humanismo. É por ser importante à compressão do transumanismo que abordaremos também esse antecedente, o Humanismo.

Mas antes de prosseguirmos, acreditamos ser necessário um comentário crítico. A visão de humano apresentada no humanismo precisa ser contextualizada, à medida que parte de ideais brancos, europeus e liberais e com isso exclui a pluralidade do ser humano em outras culturas e realidades e, mais que isso, promove opressão e desigualdade, assim como marginaliza saberes e formas de conhecimento que não se encaixam nos moldes da ciência moderna ocidental. Gostaríamos de poder abordar de forma mais aprofundada essa crítica, mas isso demandaria uma outra pesquisa pela complexidade do tema, porém, não poderíamos avançar sem ao menos apontar o quão estreita e eurocêntrica é a visão de humanismo difundida quando comparada à diversidade dos seres humanos.

Voltando à apresentação do humanismo, para Silva (2020), tal corrente filosófica propunha a prevalência da razão sobre os instintos e da civilização contra a barbárie. Nesse

sentido, o ser humano era tido como o resultado de um processo de construção e transformação pela ética e pela moral. Desse modo, o humano seria arrancado da natureza pela cultura e passaria a ser a medida de todas as coisas.

Foi a partir do Renascimento, segundo Bostrom (2005), que os sujeitos voltaram a tomar o ser humano e a natureza como objetos de estudo e a investir em pesquisas a partir da observação e da experimentação. Com isso, vingaram os ideais de ciência moderna, valorização do humano e moral civilizada. More (2023) destaca uma produção desse período, que se aproxima dos atuais objetivos transumanistas, o *Discurso pela Dignidade do Homem* (2015/1487), na qual Giovanni Pico Della Mirandola retrata Deus como um Artesão que, ao terminar a criação do mundo, explica a Adão sobre a natureza (ilimitada) e condição (livre) do humano. More (2023) menciona o trecho a seguir para dizer sobre a obra de Pico Della Mirandola:

Não dei, Adão, um aspecto que lhe seja único, nem um lugar para assentar, nem um dom peculiar, para que tua face, teu lugar, teu dom, deseje-os, conquiste-os e os possua segundo teu juízo e tua decisão. As naturezas outras são pré-definidas e contidas em nossas leis. Tu, não submetido a quaisquer limites, só mercê do arbítrio que em tuas mãos coloquei, definas a ti próprio. No centro do Universo, poderá apreciar tudo que está a sua volta. Não és celeste tampouco terrestre, nem mortal ou imortal, para que por si, como bom artífice esculpa a forma que eleger, segundo teu desejo e resolução. Dado teu alvitre poderás degenerar até os desarrazoados inferiores, ou se aproximar dos superiores se tua consciência regenerar. (Pico Della Mirandola, 2015/1487, pp. 61-64)

Ainda, de acordo com More, o trecho de Pico Della Mirandola ressalta que o Humanismo não é abandonado no transumanismo, já que existia no humanismo elementos basilares para o transumanismo. Apesar das semelhanças, de acordo com Harari (2016), a maior diferença entre os dois movimentos se dá pela retirada do humano da posição de criatura. No transumanismo, o humano passa a ser visto definitivamente como criador, como aquele que possui total autonomia sobre seu corpo, comportamento e futuro. Trata-se, na atualidade, segundo o autor, de uma passagem do *Homo sapiens* ao *Homo deus*.

Para More (1996), muito do Humanismo se mantém como, por exemplo, a exaltação da ciência e razão, o desejo pelo progresso, a valorização dos indivíduos e a busca por seu bem-estar, mas as propostas tecnológicas e científicas no transumanismo são diferentes. Sobre essas semelhanças e diferenças, More (1998) afirma em seu texto “The Extropian Principles” que:

Tal como os humanistas, os transumanistas favorecem a razão, o progresso e os valores centrados no nosso bem-estar e não em uma autoridade religiosa externa. Os

transumanistas levam o Humanismo mais longe, desafiando os limites humanos através da ciência e da tecnologia combinadas com o pensamento crítico e criativo. Desafiamos a inevitabilidade do envelhecimento e da morte e procuramos melhorar continuamente as nossas capacidades intelectuais, físicas e o nosso desenvolvimento emocional. Vemos a humanidade como uma etapa transitória no desenvolvimento evolutivo da inteligência. Defendemos a utilização da ciência para acelerar a nossa passagem da condição humana para uma condição transumana ou pós-humana (tradução nossa³⁰).

Bostrom (2005) continua a apresentar as produções científicas que, ao seu ver, levaram aos objetivos transumanistas atuais. Nesse percurso, o autor cita Francis Bacon, que como grande pensador do Iluminismo, propôs uma metodologia científica baseada na investigação empírica, no intuito de submeter a natureza a pesquisas e dominá-la, a fim de melhorar a condição humana. Isaac Newton, Thomas Hobbes, John Locke, Immanuel Kant e Marquês de Condorce, segundo o autor, também foram figuras importantes para o avanço do Humanismo radical, que firmou o ideal de ciência empírica e de razão crítica.

Mas, segundo Bostrom (2005), foi especialmente depois da publicação de Darwin (1859) que a humanidade passou a ser vista como algo temporário, passível de fim ou de modificação, uma vez que não seríamos o ponto mais alto ou final da evolução. A fim de garantir a devida importância às descobertas de Darwin e a sua influência no pensamento transumanista, os parágrafos que se seguem serão dedicados à Teoria da Evolução.

De acordo com Ridley (2007), a evolução é um tema há muito tempo estudado, primeiramente pela filosofia e depois por meio da biologia. Mas foi no século XIX que as principais contribuições para a área surgiram, fazendo vigorar as noções do evolucionismo, contrapondo as ideias de fixidez até então prevalentes, que afirmavam que todas as espécies vieram ao mundo do modo que as conhecemos atualmente. Lamarck e Darwin foram nomes de destaque na formulação da teoria do evolucionismo. O primeiro, por apresentar as leis de uso e desuso e da transmissão de características adquiridas e o segundo, ao propor que as diversidades dentro de uma mesma espécie eram transmitidas hereditariamente e selecionadas de forma natural.

³⁰ Do original, “Like humanists, transhumanists favor reason, progress, and values centered on our well being rather than on an external religious authority. Transhumanists take humanism further by challenging human limits by means of science and technology combined with critical and creative thinking. We challenge the inevitability of aging and death, and we seek continuing enhancements to our intellectual abilities, our physical capacities, and our emotional development. We see humanity as a transitory stage in the evolutionary development of intelligence. We advocate using science to accelerate our move from human to a transhuman or posthuman condition”.

Segundo Fernandes (2009), embora a teoria de Darwin satisfizesse diversos pontos das questões evolutivas, deixou respostas frágeis em relação a uma teoria da hereditariedade. Em outras palavras, apesar de muito à frente do seu tempo, Darwin não focalizou suas explicações nos mecanismos responsáveis pelas variações das espécies e em como essas variações eram transmitidas à descendência. Continuando a explicação sobre as descobertas da teoria da evolução, Ridley (2007) comenta que, em 1920, as pesquisas sobre a genética mendeliana já haviam avançado amplamente, expondo as noções de que a diversidade tem como fonte primária a ocorrência de mutações e a recombinação genética. Isso possibilitou a associação entre a seleção natural e a genética mendeliana, satisfazendo os pontos frágeis da teoria de Darwin, a dizer, uma teoria da hereditariedade. A síntese dessas duas ideias é chamada de neodarwinismo.

Nas décadas de 1930 e 1940, o neodarwinismo, pouco a pouco, se espalhou por todas as áreas da biologia e passou a ser amplamente aceito. O neodarwinismo é constituído por noções da genética, sistemática, paleontologia, morfologia comparativa clássica e embriologia. Apoiando-se no evolucionismo, e mais especificamente no neodarwinismo, pode-se afirmar que os seres vivos sofrem alterações na frequência de características geneticamente determinadas se adaptando de forma contínua e dinâmica ao ambiente em que vivem em um determinado período (Ridley, 2007).

Com o avançar da ciência, a biotecnologia e a engenharia genética vêm se mostrando como áreas de continuidade no campo das pesquisas sobre evolução, uma vez que objetivam o melhoramento dos seres e processos vivos, por meio das tecnologias. Portanto, de acordo com Bostrom (2005), os transumanistas encontram justificativa para seus objetivos nos pressupostos evolucionistas – de que as espécies se adaptam de forma contínua e dinâmica ao ambiente e período em que vivem – advindos primeiramente de Darwin. Os transumanistas se empenham em fazer avançar a evolução do ser humano pelas suas próprias mãos (Vita-More, 1983/2020), ou seja, as modificações não seriam mais fruto apenas das mutações, mudanças de ambiente ou combinação entre diferentes indivíduos, mas também dos projetos científicos realizados em laboratórios e das hibridizações entre humano e máquina.

Continuando o percurso histórico do transumanismo, no século XX, segundo Bostrom (2005), o geneticista John Haldane (1923) publicou o ensaio *Daedalus*, em que argumenta que seria benéfico à humanidade controlar sua genética e, com isso, alcançar uma sociedade mais rica, mais inteligente e com maior altura. Para isso, Haldane sugere que seria possível recorrer à gestação em úteros artificiais. Para Bostrom (2005), os argumentos científicos de Haldane inspiraram artistas na criação de obras de ficção, como *The world, the flesh and the devil*, escrito

por Bernal (1929), que trata sobre a colonização no espaço, o uso de implantes biônicos e melhorias mentais e *Icarus: the future of science* de Russell (1924) que, partindo de uma visão mais pessimista, afirma que, com o aumento da tecnologia, os seres humanos se prejudicariam cada vez mais.

Bostrom (2005) também comenta sobre outras duas obras de ficção, *Brave new world*, de Aldous Huxley (1932), e *1984*, de George Orwell (1949):

Huxley descreve uma distopia em que o condicionamento psicológico, a sexualidade promíscua, a biotecnologia e a droga opioide ‘soma’ mantêm a população tranquila em uma sociedade de castas estagnada e conformista, governada por dez controladores mundiais. As crianças são fabricadas em clínicas de fertilidade e gestadas artificialmente. As castas inferiores são quimicamente atrofiadas ou privadas de oxigênio durante o processo de maturação, a fim de limitar o seu desenvolvimento físico e intelectual. Desde o nascimento, os membros de cada casta são doutrinados durante o sono por vozes gravadas que repetem os *slogans* da religião ‘fordista’ oficial, e condicionados a acreditar que a sua própria casta é a melhor para pertencer. A sociedade retratada em *Admirável Mundo Novo* é frequentemente comparada com outra distopia influente do século XX, *1984* de George Orwell. *1984* apresenta uma forma mais evidente de opressão, incluindo a vigilância onipresente do Grande Irmão e a coerção policial brutal. Os controladores do mundo de Huxley, pelo contrário, recorrem a meios menos evidentes (predestinação biológica, condicionamento psicológico, soma) para impedir que as pessoas queiram pensar por si próprias. A mentalidade de rebanho e a promiscuidade são promovidas, enquanto a arte erudita, a individualidade, o conhecimento da história e o amor romântico são desencorajados (Bostrom, 2005, p. 163, tradução nossa³¹).

O mesmo autor afirma que nessas duas obras de distopia, a tecnologia não é utilizada

³¹ Do original, “Huxley describe una distopía donde el condicionamiento psicológico, la sexualidad promiscua, la biotecnología, y la droga opiácea “soma” mantienen a la población plácidamente en una sociedad de castas estanca y conformista, gobernada por diez controladores mundiales. Los niños son manufacturados en clínicas de fertilidad y gestados artificialmente. Las castas inferiores son atontadas químicamente o privadas de oxígeno durante el proceso de maduración, a fin de limitar su desarrollo físico e intelectual. Desde el nacimiento, los miembros de cada casta son adoctrinados durante el sueño por voces grabadas que repiten las consignas de la religión “fordista” oficial, y condicionados para creer que su propia casta es la mejor a la que se puede pertenecer. La sociedad pincelada en *Brave New World* es a menudo comparada con otra influyente distopía del siglo XX, *1984*, de George Orwell. *1984* presenta una forma de opresión más manifiesta, que incluye la ubicua vigilancia del Gran Hermano y la brutal coerción policial. Los controladores mundiales de Huxley, por el contrario, confían en medios menos evidentes (predestinación bio-diseñada, condicionamiento psicológico, soma) para prevenir que la gente desee pensar por sí misma. La mentalidad de rebaño y la promiscuidad son promovidas, mientras que el arte elevado, la individualidad, el conocimiento de la historia, y el amor romántico son desincentivados”.

para aumentar as capacidades humanas e que, de acordo com elas, a exploração, tecnológica e científica, deve ser restringida para que o equilíbrio social não seja subvertido.

Ainda sobre o século XX, Bostrom (2005) comenta sobre a implementação de programas eugenistas, em diversos países, como Estados Unidos e Canadá, que fomentavam a esterilização de indivíduos vistos como não aptos à continuação da espécie.

Nas primeiras décadas do século XX, não só os racistas e os ideólogos de direita, mas também alguns progressistas sociais de esquerda, estavam preocupados com os efeitos da medicina e das redes de segurança social na qualidade do patrimônio genético humano. Acreditavam que a sociedade moderna permitia a sobrevivência de muitos indivíduos ‘inaptos’ - indivíduos que morreriam em épocas anteriores - e receavam que isso conduziria a uma deterioração da espécie (Bostrom, 2005, p. 163, tradução nossa³²).

Nesses programas de esterilização, organizados pelos governos, muitos direitos humanos eram infringidos e as pessoas com deficiência, epiléticos, órfãos e sem-abrigo foram as principais vítimas (Bostrom, 2005). O mesmo autor menciona também o nazismo, na Segunda Guerra mundial, e o genocídio de Ruanda como exemplos de movimentos eugênicos movidos por governos, que ignoraram todos os direitos humanos e assassinaram milhões de pessoas consideradas, por eles, como inferiores. Bostrom (2005, p. 164, tradução nossa³³) afirma que: “Estes programas são hoje condenados em sua totalidade de forma universal. O objetivo de criar um mundo novo e melhor através de uma visão imposta centralmente tornou-se uma coisa do passado”. E finaliza esse tema apontando para a necessidade de nos lembrarmos desses acontecimentos a fim de que a história não se repita.

Devido a projetos do transumanismo como a engenharia genética, que entre outros temas lida também com a reprodução humana, no *Transhumanist FAQ*³⁴ (*Humanity Plus*, 2023) os autores argumentam sobre os movimentos eugenistas e defendem a ideia de que o transumanismo é contrário a esses princípios:

Essas ideias são totalmente contrárias aos princípios humanistas e científicos tolerados

³² Do original, “En las primeras décadas del siglo XX, no sólo racistas e ideólogos de derechas sino también un número de progresistas sociales de izquierdas se preocuparon por los efectos de la medicina y las redes de seguridad social sobre la calidad del patrimonio genético humano. Creyeron que la sociedad moderna permitía sobrevivir a muchos individuos “no aptos” -individuos que habrían perecido en periodos anteriores- y temían que esto llevara a un deterioro de la especie”.

³³ Do original, “Estos programas son hoy condenados en su totalidad de forma casi universal. El objetivo de crear un mundo nuevo y mejor a través de una visión impuesta centralmente se convirtió en cosa del pasado”.

³⁴ O *Transhumanist FAQ* é uma base de perguntas e respostas escrita por autores transumanistas como Alexander Chislenko, Max More, Anders Sandberg, Natasha Vita-More, Eliezer Yudkowsky, Arjen Kamphuis e muitos outros. O FAQ é constantemente alimentado com novas informações e pode ser visto no site da Humanity Plus acessando a aba Humanitarian-Transhumanisme depois transhumanist FAQ.

no transumanismo. Para além de condenarem a coerção envolvida em tais políticas, os transumanistas rejeitam veementemente os pressupostos racistas e classistas em que se basearam ... Os transumanistas defendem os princípios da autonomia do corpo e da liberdade de procriação. Os pais devem poder escolher por si próprios se se reproduzem, como se reproduzem e que métodos tecnológicos utilizam na sua reprodução. A utilização da medicina genética ou do rastreio embrionário para aumentar a probabilidade de uma criança saudável, feliz e com capacidade de reprodução é uma aplicação responsável e justificável da liberdade de reprodução dos pais ... As melhorias que têm apenas vantagens posicionais devem ser desvalorizadas, enquanto as melhorias que criam benefícios reais devem ser incentivadas ... Algum grau de uniformidade é desejável e esperado se formos capazes de tornar todos congenitamente saudáveis, fortes, inteligentes e atraentes (*Humanity Plus*, 2023, n.p., tradução nossa³⁵).

Seguindo o texto de Bostrom (2005) sobre o percurso histórico do transumanismo, Robert Ettinger (1964), com a publicação do seu livro *The Prospect of Immortality*, foi um dos responsáveis pela concepção atual do transumanismo, uma vez que nesse livro postulava os princípios da criogenia. Essa área do conhecimento científico propõe o congelamento dos mortos, em nitrogênio líquido, a fim de preservar seus corpos até que a tecnologia avance e seja possível reverter a morte. Bostrom (2005) continua sua exposição sobre os precursores do transumanismo com F. M. Esfandiary que também na década de sessenta, foi importante para o movimento transumanista ao formar uma escola de futuristas otimistas a *UpWingers*. Segundo Lannon (2007), Esfandiary mudou seu nome para FM-2030 por acreditar que 2030 seria uma década de enormes oportunidades para o avanço da tecnologia e ano em que a humanidade teria sua longevidade expandida ou até mesmo já teria alcançado a imortalidade. No ano 2000, Esfandiary, ou FM-2030, faleceu e atualmente se encontra em suspensão criogênica na *Alcor Life Extension Foundation*, em Scottsdale, Arizona.

Nas décadas de 1970 e 1980, continua Bostrom (2005), surgiram várias organizações de pesquisa, ainda de modo isolado, mas que tinham objetos de estudos semelhantes como, por

³⁵ Do original, “These ideas are entirely contrary to the tolerant humanistic and scientific tenets of transhumanism. In addition to condemning the coercion involved in such policies, transhumanists strongly reject the racist and classist assumptions on which they were based (...). Transhumanists uphold the principles of bodily autonomy and procreative liberty. Parents must be allowed to choose for themselves whether to reproduce, how to reproduce, and what technological methods they use in their reproduction. The use of genetic medicine or embryonic screening to increase the probability of a healthy, happy, and multiply talented child is a responsible and justifiable application of parental reproductive freedom. (...) Enhancements that have only positional advantages ought to be de-emphasized, while enhancements that create net benefits ought to be encouraged. (...) Some degree of uniformity is desirable and expected if we are able to make everyone congenitally healthy, strong, intelligent, and attractive”.

exemplo, a já citada criogenia, a colonização espacial³⁶, além de produções artísticas e midiáticas sobre futurismo. Conforme More (2023), Marvin Minsky (inteligência artificial), Eric Drexler (nanotecnologia), Hans Moravec (robótica) e Ray Kurzweil (inteligência artificial) são pesquisadores importantes para o transumanismo e juntamente com Robert Ettinger e FM-2030 são tidos, atualmente, como estudiosos do início do movimento.

Bostrom (2005, 2011) finaliza esse breve percurso histórico sobre as bases do movimento transumanista contemporâneo, expondo que a palavra transumanismo foi usada pela primeira vez pelo biólogo e primeiro diretor geral da UNESCO Julian Huxley³⁷, em 1957. De acordo com Huxley (1957), a espécie humana poderia transcender a si mesma em sua totalidade e, por isso, seria preciso um nome para a crença nessa possibilidade. Transumanismo seria válido por conservar os aspectos do humano, mas transcendê-los ao alcançar novas possibilidades artificiais de existência. Porém, conforme More (2023), Huxley não adotou esse termo relacionando-o com o que hoje conhecemos no movimento transumanista, já que sua declaração girava em torno apenas do processo evolutivo e do potencial científico e não dizia sobre um movimento filosófico propriamente dito. De acordo ainda com o mesmo autor, o termo transumanismo foi utilizado para referir-se a uma filosofia somente em 1990 por Max More³⁸, no ensaio *Transhumanism: Toward a Futurist Philosophy*.

Materialização do movimento

No ano de 1988, Max More, juntamente com Tom Morrow, lançou a primeira edição da *Extropy Magazine*. Já em 1992, criaram a *Extropy Institute* que serviu como centro de concentração de grupos de pesquisadores com ideais futuristas, por meio da realização de conferências e discussões *on-line* via lista de *e-mails* (Bostrom, 2005).

Ao longo da última década, houve uma enorme quantidade de discussões sobre o transumanismo em várias listas de correio eletrônico. A qualidade das intervenções foi variada (para dizer o mínimo). No entanto, no seu auge, essas conversas em rede exploraram ideias sobre as implicações das tecnologias que eram, em alguns aspectos,

³⁶ Habitar de forma autônoma e sustentada em outros locais que não o planeta Terra.

³⁷ Julian Sorell Huxley (1887-1975), irmão do escritor Aldous Huxley, nasceu em Londres e durante sua vida foi biólogo, filósofo e educador. Suas pesquisas foram importantes para o desenvolvimento dos estudos sobre embriologia e evolução. Huxley foi também diretor geral da Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura entre os anos de 1946 e 1948 (Bibby, 2023).

³⁸ Max More (Anexo E) nasceu em 1964 em Bristol, na Inglaterra e atualmente tem 59 anos. More é formado em Filosofia, política e economia pela faculdade de Oxford e tornou-se doutor em filosofia em 1995 pela *University of Southern California*. Atualmente More é presidente da *Alcor Life Extension Foundation*, a maior organização de criogenia do mundo (More, 2020).

muito mais avançadas do que aquilo que se podia encontrar em livros ou revistas impressas. A *Internet* desempenhou um papel importante na incubação do transumanismo moderno ao facilitar estes encontros de mentes (Bostrom, 2005, p. 174, tradução nossa³⁹).

O termo *Extropy* é usado por More, segundo Freiria (2015), como antônimo de entropia e remete a uma ordem funcional que aponta constantemente para o crescimento e melhoramento de um sistema vivo. Nesse mesmo sentido, conforme Bostrom (2005), quando Max More criou o extropianismo, destacou como princípio a expansão sem limites. Podemos compreender melhor essa ideia, por meio do *The Extropist Manifesto* (1998):

Os extropistas procuram o crescimento e o progresso perpétuo em todos os aspectos da atividade humana. Como espécie e como cultura, nunca estamos acabados ou, de uma forma essencial, completos. Em vez disso, procuramos continuamente o conhecimento, experimentamos constantemente, continuamos sempre a desenvolver técnicas que melhoram as nossas mentes, os nossos corpos, a nossa cultura e o nosso ambiente. Os extropistas afirmam essa crença e levam-na à sua conclusão lógica (tradução nossa⁴⁰).

Os seguidores do extropianismo objetivam a superação dos limites impostos pela religião e outras crenças, assim como o progresso perpétuo. Ou seja, buscam superar todas as restrições ao desenvolvimento intelectual, produtivo, político, cultural, etc. Desejam avançar sempre. Além disso, defendem a autotransformação que se refere ao aperfeiçoamento responsável, criativo e experimental de características físicas, intelectuais e morais (More, 1998).

Outro princípio é o otimismo prático que propõe um otimismo pautado na racionalidade e na ação. O criador do extropianismo também elege como demais princípios o uso da tecnologia de forma inteligente, a autodireção dos projetos, o pensamento racional e a sociedade aberta. Esse último princípio significa: “Apoio às ordens sociais que promovam a liberdade de expressão, a liberdade de ação e a experimentação. Oposição ao controle social autoritário, favorecimento do Estado de direito e a descentralização do poder” (More, 1998, p. 1). More,

³⁹ Do original, “Una enorme cantidad de discusión en torno al transhumanismo ha tenido lugar en varias listas de correos electrónicos en la década pasada. La calidad de las intervenciones ha sido variada (por decirlo suavemente). Sin embargo, en sus mejores momentos, estas conversaciones en línea exploraron ideas en torno a las implicaciones de las tecnologías que fueron, en algunos respectos, mucho más avanzadas que las que podía encontrarse en libros impresos o revistas. Internet jugó un rol importante en la incubación del transhumanismo moderno facilitando estos encuentros de mentes -¿y, acaso más indirectamente, a través de la “exuberancia irracional” que impregnó la era punto-com?”

⁴⁰ Do original, “Extropists seek perpetual growth and progress in all aspects of human endeavor. We are, as a species and as a culture, never finished or in any essential way complete. Instead, we continually pursue knowledge, we constantly experiment, we forever continue to develop techniques that improve our minds, our bodies, our culture and our environment. Extropists affirm this belief and take it to its logical conclusion”.

em seu texto “The Extropian Principles” (1998, p.1), que também serve como base à Revista e ao Instituto, afirma:

Esses princípios não são apresentados como verdades absolutas ou valores universais. Os Princípios codificam e expressam as atitudes e abordagens afirmadas por aqueles que se descrevem como ‘Extropianos’. O pensamento extropiano oferece uma estrutura básica para pensar sobre a condição humana. Esse documento não especifica deliberadamente crenças, tecnologias ou conclusões particulares. Esses princípios apenas definem um quadro evolutivo para abordar a vida de uma forma racional e efetiva, sem ser condicionado por dogmas que não podem sobreviver à crítica científica ou filosófica. Como humanistas, afirmamos uma visão racional e fortalecedora da vida, mas procuramos evitar crenças dogmáticas de qualquer tipo. A filosofia extropiana incorpora uma visão inspiradora e edificante da vida, permanecendo aberta à revisão de acordo com a ciência, a razão e a busca ilimitada de aperfeiçoamento (tradução nossa⁴¹).

A primeira criação do transumanismo em sua versão contemporânea, o extropianismo, foi importante à materialização do movimento e durou até 2006, quando Max More definiu seus objetivos como alcançados (Bostrom, 2005). Contudo, a concretização do movimento se deu somente com a criação da *World Transhumanist Association* – WTA – no início de 1998, por Nick Bostrom (Anexo F) e David Pearce. Tal associação nasceu com o objetivo de fornecer uma base organizacional aos grupos e interesses transumanistas, contemplando suas pluralidades.

A comunidade WTA cresceu rapidamente e os grupos locais proliferaram por todo o mundo. As atividades centraram-se principalmente no debate na *internet*, na elaboração de documentos, na representação nos meios de comunicação social, na organização da conferência anual *TransVision* e na publicação da revista acadêmica *on-line Journal of transhumanism* (mais tarde renomeada ‘*Journal of evolution and technology*’) ... Atualmente, a WTA tem cerca de 3000 membros de mais de 100 países e desenvolve

⁴¹Do original, “These Principles are not presented as absolute truths or universal values. The Principles codify and express those attitudes and approaches affirmed by those who describe themselves as “Extropian”. Extropian thinking offers a basic framework for thinking about the human condition. This document deliberately does not specify particular beliefs, technologies, or conclusions. These Principles merely define an evolving framework for approaching life in a rational, effective manner unencumbered by dogmas that cannot survive scientific or philosophical criticism. Like humanists we affirm an empowering, rational view of life, yet seek to avoid dogmatic beliefs of any kind. The Extropian philosophy embodies an inspiring and uplifting view of life while remaining open to revision according to science, reason, and the boundless search for improvement”.

um vasto leque de atividades, todas elas levadas a cabo por voluntários (Bostrom, 2005, p. 175, tradução nossa⁴²).

Além disso, a WTA se esforçou para que o transumanismo passasse a ser uma disciplina acadêmica séria, assim como buscou divulgar o pensamento transumanista para a população de modo geral. A WTA foi fundada por dois documentos: a Declaração Transumanista e o FAQ transumanista (Bostrom, 2005).

A Declaração Transumanista originalmente elaborada em 1998 por um grupo internacional de autores foi reelaborada várias vezes ao longo dos anos. Atualmente, apresenta oito pontos que abordam temas caros ao transumanismo, entre eles: o futuro da humanidade, a busca por superar o envelhecimento e ampliar o potencial humano, a diminuição do sofrimento humano, a consideração de questões políticas pautadas em responsabilidade moral e respeito a todos os seres, assim como o alerta sobre os riscos de um avanço da tecnologia sem cuidados (*Humanity Plus*, 2009⁴³).

Já o FAQ transumanista começou a ser produzido em 1990 e teve sua primeira versão terminada em 1998 com a participação de um grande grupo de estudiosos sobre o tema:

em 1998 tornou-se uma FAQ formal através do trabalho inspirador de transumanistas, incluindo Alexander Chislenko, Max More, Anders Sandberg, Natasha Vita-More, Eliezer Yudkowsky, Arjen Kamphius e muitos outros. A *Humanity Plus*, também conhecida como WTA, adotou as FAQ em 2001 e Nick Bostrom acrescentou informações substanciais sobre cenários futuros ... Com as contribuições de quase uma centena de pessoas do *ExI*, *Aleph*, *DeTrans*, *Transcedo*, WTA e da Associação Transumanista do Reino Unido, foi adicionado novo material e muitas seções antigas foram substancialmente reformuladas ... A FAQ Transumanista 3.0, tal como revista pelos esforços contínuos de muitos transumanistas, continuará a ser atualizada e modificada à medida que desenvolvemos novos conhecimentos e melhores formas de contabilizar os conhecimentos antigos que se relacionam direta e indiretamente com o transumanismo. O nosso objetivo é fornecer uma fonte confiável de informação sobre o transumanismo (*Humanity Plus*, 2023, n.p., tradução nossa⁴⁴).

⁴² Do original, “La comunidad de la WTA creció rápidamente y secciones locales proliferaron alrededor del mundo. Las actividades se focalizaron principalmente en la discusión en Internet, el desarrollo de documentos, la representación en los medios, la organización de la conferencia anual TransVision, y la publicación de la revista académica en línea Journal of transhumanism (más tarde renombrada como “Journal of evolution and technology”). (...) Actualmente, la WTA tiene aproximadamente 3.000 miembros de más de 100 países, y persigue un amplio rango de actividades, todas desarrolladas por voluntarios”.

⁴³ Para mais, ver em: <https://www.humanityplus.org/the-transhumanist-declaration>

⁴⁴ Do original, “in 1998 became a formal FAQ through the inspirational work of transhumanists, including Alexander Chislenko, Max More, Anders Sandberg, Natasha Vita-More, Eliezer Yudkowsky, Arjen Kamphius,

Assim como a Declaração Transumanista, o FAQ foi revisado várias vezes com o passar dos anos. Em sua versão atual, busca responder diversas perguntas sobre o transumanismo, desde “o que é o transumanismo?” até questões mais complexas como: “a morte não faz parte da ordem natural das coisas?” (*Humanity Plus*, 2023).

Atualmente, os trabalhos do *Extropy Institute*, da WTA, assim como de outras organizações do início do movimento transumanista, como por exemplo, a *Aleph* e a *Transcedo*, estão reunidos no *site Humanity Plus*, que passou a ser a organização responsável pelo desenvolvimento do movimento.

Na seção Missão do *site Humanity Plus* (2023), podemos entender o motivo da sua criação:

A *Humanity Plus* defende a utilização ética da tecnologia e da ciência baseada em evidências para expandir as capacidades humanas. Queremos que as pessoas estejam melhor do que apenas bem. Apoiamos o desenvolvimento de tecnologia de grande impacto para tornar possível um futuro benéfico. Concentramo-nos em questões científicas, tecnológicas, culturais e sociais que estão frequentemente em fase de incubação e que podem não ter atingido campos e empresas que são apoiados e financiados por instituições tradicionais. Resumindo: estamos muitas vezes à frente da curva e esperamos trazer conhecimentos seminais e importantes para a vanguarda (tradução nossa⁴⁵).

O trecho esclarece pontos importantes dos objetivos transumanistas, mas, a fim de melhor compreendê-los, dedicamos um tópico específico a eles. Vejamos.

and many others. Greg Burch, David Pearce, and Anders Sandberg kindly offered extensive editorial comments. Humanity+, also known as WTA, adopted the FAQ in 2001 and Nick Bostrom added substantial information about future scenarios. (...) With the contributions of close to hundred people from ExI, Aleph, DeTrans, Transcedo, WTA, and the UK Transhumanist Association, new material has been added and many old sections have been substantially reworked. (...) the Transhumanist FAQ 3.0, as revised by the continued efforts of many transhumanists, will continue to be updated and modified as we develop new knowledge and better ways of accounting for old knowledge which directly and indirectly relate to transhumanism. Our goal is to provide a reliable source of information about transhumanism”.

⁴⁵ Do original, “Humanity+ advocates for the ethical use of technology and evidence-based science to expand human capabilities. We want people to be better than well. We support the development of high-impact technology to make beneficial futures attainable. We focus on science, technology, culture, and social issues that are often in the incubation stages and may not have reached fields and businesses that are supported and funded by legacy institutions. In short: We are often ahead of the curve and hope to bring seminal and important knowledge to the forefront”.

Objetivos transumanistas

As práticas e pesquisas transumanistas visam modificar o humano por meio de tecnologias e ciência. Seus objetivos giram em torno de melhorar e ampliar as capacidades humanas, ao passo que visualizam a forma atual da espécie humana como uma fase inicial do desenvolvimento. Os transumanistas buscam autonomia, para que possam ser cada vez mais interventores na sua própria evolução. Para isso, dentre seus empenhos, está a análise cautelosa das formas de melhoramento humano, a fim de reduzir os riscos e acelerar os benefícios. Finalmente, defendem o bem-estar de todos os seres vivos, dentre esses os humanos, animais e futuros intelectos artificiais (Bostrom, 2005; Kawanishi & Lourenção, 2019). No *site Humanity Plus*, encontramos a seguinte definição do transumanismo:

(1) O movimento intelectual e cultural que afirma a possibilidade e o desejo de melhorar fundamentalmente a condição humana por meio da razão aplicada, especialmente desenvolvendo e tornando amplamente disponíveis tecnologias para eliminar o envelhecimento e aumentar consideravelmente as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas humanas. (2) O estudo das ramificações, promessas e perigos potenciais das tecnologias que nos permitirão superar as limitações humanas fundamentais, e o estudo relacionado às questões éticas envolvidas no desenvolvimento e uso de tais tecnologias (*Humanity Plus*, 2023, n.p., tradução nossa⁴⁶).

O objetivo acima se resume na promoção de melhorias no ser humano, a fim de aumentar sua capacidade e desempenho, como também diminuir as possibilidades de prejuízos enfrentadas pela humanidade, como as doenças, as lesões e o envelhecimento. Para alcançar esses objetivos, recorrem às tecnologias emergentes e exponenciais⁴⁷ que incluem a inteligência artificial, nanotecnologia, nanomedicina, biotecnologia, células-tronco, terapia gênica, robótica, integração cérebro-computador, transferência de memória, próteses de partes do corpo e próteses de corpo inteiro (*Humanity Plus*, 2023⁴⁸).

⁴⁶ Do original, “(1) The intellectual and cultural movement that affirms the possibility and desirability of fundamentally improving the human condition through applied reason, especially by developing and making widely available technologies to eliminate aging and to greatly enhance human intellectual, physical, and psychological capacities. (2) The study of the ramifications, promises, and potential dangers of technologies that will enable us to overcome fundamental human limitations, and the related study of the ethical matters involved in developing and using such technologies.”

⁴⁷ As tecnologias exponenciais são aquelas caracterizadas pelo rápido desenvolvimento, que seguem uma curva de crescimento exponencial e dobram seu desempenho a cada determinado período de tempo, apresentando um potencial de transformação imenso na sociedade (Verre, 2022). Para mais, ver em: <https://blog.singularitybrazil.com/blog/tecnologias-exponenciais/>

⁴⁸ Para mais, ver em: <https://www.humanityplus.org/about>

Os membros desse movimento acreditam que, por meio de ferramentas tecnológicas e científicas, podem ir além do que compreendemos na atualidade como humanos, pois visam alcançar principalmente um estado denominado pós-humano. Por exemplo, inteligência acima dos gênios humanos atuais, resistência a todas as doenças, imunidade contra o envelhecimento, controle sobre desejos e personalidade, maior capacidade de sentir prazer e experimentação de estados de consciência inacessíveis à condição humana atual. Para isso, seria necessário aprimorar o organismo humano pela combinação com partes artificiais, por técnicas farmacológicas ou ainda por alterações gênicas (*Humanity Plus*, 2023).

Moore (citado por Rüdiger, 2007), em 1994, aponta que esses novos humanos terão os aspectos físicos e funções superiores ampliadas, além de mais controle sobre as emoções. Tudo isso porque os corpos e cérebros estarão envolvidos e fundidos com os sistemas computacionais. Para Bruno (2012), essas interfaces bióticas se conectarão com as zonas visuais, olfativas, emocionais e motoras resultando em imagens, sons e sensações tidas como reais. A partir dessas inovações, os seres humanos e seus descendentes serão redesenhados. A antena de Harbisson, artista citado na introdução deste texto, que possibilita que ele mesmo, com acromatopsia, perceba as cores, pode ser vista como um exemplo do que os autores acima apontam como fusões entre humano e máquinas.

Ainda sobre a condição pós-humana, parece haver muitas possibilidades conceituais, inclusive a do corpo como desnecessário. No já citado FAQ transumanista, encontramos a seguinte afirmação:

Alguns pós-humanos podem achar vantajoso abandonar completamente seus corpos e viver como padrões de informação em vastas redes de computadores super-rápidas. Suas mentes podem ser não apenas mais poderosas que as nossas, mas também podem empregar diferentes arquiteturas cognitivas ou incluir novas modalidades sensoriais que permitem uma maior participação em suas configurações de realidade virtual. As mentes pós-humanas podem ser capazes de compartilhar memórias e experiências diretamente, aumentando muito a eficiência, a qualidade e os modos pelos quais os pós-humanos podem se comunicar uns com os outros (*Humanity Plus*, 2023, n.p.).

O *Manifesto transumanista* (Vita-More, 1983/2020) afirma que é direito de todas as pessoas a liberdade de possuir seus corpos, moldá-los e viver suas vidas, a sua maneira, uma vez que a vida humana não é restrita a uma única forma ou ambiente. A essa noção de liberdade, os transumanistas chamam liberdade morfológica, que protege aqueles que querem aumentar e aprimorar sua condição, assim como promete não coagir aqueles que não desejam intervir em seus corpos. Como consequência disso, ressaltam que a existência de pós-humanos não

resultaria no fim dos humanos. De acordo com Roux (2020), os transumanistas afirmam que a igualdade em dignidade deve existir para todos os seres vivos, sem ter de considerar a aquisição de tecnologias.

Para Marc Roux (2020), os transumanistas têm em vista a ideia de que a amortização pode ser entendida como o ser humano em um projeto aberto, ou seja, a possibilidade de se renovar sem cessar, não ser estático nunca. Dessa forma, para o autor, não haveria a busca por uma perfeição absoluta, já que essa posição condenaria o ser humano à imobilidade e a uma possível uniformidade prejudicial. Além disso, conforme Roux (2020), os transumanistas desejam uma quantidade de anos de vida indefinida, porém não exatamente infinita.

Na seção *The Philosophy of Transhumanism*, encontramos a seguinte afirmação sobre o tema:

A frequência com que os críticos falam dos transumanistas como querendo ‘aperfeiçoar’ os seres humanos ou atingir um estado de perfeição ou criar uma sociedade utópica sugere que eles não leram realmente muita literatura transumanista ... Essa crítica e outras semelhantes confundem o objetivo de melhoria ou aperfeiçoamento contínuos com o desejo de um estado de perfeição final. De fato, são coisas radicalmente diferentes. O primeiro é essencialmente um processo de mudança perpétua, enquanto o segundo é um estado de estase (*Humanity Plus*, 2023, n.p., tradução nossa⁴⁹).

Segundo Roux (2020), a busca contínua por alcançar o ideal humano, e para os transumanistas, não tem relação com um constante aumento das capacidades. Isso porque, em algumas situações, seria mais benéfico uma diminuição. O autor cita como exemplo a possível diminuição da tendência humana em acumular e consumir, apontando que essa diminuição seria benéfica às relações humanas. No texto, Roux (2020) finaliza afirmando que os transumanistas não têm como objetivo a perfeição absoluta, mas sim uma longevidade aumentada e com boa saúde. Essa condição “deveria permitir a cada um atingir uma maior realização e uma participação muito mais plena na fantástica aventura humana” (Roux, 2020, p. 101, tradução nossa⁵⁰).

⁴⁹ Do original, “The frequency with which critics talk of transhumanists as wanting to “perfect” human beings or to achieve a state of perfection or to bring about a utopian society suggests that they haven’t actually read much transhumanist literature. (...) This criticism and the others like it, confuse the goal of continual improvement or enhancement with the longing for a state of final perfection. These are actually radically different. The former is essentially a process of perpetual change whereas the latter is a state of stasis”.

⁵⁰ Do original, “debería permitir a cada uno una mayor realización y una participación mucho más plena en la fantástica aventura humana”.

Filosofia, política e vertentes do transumanismo

Neste tópico, apresentamos os valores e interesses comuns entre os transumanistas, na intenção de definir sua identidade no que tange à filosofia. Na sequência, nos referimos às diferentes vertentes do transumanismo.

Para More (2023), o transumanismo, como uma filosofia de vida, está representado pela Eupraxia. Esse termo foi cunhado pelo humanista americano e secular Paul Kurtz (1925-2012) que se refere ao conjunto de práticas e ideologias não religiosas favoráveis a uma vida ética e farta, possível por meio dos conhecimentos científicos.

Ainda sobre a filosofia, além da relação com o Racionalismo e o Iluminismo, More discorre sobre a compreensão da metafísica pelos transumanistas. Eles se descrevem como materialistas, pois explicam o mundo tendo como base a matéria. A partir disso, podem se denominar fisicalistas ou funcionalistas. Os primeiros acreditam que o eu é instanciado por um domínio físico, enquanto os segundos afirmam que o eu deve estar no meio físico, mas não necessariamente um meio físico biológico, bastando que essa instância cumpra a função cognitiva necessária. Para melhor explicar como isso ocorreria, More recorre aos estudos de Koene (2012) e Merkle (2012) e aponta: “Se os neurônios biológicos de uma pessoa fossem gradualmente substituídos, por exemplo, por partes sintéticas que suportassem o mesmo nível de função cognitiva, a mesma mente e personalidade poderiam persistir apesar de estarem ‘dentro’ de um substrato não biológico” (More, 2023, n.p., tradução nossa⁵¹).

Passando às concepções políticas, Roux (2020) diz que há tantas correntes de transumanismo como transumanistas. Com isso, o autor deseja afirmar que não há uma homogeneidade entre os objetivos políticos da totalidade de vertentes transumanistas. Por exemplo, os transumanistas democráticos acreditam que é papel do Estado a regulação das tecnologias, como forma de evitar que essas se tornem disponíveis apenas para as classes mais ricas, enquanto os transumanistas extropianos possuem uma visão política econômica liberal.

Um dos conceitos que reforçam essa concepção liberal dos transumanistas extropianos é o desprezo pela democracia contemporânea. Dessa forma, incentivam como solução o princípio da sociedade aberta, que segundo More (1998, p. 2), recomenda o estado de direito e a descentralização do poder, incentivando a liberdade de comunicação, ação, experimentação, inovação, questionamento e aprendizado. Com isso, propõem oposição aos sistemas autoritários

⁵¹ Do original, “If one's biological neurons were gradually replaced, for example, with synthetic parts that supported the same level of cognitive function, the same mind and personality might persist despite being “in” a non-biological substrate”.

e totalitários que utilizam controle social do Estado e poder coercitivo.

Extropianos valorizam as sociedades abertas que protegem a livre troca de ideias, a liberdade de criticar e a liberdade de experimentar. Mais perigosa do que as más ideias é a supressão coerciva das más ideias. As melhores ideias devem poder surgir nas nossas instituições através de um processo evolutivo de criação, mutação e seleção crítica. A liberdade de expressão de uma sociedade aberta é melhor protegida por uma ordem social caracterizada por relações e trocas voluntárias. Opomo-nos às ‘autoridades’ autoproclamadas e involuntariamente impostas e somos incrédulos em relação a soluções políticas coercivas, à obediência inquestionável aos líderes e às hierarquias inflexíveis que sufocam a iniciativa e a inteligência. (More, 1998, p. 2, tradução nossa⁵²).

A fim de dar sequência a explicação sobre as divergentes visões políticas e filosóficas no transumanismo, apresentamos a seguir as cinco principais vertentes do movimento:

1) Extropianismo: embora descrito anteriormente vale lembrar que os extropianos foram os primeiros transumanistas, o que justifica citá-los novamente. More (2023, n.p.) considera o extropianismo como uma filosofia de vida que fornece sentido e direção para a existência individual e social. Porém, destaca que não é intenção do transumanismo detalhar como uma pessoa deve conduzir sua vida. Por último, segundo Antonio (2017), a maioria dos extropianos seguem ideais anarquistas e libertários, são favoráveis ao livre mercado e ao hiperdesenvolvimento tecnológico.

2) Singularismo: os membros dessa vertente acreditam no crescimento exponencial da tecnologia, ou seja, um crescimento que não é linear e que a partir de determinado ponto se torna muito acelerado (Moore, 1965). Antonio (2018, p. 190) acrescenta que: “O crescimento exponencial, por sua vez, pode ser entendido tal como uma progressão geométrica, onde o segundo termo numa sequência de números é dado por meio da multiplicação do termo anterior pela razão”.

Partindo dessa noção, os estudiosos desse campo acreditam que a humanidade dará um grande salto na evolução quando criarem a primeira inteligência artificial e unirem essa tecnologia ao humano. Antonio (2018, p. 198) explica que, de acordo com Kurzweil (2005):

⁵² Do original, “Extropians value open societies that protect the free exchange of ideas, the freedom to criticize, and the liberty to experiment. More dangerous than bad ideas is the coercive suppression of bad ideas. Better ideas must be allowed to emerge in our institutions through an evolutionary process of creation, mutation, and critical selection. The freedom of expression of an open society is best protected by a social order characterized by voluntary relationships and exchanges. We oppose self-proclaimed and involuntarily imposed "authorities", and we are skeptical of coercive political solutions, unquestioning obedience to leaders, and inflexible hierarchies that smother initiative and intelligence”.

“A Singularidade representará, elucidada ele, o ponto de culminância, a fusão do nosso pensamento, de nossa existência biológica com nossa tecnologia e, por conseguinte, nos distanciando de nossas raízes biológicas”.

Um dos principais pesquisadores dessa vertente é Raymond Kurzweil, criador da *Singularity University*, em 2008, na Califórnia. Segundo a matéria publicada sobre o assunto pelo site *El mundo*, em fevereiro de 2009, o centro acadêmico, financiado entre outros pela *Google* e *NASA*, visa reunir pesquisadores na intenção de solucionar grandes desafios globais por meio da tecnologia exponencial.

Os singularistas pesquisam sobre a inteligência artificial, *uploading* do cérebro humano e consequentemente a imortalidade (Evangelista, 2011). Kurzweil (2018, p. 226) explica sobre o *uploading* do cérebro humano:

Fazer o *upload* de um cérebro humano significa escanear todos os seus detalhes principais e depois reinstalar esses detalhes em um substrato computacional de potência adequada. Esse processo iria capturar toda a personalidade, memória, habilidades e história de uma pessoa. Se estivermos realmente capturando os processos mentais de uma determinada pessoa, então a mente reinstalada vai precisar de um corpo, já que boa parte de nosso pensamento está dirigida para desejos e necessidades físicas. Como discutirei no capítulo 5, quando tivermos as ferramentas para capturar e recriar um cérebro humano com todas as suas sutilezas, teremos muitas opções de corpos do século XXI, tanto para humanos não biológicos quanto para biológicos que aproveitam extensões de nossa inteligência. O corpo humano versão 2.0 vai incluir corpos em ambientes virtuais completamente realistas, corpos físicos baseados em nanotecnologia e mais.

Kurzweil finaliza afirmando que para esse escaneamento detalhado serão necessários nanorobôs e que 2030 é uma data razoável para a humanidade ter acesso aos pré-requisitos computacionais para o *uploading* do cérebro.

3) Transumanismo democrático: criado por James Hughes e Nick Bostrom em 2002 como uma crítica aos extropianos (Antonio, 2017). Essa vertente, segundo Hughes (2002, citado por Antonio, 2018), defende uma abordagem socialmente responsável e ética das novas tecnologias. Para isso, endossam a Declaração Universal dos Direitos Humanos, afirmando enfaticamente a igualdade e a dignidade para todos os seres humanos.

Sua principal característica é a proposição de que a mediação do Estado democrático, como por exemplo, na criação de políticas, na pesquisa e no controle das tecnologias é condição indispensável para enfrentar as possíveis consequências maléficas do transumanismo. Desse

modo, acreditam ser papel do Estado organizar o desenvolvimento e a distribuição dessas tecnologias para que não haja um aumento das desigualdades, por meio da expansão do financiamento às pesquisas sobre tecnologia transumanistas, de planos nacionais de saúde que incluam essas tecnologias, assim como pela expansão do apoio à educação, entre outros pontos (Hughes, 2001, citado por Antonio, 2018).

Os transumanistas democráticos argumentam também sobre a necessidade de que os futuros pós-humanos se aliem a outras minorias: “minorias sexuais, culturais, raciais, especialmente com minorias morfológicas, como deficientes físicos e transgêneros” (Hughes, 2001, p. 2, citado por Antonio, 2018), a fim de conter as perseguições e discriminações sociais advindas da recusa frente às diferentes formas de ser.

4) Transumanismo hedonista imperativo: segundo seu criador, David Pearce (2007), essa vertente visa eliminar todas as formas de crueldade, sofrimento e mal-estar por meio de intervenções neuro-tecnológicas, farmacológicas e pela engenharia genética. Pearce nomeia esse projeto de projeto abolicionista e justifica sua viabilidade ao afirmar que atualmente nossa relação com o ambiente é muito diferente da que os nossos ancestrais tinham. Dessa forma, algumas ferramentas biológicas de conservação da vida, como, por exemplo, a dor, não são mais necessárias. Pearce continua afirmando que as mudanças no ambiente externo não são suficientes para findar o sofrimento humano. Como solução, o autor propõe estimulação direta dos centros de prazer por meio de eletrodos implantados, uso de drogas utópicas projetadas e engenharia genética.

5) Transumanismo teórico: diferente dos outros, esse não se trata especificamente de uma versão do transumanismo, mas sim de uma direção de pesquisa criada por Nick Bostrom com o intuito de estudar as restrições, possibilidades e consequências do movimento (More, 2023).

More (2023) cita também a existência e a importância de expressões artísticas no movimento transumanista, principalmente organizadas por Natasha Vita-More, que escreveu o *Transhuman Arts Statement*⁵³ em 1982. A partir do acesso a essa vertente artística do transumanismo, consideramos de grande importância dedicar um tópico desta pesquisa às expressões artísticas. Isso porque entendemos que, nas artes, há uma maior liberdade para expressão, o que torna possível, por exemplo, compreendermos os significados contidos nos ideais do transumanismo de uma forma ampliada.

⁵³ Para mais, ver em:

<https://web.archive.org/web/20120204070716/http://www.transhumanist.biz/transhumanistartsmanifesto.htm>

Quando entramos em contato pela primeira vez com o movimento transumanista, seus objetivos e princípios podem parecer apenas ficção. Na introdução desta pesquisa, já pudemos citar que os desejos encontrados no transumanismo são na realidade novas versões de desejos existentes desde os primórdios da humanidade. Ao observar as manifestações artísticas desse movimento, buscamos acessar algo do inconsciente desses artistas e, com isso, enriquecer as discussões do último capítulo desta pesquisa.

Arte e cultura Transumanista

No *Transhuman Arts Statement*, Vita-More (1982/2003) apresenta a arte transumanista como “representação da cultura estética e criativa da transumanidade” (p. 1). Além disso, aponta que a arte está se fundindo com a ciência e a tecnologia e que os artistas transumanistas são ativistas da busca infinita por transformação, superação da morte e exploração do universo.

À medida que as artes transumanistas se tornam mais visíveis
 À medida que mais artistas se juntam aos nossos esforços
 À medida que mais desenhos são produzidos
 À medida que mais música é composta
 À medida que mais histórias são escritas
 À medida que as ferramentas e as ideias da nossa arte continuam a evoluir,
 nós também evoluiremos (Vita-More, 1982/2003, p. 1, tradução nossa⁵⁴).

De acordo com Vita-More (1982/2003), a produção de obras de artes transumanistas iniciou no final do século XX e se estende pelo século XXI. Essas criações, segundo a transumanista, refletem os esforços dos cientistas para melhorar as mentes e corpos dos seres humanos em busca da superlongevidade. Vale dizer que os trabalhos incluídos nas artes transumanistas são feitos também por cientistas, engenheiros, filósofos, educadores, etc. Vita-More (1982/2003) explica que esses profissionais podem não ser artistas no sentido tradicional, mas a visão e criatividade das suas produções são parte integrante do futuro.

Se quiserem nomes de movimentos, gêneros e períodos, bem como de indivíduos que inspiraram o período das Artes Transumanistas e o gênero da Arte Extropianista, então seriam todos os períodos e movimentos artísticos e todos os indivíduos criativos ... Atualmente, no entanto, a Arte Transumanista é mais influenciada pelo trabalho

⁵⁴ Do original, “As Transhumanist Arts come into focus. As more artists join our efforts. As more designs are produced. As more music is composed. As more stories are written. As the tools and ideas of our art continue to evolve, So too shall we”.

realizado nas ciências, especialmente na biotecnologia e na engenharia molecular, que terão um grande impacto na arte do nosso futuro. Em breve, os artistas estarão a conceber novos corpos e novos tipos de sentidos (Vita-More, 1982/2003, p. 2, tradução nossa⁵⁵).

Vita-More também aponta a importância da arte e cultura para o futuro, seja como meio de divulgação das inovações científicas e tecnológicas ou como expressão das emoções e esperanças da humanidade:

Os artistas e as artes, ao longo da história, têm sido uma voz e uma visão da civilização. Os artistas, enquanto comunicadores, chegam aos outros e introduzem uma visão e um discernimento sobre a sociedade e a cultura. Os artistas e as artes reúnem as paixões, os sonhos e as esperanças da humanidade e da transumanidade e exprimem essas emoções de uma forma que nos toca profundamente. Quer se trate de cinema, *design* industrial ou gráfico, poesia, ficção, ficção científica, imagens digitais, vídeo, pinturas, música, dança, escultura, arquitetura, literatura - o nosso trabalho se comunica com a cultura e afeta o pulso da cultura (*Transhumanist Arts & Culture*⁵⁶, 2010, tradução nossa⁵⁷).

Vita-More (1982/2003) cita diversos nomes que seriam importantes na arte transumanista. Entre eles estão nomes de cientistas, produtores de vídeo, escultores, fotógrafos, programadores e artistas de performances. Em nossas pesquisas, encontrar os materiais produzidos por essas pessoas foi bastante difícil. Acreditamos que essa dificuldade se deve ao fato de que a maioria das produções foram feitas digitalmente e no início da era da *Internet*. Sendo assim, quando encontramos *links* que deveriam levar às obras, muitas vezes esses não correspondem mais aos comandos e não mostram as imagens e vídeos. Porém, com um trabalho árduo, encontramos alguns exemplares citados por Vita-More.

O primeiro nome citado por Vita-More (1982/2003) é Timothy Leary⁵⁸. Nascido em 1920, nos EUA, Leary foi psicólogo e professor universitário. Entre suas pesquisas, destacou-

⁵⁵ Do original, “If you would like names of movements, genres and periods as well as individuals who inspired Transhumanist Arts period and the Extropic Art genre, then it would be all art periods and movements and all creative individuals (...) Today, however, Transhumanist Arts is more influenced by the work done in the sciences, especially biotechnology and molecular engineering, which will have great impact on the art of our future. Soon artists will be designing new bodies and new types of senses”.

⁵⁶ Para mais, ver em: <https://web.archive.org/web/20120205063821/http://www.transhumanist.biz/welcome.htm>

⁵⁷ Do original, “Artists and the arts, throughout history, have been a voice and a vision of civilization. Artists, as communicators, reach out to others and introduce insight and vision about society and culture. Artists and the arts bring together the passions, the dreams and the hopes of humanity and transhumanity and express these emotions in ways that touch us deeply. Whether it is filmmaking, industrial or graphic design, poetry, fiction, science fiction, digital images, video, paintings, music, dance, sculpture, architecture, literature our work communicates to culture and affects the pulse of culture”.

⁵⁸ Para mais, ver em: <https://www.britannica.com/biography/Timothy-Leary>

se a defesa do uso de LSD e outras drogas psicoativas, uma vez que, segundo ele, essas poderiam ser eficazes na transformação da personalidade e na expansão da consciência humana. Leary também se empenhou na área da computação, projetando *softwares* e defendendo o potencial de novas tecnologias, como a realidade virtual e a *Internet*. Além disso, o psicólogo escreveu livros sobre a exploração do espaço e sobre a morte.

Outro nome mencionado por Vita-More (1982/2003) é John Dorr, criador do EZTV, um espaço de videoarte independente mundialmente conhecido. A amplitude do trabalho de Dorr impede que apresentemos sobre o artista com detalhes, mas, a seguir, expomos alguns trechos do *site*⁵⁹ da EZTV, em que é possível encontrar diversos materiais.

As raízes da EZTV começaram em 1979, quando o fundador John Dorr, após anos tentando trabalhar no sistema de estúdio de cinema de Hollywood, começou a fazer experiências com equipamentos de vídeo doméstico. Dorr fez três longas-metragens com seu equipamento doméstico e depois começou a trabalhar em um quarto quando organizou um grupo de vários outros *videomakers*, incluindo Ken Camp e Richard Moyer. Eles realizaram várias exposições noturnas de seus trabalhos no Centro Comunitário de West Hollywood. O dramaturgo Terry Mack Murphy e os atores Michael Kearns e Strawn Bovee tornaram-se colaboradores importantes (tradução nossa⁶⁰).

O *site* reúne, desde a década de setenta, mais de 1.700 obras de arte de aproximadamente 675 artistas. Essas refletem a diversidade das produções expostas, assim como a grande quantidade de criações em arte digital. John Dorr faleceu, em 1993, decorrente de complicações da doença AIDS. Atualmente, a EZTV é dirigida por Michael Masucci e Kate Johnson (EZTV, 2022).

Na aba *exhibitions* do *site* da EZTV, é possível visualizar várias coleções artísticas criadas ao longo das décadas. Entre elas, nos chamou atenção a *Cyberspace gallery*. Essa galeria, fundada em 1992, foi uma das primeiras do mundo dedicadas à arte computacional.

Em 1992, a *Cyberspace Gallery* abriu formalmente como um importante subespaço da EZTV dedicado à arte eletrônica, no entanto, com um mandato curatorial mais orientado para trabalhos essencialmente digitais. Os seus membros fundadores foram Michael J.

⁵⁹ Para mais, ver em: <https://eztvmuseum.com/about-eztv>

⁶⁰ Do original, “EZTV’s roots began in 1979 when founder John Dorr, after years of attempting to work in the Hollywood film studio system, began experimenting with home video equipment. Dorr made three feature-length films with his home equipment and then began working on a fourth when he organized a group of several other video makers, including Ken Camp and Richard Moyer. They held several evening screenings of their work at West Hollywood’s Community Center. Playwright Terry Mack Murphy and actors Michael Kearns & Strawn Bovee became key collaborators”.

Masucci e o historiador/curador Patric Prince. Outras pessoas importantes na sua criação incluem Victor Acevedo, ia Kamandalu, Michael Wright e a estagiária Lisa Tripp (EZTV, 2022, n.p., tradução nossa⁶¹).

O já citado Dr. Timothy Leary, de acordo com o *site* da EZTV (2022), foi um dos primeiros a apoiar os esforços de Michael Masucci e ia Kamandalu. Em 1992, Leary interpretou o papel de deus na parte do final das Conferências Internacionais de *CyberArts* e, em 1993, apresentou uma série na EZTV chamada *How to Operate Your Brain*.

Na *Cyberspace gallery* (EZTV, 2022), encontramos o vídeo de uma apresentação, de 1985, chamado *Viscous meanderings* que nos parece representar bem a arte transumanista pela expansão das cores, formas e movimentos humanos uma vez que atrelados às ferramentas de imagem computacional. Essa apresentação ocorreu no *Fleet Science Center* em San Diego. A dançarina chamava-se Marci Javril, a música tocada foi *Flights of Fancy* de Maggi Payne e o processador de imagens foi projetado e construído por Ed Tannenbaum.

Este vídeo foi registrado ao vivo em ‘tempo real’. O público viu a bailarina e o operador de câmara no palco. A saída da câmera foi para um buffer de imagem especial controlado por computador (resolução de 256x240) que tinha sido construído. O assistente Richard Greene controlava os efeitos pré-programados (EZTV, *Viscous meanderings*, 1985/2022).

No anexo G, expomos algumas capturas que fizemos do vídeo para ilustrar o que foi dito sobre a apresentação. O vídeo pode ser assistido, na íntegra, pelo *site* da EZTV na aba *Roots of CyberSpace Gallery*⁶².

Outro artista, citado por Vita-More (1982/2003) como parte da arte transumanista foi Eric Orr⁶³. De acordo com o *site* do artista, o seu trabalho abrangeu instalações de arte, esculturas, pinturas, artes sonoras e performances. O artista criou obras sobre elementos imateriais como luz, espaço e som. Além disso, utilizava materiais naturais como água, fogo, chumbo, ouro e sangue. Em resumo, em suas obras, Orr realizou experiências com a percepção e os sentidos humanos. Um exemplo de sua produção é a instalação artística *Silence & ion wind*, exibida no LACMA, em Los Angeles, em 1981 (Anexo H). No *site* Eric Orr (2023), encontramos a seguinte descrição da obra:

⁶¹ Do original, “In 1992, Cyberspace Gallery formally opened as an important subspace for EZTV dedicated to electronic art, however, with a more focused curatorial mandate toward work that was primarily digital. Its founding members were Michael J. Masucci and historian/curator Patric Prince. Other key individuals in its creation include Victor Acevedo, ia Kamandalu, Michael Wright, and intern Lisa Tripp”.

⁶² Para mais, ver em: https://eztvmuseum-com.translate.google/cyberspace-gallery-roots-of-cyberspace-gallery?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=wapp

⁶³ Para mais, ver em: <https://ericorr.org/>

Era constituída por três câmaras ao longo de um único eixo ... Na câmara de entrada, pouco iluminada, uma das extremidades do eixo era marcada por um retângulo de luz em forma de porta, projetado em uma parede ... A cerca de cinquenta pés da porta de luz, havia uma parede de chumbo com uma porta central, ... que conduzia à segunda câmara. Esse segundo espaço era muito escuro. O reconhecimento facial era impossível e o sentimento de identidade pessoal desvanecia-se rapidamente. Por detrás das paredes brancas, camadas de isolamento de fibra de vidro absorviam o som; a voz humana achatava-se e desaparecia imediatamente. À medida que se caminhava em direção à terceira câmara - uma pequena sala dourada que brilhava de forma convidativa no final do espaço escuro e solitário - três mudanças coordenadas ocorriam (1) a escuridão era progressivamente dissipada pela luz dourada; (2) o silêncio aumentava, à medida que o isolamento das paredes se tornava mais espesso; (3) geradores de íons negativos perto da sala dourada criavam um vento de íons que aumentava a sua força à medida que nos aproximávamos. Os íons negativos ... têm a reputação de serem revigorantes e de reduzirem o estresse. A minúscula sala no final do eixo foi revestida eletrostaticamente com ouro de 24 quilates; ... iluminada calorosamente a partir de cima, a pequena sala brilhava com um brilho transcendental ... de alguma forma, o momento tinha uma certa plenitude, ou paz (n.p., tradução nossa⁶⁴).

Vita-More (1982/2003) também nomeia Stelarc como mais um artista que difunde o transumanismo. Stelarc – Stelios Arcadiou – é um artista performático que desenvolve obras com seu corpo, unido ao uso de próteses, robôs, *Internet* e biotecnologia (Stelarc, 2019⁶⁵). No anexo I, mostramos algumas das suas obras.

o corpo é uma espécie de arquitetura evolutiva que se torna operacional e sensível no mundo. Alterar a sua arquitetura é ajustar a sua percepção e manipulação do mundo. Associado à tecnologia, o corpo atua agora para além dos limites da sua pele e do espaço

⁶⁴ Do original, “It consisted of three chambers along a single axis (...). In the dimly lighted entrance chamber, one end of the axis was marked by a door-shaped rectangle of light projected on a wall (...). About fifty feet from the light door was a lead wall with a central doorway, (...) leading to the second chamber. This second space was very dark. Facial recognition was impossible, and the sense of personal identity quickly faded. Behind the white scrim walls, layers of fiberglass insulation absorbed sound; the human voice flattened and disappears immediately. As one walked toward the third chamber - a tiny golden room which glowed invitingly at the end of the lon dark space - three coordinated changes took place (1) the darkness was progressively dispelled by golden light; (2) the silence increased, as the wall insulation thickened; (3) negative-ion generators near the golden room created an ion wind which increased its strength as one drew nearer. Negative ions, (...) they are reputed to be invigorating and stress-reducing. The tiny room at the end of the axis was electrostatically coated with 24-carat gold; (...) Warmly lighted from above, the little room glowed with a transcendental sheen. (...) somehow the moment had a certain completeness, or peace”.

⁶⁵ Para mais, ver em: http://stelarc.org/_php

que habita. O corpo é agora um sistema operacional ampliado. O corpo tornou-se obsoleto e foi invadido pela tecnologia. Este corpo vazio torna-se um hospedeiro de componentes miniaturas que se tornam biocompatíveis tanto em escala como em substância. O corpo está cada vez mais anestesiado, automatizado e involuntário. O corpo só pode atuar eficazmente com uma postura de indiferença - por oposição à expectativa. Só então o corpo pode abrir-se à possibilidade (Stelarc, 1980/2023, p. 2., tradução nossa⁶⁶).

Segundo Hermanny Filho (2012), Stelarc, por meio de suas performances, declara sobre a obsolescência e insuficiência do corpo humano e demonstra a necessidade de expansão do mesmo, pela implementação de partes artificiais.

Observando os textos e obras de Stelarc, acreditamos que além de performar sobre a junção da tecnologia com o corpo humano, o artista, em suas produções, também diz sobre o que é ser humano na atualidade para ele. Além disso, articula acerca dos sentimentos e das saídas encontradas por ele para lidar com as demandas da vida.

Em várias performances, Stelarc pratica suspensões (Anexo I) que, para o artista, seriam: “experiências de sensações corporais, expressas em diferentes espaços e em situações diversas. Não são ações para interpretação, nem requerem qualquer explicação. Não têm como objetivo gerar qualquer significado. São antes situações de indiferença e estados de apagamento” (Stelarc, 2019, p. 10, tradução nossa⁶⁷). Porém, na própria definição da atividade, Stelarc já apresenta muito significado. Nos parece que, com essas performances, o artista busca expressar sua incompletude corporal e uma espécie de crença de que com a realidade tecnológica atual seus vazios poderiam ser completados, sua existência insignificante viria a transformar-se em potência, os desejos seriam realizados e, finalmente, o humano e o mundo deixariam de ser incontroláveis. No trecho a seguir, em que o artista comenta sobre essa prática, é possível entender o que acabamos de interpretar neste parágrafo:

Anônimo e sem conteúdo, suspenso em estresse, o corpo percebe suas obsolescências.

A sua pele esticada torna-se uma paisagem gravitacional. O corpo suspenso e pacificado

⁶⁶ Do original, “the body is a kind of evolutionary architecture that becomes operational and aware in the world. To alter its architecture is to adjust its awareness and manipulation of the world. Coupled with technology, the body now performs beyond the boundaries of its skin and beyond the local space it inhabits. The body is now an extended operational system. The body has become obsolete and invaded by technology. This empty body becomes a host for microminiaturised components that become biocompatible both in scale and substance. The body is increasingly anaesthetised, automated and involuntary. The body can only perform effectively with a posture of indifference - as opposed to expectation. Only then can the body be open to possibility”.

⁶⁷ Do original, “the suspensions are experiments in bodily sensation, expressed in different spaces and in diverse situations. They are not actions for interpretation, nor require any explanation. They are not meant to generate any meaning. Rather they are sites of indifference and states of erasure. The body is empty, absent to its own agency and obsolete”.

é obsoleto, mas ainda não extinto. Tem desejos, mas não os realiza. Sente dor, mas permanece silencioso e estoico. Um corpo que não pensa nem demonstra emoções. Um corpo suspenso é um corpo *zombie*. Não reflete porque não tem mente própria nem mente alguma no sentido metafísico tradicional. Não é nem um nem outro. Estar em suspenso é não ser capaz de participar no presente nem de antecipar o resultado (Stelarc, 2019, p. 5, tradução nossa⁶⁸).

A produção de Stelarc é vasta, passível de diversos significados e, ao nosso ver, bastante representativa do movimento transumanista. Algumas de suas obras são: uma terceira mão robótica (*Third Hand* 1980-1997), um braço virtual (*Virtual Arm*, 1991-1992), uma escultura estomacal (*Stomach Sculpture*, 1993), um exoesqueleto (*Exoskeleton*, 1997-2006) e uma orelha em seu braço (*Ear on Arm* 2006-2011).

Por fim, citamos o roteirista brasileiro Alexey Dodsworth Carvalho. Como doutor em filosofia, defendeu a tese *SKYWARD Ethics and Metaphysics of Transhumanism: a proposal*⁶⁹, em que “advoga em prol de uma humanidade cosmicamente expandida, conforme proposto por transumanistas no primeiro tópico de sua *Declaração* publicada em 1998: *nós vislumbramos a possibilidade de ... superação ... de nosso confinamento ao planeta Terra*” (Carvalho, 2019, p. 5, grifos do autor). O roteirista publica textos filosóficos e literários sobre futurismo e transumanismo. Carvalho (2019) é favorável à expansão da vida humana para outros planetas e, em seus textos, discute dilemas éticos e metafísicos advindos dos impactos da tecnologia. O escritor busca aproximar ficção científica e filosofia. Alguns de seus livros literários são: *Dezoito de escorpião* (2015), *O esplendor* (2016) e *Extemporâneo* (2017).

Críticas e debates

Bioconservadores

Os Bioconservadores, segundo Vilaça e Dias (2014), são contrários ao transumanismo. Eles se opõem à ideia do uso de biotecnologias, para expandir ou melhorar as capacidades humanas, alegando que a tecnologia modificaria a natureza humana, retiraria seus valores

⁶⁸ Do original, “anonymous and undentain, suspended in stress, the body realises its obsolescences. Its stretched skin becomes a gravitational landscape. The suspended and pacified body is obsolete but not yet extinct. It has desires but does not fulfil them. It feels pain but remains silent and stoic. A body that neither thinks nor shows emotions. A suspended body is a zombie body. It does not reflect because it does not have a mind of its own nor any mind at all in the traditional metaphysical sense. To be neither one nor the other. To be in suspense in neither to be able to participate in the present nor to anticipate the outcome”.

⁶⁹ Traduzido pelo próprio autor como *Rumo ao Céu – Ética e Metafísica do Transumanismo: uma Proposta*

fundamentais e a desumanizaria. Além disso, as motivações dos bioconservadores são provenientes tanto de ideais religiosos como de valores seculares, ou seja, valores baseados na razão.

Vilaça e Dias (2014) apontam que a natureza humana seria entendida pelos bioconservadores como uma essência a ser preservada. A natureza humana poderia ser definida como um “conjunto de características que são comuns a todos os seres humanos e que distinguem os humanos de outros tipos de seres” (Buchanan, 2009, p. 142, citado por Vilaça & Dias, 2014).

Oliveira Júnior (2018) afirma que os bioconservadores partem de três principais questionamentos para argumentar contra os transumanistas: 1) poderiam as práticas em melhoramento humano desembocarem em iniciativas similares às aquelas de regimes totalitários, que incentivavam a eugenia? 2) com o melhoramento e a existência de pós-humanos, haveria um abismo social entre melhorados e não melhorados? E mais, todos poderiam arcar com os custos das práticas de melhoramento humano? (3) o uso de biotecnologias para a finalidade da expansão do humano poderia resultar em um estado de pós-humanidade degradada biológica e socialmente?

De acordo com Vilaça e Dias (2014), Leon Kass, um dos mais importantes bioeticistas norte-americanos e presidente do conselho de bioética dos Estados Unidos da América entre 2001 e 2005, está entre os bioconservadores pautados na religião. Para Kass, não é uma ideia interessante recriar o paraíso, brincar de Deus e alcançar um futuro pós-humano. Ele se preocupa com as consequências que o significado do humano e da moral podem alcançar em um contexto futurista.

A seguir apresentamos um trecho do texto “The Unique Worth of an Individual Human Life”, escrito por Kass (2010), em que o bioeticista apresenta sua compreensão de dignidade humana:

a nossa dignidade humana não se esgota naquilo que faz de nós atores insubstituíveis no palco humano. Continua a ser muito importante a forma como agimos e o modo como usamos os poderes que Deus nos deu no drama em que temos o privilégio de participar. Porque a dignidade humana é mais do que a nossa vitalidade e a nossa singularidade, devemos ter cuidado para que o apego obstinado ao princípio fundamental da vida não mande abaixo o edifício que procuramos erguer sobre ele. Porque se pensarmos que a morte é um mal irreduzível e sempre uma afronta à dignidade humana, dificilmente conseguiremos evitar abraçar o projeto de vencer o envelhecimento e a mortalidade e o prolongamento indefinido da vida. Teremos

dificuldade em lembrar-nos porque não devemos hipotecar o futuro dos nossos filhos para comprar melhores cuidados de saúde para nós próprios. E seremos pressionados a reconhecer as possibilidades desumanizadoras embutidas no projeto de domínio da natureza para aliviar a propriedade do homem e a busca biotecnológica de desempenho superior, corpos sem idade e almas farmacologicamente felizes (Kass, 2010, tradução nossa⁷⁰).

Outro importante bioconservador, segundo Vilaça e Dias (2014), é Francis Fukuyama. Ele afirma que poucas ideias são tão perigosas como as defendidas no transumanismo, ao passo que a alteração da natureza humana e dos seus limites biológicos transformaria o estatuto ontológico e os valores do humano. Os mesmos autores ressaltam que: “Consoante Fukuyama (2002), natureza humana é o somatório do comportamento e das características que tipificam a espécie humana, cuja origem são os fatores genéticos, e não os ambientais” (Vilaça & Dias, 2014, p. 353).

Araujo (2017), ao apresentar o livro *Nosso futuro pós humano*, escrito por Fukuyama (2003), aponta que o filósofo e economista retoma, no livro, os benefícios e malefícios da engenharia genética, assim como a necessidade de políticas públicas regulatórias das atividades tecnocientíficas, com a intensão de manter a dignidade humana no contexto político de democracia liberal.

o autor se posiciona a favor da intervenção do estado, o que, ao contrário, poderia se traduzir em uma verdadeira luta de classes entre quem teria recursos para aquisição de tecnologias de ‘melhoramento’ genético e os excluídos de tais tecnologias, o que, em sua radicalização, poderia gerar um tipo de eugenia patrocinada por pais abastados que escolheriam entre os melhores genes na reprodução de suas proles futuras (Araujo, 2017, n.p).

De acordo com Bostrom (2011), outros escritores bioconservadores importantes são George Annas, Wesley Smith, Jeremy Rifkin e Bill McKibben. Segundo o conteúdo encontrado na *Boston University* (2023)⁷¹, Annas escreve principalmente sobre direito sanitário e ética e

⁷⁰ Do original, “our human dignity is not exhausted by what makes us irreplaceable actors upon the human stage. It still matters greatly how we act and how well we use our God-given powers in the drama in which we are privileged to play a part. Because there is more to human dignity than our vitality and uniqueness, we must be careful lest single-minded attachment to the bedrock principle of life undermine the edifice that we seek to erect upon it. For if we think that death is an irreducible evil and always an affront to human dignity, we will be hard-pressed to avoid embracing the project for the conquest of aging and mortality and the indefinite prolongation of life. We will be hard-pressed to remember why we should not mortgage the future of our children to purchase better health care for ourselves. And we will be hard-pressed to recognize the dehumanizing possibilities embedded in the project for the mastery of nature for the relief of man’s estate and the biotechnical pursuit of superior performance, ageless bodies, and pharmaceutically happy souls”.

⁷¹ Para mais, ver em: <https://profiles.bu.edu/George.Annas>

direitos humanos na medicina. O site *Discovery Institute* (2023)⁷² aponta que Smith aborda questões bioéticas relacionadas “à consciência, proteção do paciente, eugenia, suicídio, transumanismo, ética médica, lei e política”. As informações disponibilizadas pela *BBC News* (Zafra, 2020) sobre Rifkin demonstram que ele pesquisa sobre as possibilidades de mudança da sociedade industrial para modelos mais sustentáveis de produção e também sobre sobrevivência no planeta e terceira revolução industrial. Por fim, de acordo com a resenha de Chessa (2004), McKibben escreve em oposição à clonagem, ao melhoramento genético e à nanotecnologia, afirmando que essas tecnologias podem provocar danos psicológicos e sociais aos indivíduos, assim como mudanças maléficas nas concepções de religião e família. Por este resumo, temos a intenção de apresentar as temáticas de pesquisa dos bioconservadores mais citados. Com certeza não esgotamos as inúmeras discussões realizadas pelos autores, já que essas não poderiam ser apresentadas suficientemente por nós no espaço e objetivo desta dissertação. Por outro lado, os argumentos dos bioconservadores citados podem ser mais explorados, a quem for de interesse, pelas referências mencionadas.

Segundo Vilaça e Dias (2014), os argumentos de transumanistas e bioconservadores, por mais que opostos, compartilham um ponto: a grande valorização da dimensão biológica de modo a diminuir a importância de outras esferas do ser humano. A partir dessa confrontação inicial, feita por Vilaça e Dias (2014), consideramos importante dedicar os próximos parágrafos do texto a expor algumas ideias dos bioconservadores que os transumanistas se propõem a rebater.

De acordo com Oliveira Júnior (2018), as propostas bioconservadoras apresentam uma resistência bem argumentada contra o transumanismo, mas quando confrontadas com as respostas dos membros favoráveis ao melhoramento, se tornam insipientes, ao passo que os transumanistas contra-argumentam e demonstram que as críticas não são suficientes para um banimento das biotecnologias.

Tecnologias de melhoramento são auxílio relevante para que as pessoas consigam chegar a seus objetivos, ... Concluímos que proibir quaisquer tipos de melhoramento será limitar injustificadamente a liberdade individual das pessoas e o progresso humano. Parte das propostas que pretendem barrar ou limitar em demasia tecnologias de melhoramento humano se fundam em um conservadorismo essencialista e prático injustificado. O essencialismo não permite compreender que existe uma linha pouco clara e muito tênue separando o que é natural do que é artificial, o terapêutico do que é

⁷² Para mais, ver em: <https://www.discovery.org/p/smith/>

melhoramento, já que a humanidade, a partir de seu aparato inventivo, foi produzindo historicamente mudanças no seu aparato biológico básico que modificaram as linhas do que seria natural (Oliveira Júnior, 2018, p. 90).

Nesse mesmo sentido, Bostrom (2011) rebate as críticas bioconservadoras afirmando que os dois movimentos convergem quanto à noção de que é necessário pensar sobre as implicações práticas e éticas dessas intervenções, como também, sobre os riscos secundários. Essa preocupação pode ser observada no terceiro item da Declaração Transumanista, exposta a seguir:

Reconhecemos que a humanidade enfrenta sérios riscos, especialmente pelo uso indevido de novas tecnologias. Existem possíveis cenários realistas que levam à perda da maior parte, ou mesmo de tudo, do que consideramos valioso. Alguns desses cenários são drásticos, outros são sutis. Embora todo progresso seja mudança, nem toda mudança é progresso (*Humanity Plus*, 2009, n.p, tradução nossa⁷³).

Ambos também condenam as práticas racistas e eugenistas do século XX (Bostrom, 2011). Essa afirmativa se encontra na declaração transumanista, no item seis:

A formulação de políticas deve ser guiada por uma visão moral responsável e inclusiva, levando a sério oportunidades e riscos, respeitando a autonomia e os direitos individuais e demonstrando solidariedade e preocupação com os interesses e a dignidade de todas as pessoas ao redor do globo. Devemos também considerar nossas responsabilidades morais para com as gerações que existirão no futuro (*Humanity Plus*, 2009, tradução nossa⁷⁴).

As divergências e discussões entre transumanistas e bioconservadores se estendem a várias temáticas, sendo as pesquisas sobre bioética as mais frequentes em nossas leituras. Vejamos.

Debates sobre bioética

Soares, Klautau e Klautau (2020) afirmam em relação às teorias da mente e corpo, que os transumanistas acreditam na existência da consciência como realidade extracerebral. Em

⁷³ Do original, “We recognize that humanity faces serious risks, especially from the misuse of new technologies. There are possible realistic scenarios that lead to the loss of most, or even all, of what we hold valuable. Some of these scenarios are drastic, others are subtle. Although all progress is change, not all change is progress”.

⁷⁴ Do original, “Policy making ought to be guided by responsible and inclusive moral vision, taking seriously both opportunities and risks, respecting autonomy and individual rights, and showing solidarity with and concern for the interests and dignity of all people around the globe. We must also consider our moral responsibilities towards generations that will exist in the future”.

outras palavras, seria possível ter consciência sem o cérebro biológico, sendo necessário apenas que esse fosse substituído por outro processador de informações. Kevin Warwick, em entrevista dada em 2012 ao jornal *La Vanguardia*, também segue esse raciocínio ao dizer:

É que nosso corpo já é um impedimento para nosso cérebro: nossos neurônios se conectam melhor em rede do que nossas células. É por isso que nosso corpo hoje engorda e se degrada: obesidade, diabetes... Em breve nosso cérebro vai se livrar deles (Warwick, 2012, n.p., tradução nossa⁷⁵).

Sendo assim, os transumanistas partem de uma compreensão dualista, reducionista e materialista da natureza humana, em que o ser humano é definido apenas por suas conexões neuronais (Aguila & Solana, 2015). Nesse sentido, os transumanistas privilegiam a esfera imaterial, agora definida pela informação, contida e difundida pelas conexões neurais e desdenham o organismo, material, meramente limitado e obsoleto, sendo assim, passível de consertos, manipulações, recriações ou ainda condenado ao descarte (Sibilia, 2015). As ferramentas tecnológicas, segundo Lindenmeyer (2016), são vistas pelos transumanistas como as únicas soluções possíveis para suprimir o mal-estar individual, criando uma ilusão de reparação do corpo material/limitado, como também a ideia de um humano aumentado.

Hayles (1999) afirma que para o objetivo pós-humano, o corpo é apenas uma cápsula de carne ou ainda uma prótese que aprendemos a usar e manipular. Desse modo, modificar ou substituir nossos corpos por novas cápsulas ou próteses não seria um problema, podendo o humano conectar-se a máquinas inteligentes para viver na realidade material ou em mundos virtuais, já que a única instância importante seria a da informação contida em nossos cérebros (Hayles, 1999). Assim sendo, o movimento transumanista não esconde seu desejo de dar fim ao corpo biológico, ao passo que é esse que sofre e pulsa (Castro, 2015). O pós-humano então, livre do corpo e das buscas pelo transcendente, poderia encontrar a imortalidade (Soares, Klautau & Klautau, 2020).

O que está em pauta, afirmam More e Vita-More (2020)⁷⁶, é a plasticidade humana aplicada ao extremo, o aprimoramento dos sujeitos até ultrapassar os próprios limites do humano, o humano fazendo uso dos recursos tecnológicos e científicos que possui para alcançar um absoluto, fazer proveito de uma liberdade morfológica e existencial.

⁷⁵ Do original, “Es que nuestro cuerpo ya es un impedimento para nuestro cerebro: nuestras neuronas se conectan mejor en red que nuestras células. Por eso nuestro cuerpo hoy se engorda y degrada: la obesidad, la diabetes... Pronto nuestros cerebros se librarán de ellos”.

⁷⁶ Para mais, ver em: <https://youtu.be/ffEDNLRq6y8>

Diante disso, Sibilia (2015), ao estudar as relações entre corpos, subjetividades, tecnologias, mídia e arte, lança a pergunta: estaria o humano apenas seguindo sua trajetória de avanços, uma vez que o gênero humano é fruto da técnica ou haveria um limite para essas automodificações tecnológicas? A autora conclui que a junção da biologia com a informática/computacional minimiza a complexidade humana a fim de manter os mecanismos de controle do capitalismo

Os bioconservadores apontam problemas éticos nas noções de mente e corpo adotadas pelo movimento transumanista, que podem denunciar os limites dessas intervenções tecnológicas. Aguila e Solana (2015) discutem algumas dessas questões éticas levantadas pelos bioconservadores. A primeira delas seria a da segurança, já que ao provocar modificações neurológicas e psicológicas, os transumanistas estariam intervindo em um sistema complexo que vai além de apenas sinapses de neurotransmissores. Dessa forma, essas modificações poderiam expor os indivíduos a riscos à saúde, como também riscos em relação a sua personalidade.

Segundo Aguila e Solana (2015), outro ponto apresentado se refere à justiça. Isso porque poderia haver um aumento na disparidade econômica caso não garantissem equidade na distribuição de recursos, podendo inclusive chegar ao ápice da desigualdade em dignidade, resultando na distinção do humano por uma estratificação social preconceituosa. Os autores também abordam a problemática sobre a autonomia ao indagarem: como seria a vida daqueles que decidirem não se modificar ou que não tenham acesso a esse recurso? A partir da leitura citada, é possível pensar que os sujeitos não modificados possam ser excluídos de alguns círculos sociais. Além disso, poderiam ser demitidos de seus empregos, ao passo que as empresas poderiam exigir profissionais melhorados. Também o acesso ao crédito nos bancos poderia ser vetado aos que não intervissem em seus corpos, como também a obtenção de alimentos, transporte e saúde poderia ser impedida.

Por outro lado, para Pessini (2006), a problemática sobre a autonomia afetaria também aqueles que fossem modificados, já que não se sabe como essas intervenções alterariam o discernimento dos indivíduos, assim como sua forma de pensar e sentir. Sobre isso, Pessini (2006, p. 130) problematiza sobre alguns dilemas éticos dessas modificações do humano:

o que um novo conhecimento das funções cerebrais e do comportamento implicará a respeito das noções de vontade livre e responsabilidade moral pessoal, formadas antes do aporte de tais tecnologias. Segundo, porque a prospectiva da engenharia genética, mesmo quando conotada de forma positiva no tratamento de doenças genéticas hereditárias, levanta para muitos o medo da eugenia ou preocupação com bebês

desenhados. Também os medicamentos psicotrópicos, bem vindos para o tratamento de depressão ou esquizofrenia, criam o medo do controle de comportamento, preocupações com a diminuição da autonomia ou o surgimento de identidades pessoais confusas. Precisamente por causa do novo conhecimento e dos novos poderes que diretamente trazem à pessoa humana, e na forma como podem afetar a própria noção de humanidade, certo sentimento de desconfiança paira sobre o empreendimento como um todo.

Nesse mesmo sentido, Aguila e Solana (2015, p. 510, tradução nossa⁷⁷) apontam:

No caso das drogas que aumentam o estado de alerta e diminuem a necessidade de sono, podem conduzir a uma sociedade sobrecarregada de trabalho, 24 horas por dia, 7 dias por semana, em que as pessoas podem ser exploradas em detrimento do seu próprio bem-estar e do da sua família.

Aguila e Solana (2015) dizem também sobre como é problemática a ideia de melhoramento das funções do cérebro uma vez que os adultos são constituem um grande espectro de normalidade. Sendo assim, o que seria considerável passível de melhora? Para os autores, o desejo de intervir na capacidade cerebral pode resultar em estigmas e preconceitos:

Há pessoas que enxergam as suas próprias qualidades, como ser esquecido, sério, animado, etc, como parte de sua identidade. Essas pessoas podem ser vítimas de coerção ou discriminação por se sentirem forçados a alterar a sua personalidade. Pessoas que recusarem o aprimoramento cognitivo podem ser consideradas culpadas de ir contra as normas aceitas pela comunidade, com o risco final de atenuar a diversidade de uma população (p. 509, tradução nossa⁷⁸).

Se considerarmos a busca do transumanismo hedonista imperativo (Pearce, 2007) pelo fim absoluto do sofrimento humano, podemos afirmar que ao menos essa vertente do transumanismo consideraria como anormal qualquer forma de sofrimento. Sobre isso, Aguila e Solana (2015) discutem como ficaria a memória das pessoas diante das situações de sofrimento, como também se perguntam se o critério moral para decidir entre o que é bom e ruim passaria a depender exclusivamente dos sentimentos evocados.

⁷⁷ Do original, “En el caso de las drogas que aumenten la atención y disminuyan la necesidad de sueño, podrían conducir a una sociedad con exceso de trabajo, 24 horas al día/7 días a la semana, donde la gente podría llegar a ser explotada en detrimento propio y del bienestar de su familia”.

⁷⁸ Do original, “Hay personas que ven sus propias cualidades como el de ser olvidadizos, serios, animados etc. como una parte de su propia identidad. Estas personas podrían ser víctimas de coerción o discriminación al sentirse forzados a alterar su personalidad. La gente que rechazase un mejoramiento cognitivo podría ser tomada como culpable de ir contra las normas aceptadas por la comunidad, con el riesgo último de mitigar la diversidad de una población”.

Segundo Castro (2015), o exercício de grande poder sobre o corpo fomentado pelas biotecnologias justifica a necessidade de cuidado apontada por alguns pesquisadores da bioética. Sobre isso, Pessini (2006) afirma que a bioética se propõe a lidar com problemáticas importantes para o futuro da natureza humana. Para ele, as discussões não são simples e fáceis.

Na visão do mesmo autor, para alcançar algumas respostas, são necessários: “Tolerância, civilidade, respeito e a vontade sincera de engajamento sério com a visão dos outros, que têm diferentes tradições, sejam estas seculares ou religiosas” (Pessini, 2006, p. 140). Pessini (2006) ainda aponta que bons profissionais da bioética se engajam em levantar novas perguntas e a partir delas discutir e aprofundar os dilemas, de forma respeitosa, a fim de superar aspectos ideológicos, utópicos e fundamentalistas.

Há que se exercer saudável ceticismo em relação aos que se proclamam detentores da verdade suprema em relação ao futuro do ser humano. É fato que, em relação à verdade, sempre seremos eternos aprendizes. Tal afirmação, facilmente constatável em qualquer período da história humana, se torna evidência à medida que a biotecnologia avança tão rápida que torna imprescindível o agir com sabedoria. É a sabedoria, que nasce do diálogo respeitoso e profícuo entre as diferenças, que permite discernir entre as intervenções e transformações salutares e as destrutivas, que comprometem irremediavelmente a dignidade do ser humano e o futuro da vida no planeta (Pessini, 2006, p. 140-141).

Para finalizar a temática, vale dizer que, diante do que foi apresentado e investigado em nossas pesquisas, no âmbito da bioética parece existir mais perguntas e desafios do que respostas exatas.

Neste primeiro capítulo, tivemos a intenção de apresentar os principais aspectos do transumanismo, movimento que tem como objetivo a expansão das capacidades humanas por meio da tecnologia. Podemos entender que esse objetivo leva, ou diz respeito, ao desejo de viver mais: mais anos, mais experiências, sentir mais, entender e dominar mais, etc. Isso nos leva a pensar na negação das fragilidades humanas: incompletude, impotência, finitude, limites e entre eles os impostos pelo corpo.

Com essas primeiras questões sobre o movimento, a seguir, começaremos a traçar possíveis caminhos para a análise psicanalítica do transumanismo. Para isso, abordaremos temas como a castração, o narcisismo, as compreensões acerca da morte e pós-morte e, por fim, os avanços tecnológicos que sustentam o ideário e as propostas de ser humano aumentado.

3. CAMINHOS PARA A ANÁLISE DO TRANSMANISMO

Neste capítulo, discutimos sobre a morte, a castração e o desejo de onipotência. Para isso, tomamos como base a teoria freudiana, assim como autores que abordam o movimento transumanista, a fim de apresentar os conceitos de uma forma contextualizada ao tema.

Sobre castração, morte e seus opostos

Frente ao tema do transumanismo, neste momento, consideramos importante a discussão sobre a castração e a finitude. Conforme Freud (2014/1926), com as mudanças psíquicas ocorridas no desenvolvimento das crianças, novos conteúdos são vistos como fonte de perigo. A angústia antes proveniente da perda do objeto passa para a castração e em seguida para o Super-eu.

Com a impessoalização da instância parental, da qual se temia a castração, o perigo se torna mais indeterminado. A angústia da castração evolui para angústia de consciência, angústia social. Agora já não é tão fácil dizer o que a angústia teme. A fórmula ‘separação, exclusão da horda’ diz respeito somente àquela porção ulterior do Super-eu que se desenvolveu apoiando-se em modelos sociais, não ao núcleo do Super-eu, que corresponde à instância parental introjetada. Expresso de maneira mais geral, é a raiva, o castigo do Super-eu, a perda do amor deste, que o Eu avalia como perigo e a que responde com o sinal de angústia. Pareceu-me que a variante final dessa angústia ante o Super-eu é a angústia diante da morte (pela vida), o medo da projeção do Super-eu nos poderes do destino (Freud, 1926/2014, p. 60-61).

Dessa forma, o temor da castração, tal qual vivido durante o desenvolvimento da sexualidade, pelo medo da punição frente ao desejo incestuoso, permanece na vida de todo ser humano, mas passa a ter novas roupagens. Porém, ainda carrega consigo a angústia despertada pelo Eu diante das novas situações de perigo.

Todas as instâncias para o controle de estímulos em amplas áreas acham-se desenvolvidas há muito tempo em seu aparelho psíquico, eles são adultos o bastante para satisfazer por si próprios a maioria de suas necessidades, há muito sabem que a castração não é mais utilizada como castigo, porém se comportam como se ainda existissem as velhas situações de perigo, mantêm-se apegados a todas as velhas condições da angústia (Freud, 1926/2014, p. 68)

Freud (2014/1926) aponta que, em meio a esses perigos do decorrer da vida, o último deles seria o perigo da morte. Entendemos que ao longo dos dias o ser humano é constantemente lembrado que não pode ter tudo que deseja, como também que pode se ferir por ser frágil e, por fim, que pode morrer. Segundo Freud (1926/2014), a angústia diante da morte seria o medo pela vida que poderia ser perdida caso as projeções do Super-eu fossem acatadas pelo destino levando a uma separação definitiva, uma castração final, a vida ceifada pela natureza.

Em um primeiro momento, podemos julgar a morte como natural, ou seja, já esperada diante do conhecimento da finitude do homem. Mas de acordo com Freud (1915/2010a), as características do inconsciente estão sujeitas ao princípio do prazer e, no inconsciente, os opostos não se contradizem. Dessa forma, conforme Freud (1915/2010b), o inconsciente não pode conhecer conteúdos negativos, tornando a própria morte inconcebível, uma vez que nada favoreceria nossa crença na própria morte e o medo dela só poderia se dar como resultado de um processo secundário, por exemplo, da consciência de culpa. Assim sendo, não há representação da morte no inconsciente.

Para quem nos ouvisse, naturalmente nos dispúnhamos a sustentar que a morte é o desfecho necessário de toda vida, que cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável e inevitável. Mas, na realidade, nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. Procurávamos reduzi-la ao silêncio Pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica pudemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade (Freud, 1915/2010b, p. 171).

Ainda segundo Freud (2010/1915b), no início da humanidade, o humano, ao deparar-se com seus entes queridos mortos, não pôde afastar o pensamento sobre a morte tão facilmente quanto quando o morto era um de seus inimigos. Admitir que seus próximos poderiam morrer levaria à ideia de que ele também poderia ser morto. Como solução de compromisso, passou a aceitar a morte, mas não como fim último. Para isso, em sua imaginação, o ser humano dotou-se de uma alma que permaneceria viva mesmo após a morte. Com o passar do tempo, as religiões foram criadas e a vida em que se poderia ser ferido e morto, passou a ser apenas uma preparação para a vida da alma, tida como superior.

Depois disso foi algo apenas consequente prolongar a vida no passado, inventar existências anteriores, a transmigração das almas e a reencarnação, tudo com o propósito de roubar à morte seu significado de abolição da vida. Foi assim, cedo, que teve início a negação da morte que designamos como cultural-convencional (Freud, 1915/2010b, p. 177).

Pouco antes, nesse mesmo texto, Freud (1915/2010b) escreve sobre a busca de substitutos para as perdas da vida na ficção. Para o autor, na arte, os personagens sabem morrer e matar. Somente no campo da ficção poderíamos nos reconciliar com a morte, já que nela haveria as várias vidas de que necessitamos. A partir disso, pensamos que caso o transumanismo fosse apenas um produto da ficção, já teríamos uma resposta, mas a investigação se torna mais interessante, uma vez que as propostas desse movimento são realizadas em meio às práticas científicas.

Em seu texto *A transitoriedade*, Freud (1916/2010) conta sobre sua percepção junto a dois amigos frente à transitoriedade do que é belo e admirável.

Ocorre que essa exigência de imortalidade é tão claramente um produto de nossos desejos que não pode reivindicar valor de realidade. Também o que é doloroso pode ser verdadeiro. Eu não pude me decidir a refutar a transitoriedade universal, nem obter uma exceção para o belo e o perfeito. Mas contestei a visão do poeta pessimista, de que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização (Freud, 1916/2010, p. 186).

Após fracassar na tentativa de convencer os amigos da beleza e valor independente da duração, Freud pensou que algum fator emocional estaria envolvido no pensamento dos amigos. Concluiu que, diante da transitoriedade, os amigos tiveram uma vivência antecipada do luto. Com isso recuaram diante da dor e a apreciação da beleza foi prejudicada (Freud, 1916/2010). Seria o desejo do transumanista de sempre ser jovem, forte e potente semelhante a esse recuo frente à dor mencionado no texto? Em busca de dialogar com essa pergunta, continuamos nos aprofundando nos estudos de Freud sobre a finitude.

De acordo com Freud (1920/2010), as pulsões⁷⁹ conservadoras, responsáveis por manter a vida, levam os seres a se desviarem do caminho em direção ao objetivo final que, para o autor, seria a morte. Em outras palavras, a morte seria o resultado da busca dos seres em retornar ao inanimado, porém as pulsões conservadoras fomentariam descaminhos levando cada vez mais às atividades que compõem o que chamamos de vida.

⁷⁹ Optamos pelo termo pulsão no lugar de instinto, uma vez que com o avanço da teoria o termo instinto cai em desuso por suas ligações biologicistas. Outra motivação para a nossa escolha, são as discussões existentes sobre as dificuldades de tradução do termo *Trieb* na obra freudiana.

O que daí resta é que o organismo pretende morrer apenas a seu modo; tais guardiões da vida também foram, originalmente, guarda-costas da morte. Surge então o paradoxo de que o organismo vivo se rebela fortemente contra influências (perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar sua meta de vida por um caminho curto (mediante curto-circuito, digamos), mas essa conduta caracteriza justamente os esforços apenas instintuais, em oposição aos inteligentes (Freud, 1920/2010, p.150).

Com base nesse argumento, podemos pensar que tudo que há entre o nascimento e a morte de um indivíduo é, na realidade, criação que se mostrou conveniente para desviar o curso natural que levaria à morte. Dessa forma, também o transumanismo, como produção da cultura, ao nosso ver, poderia atuar pelas vias da conservação junto a uma grande quantidade de amor próprio desejando um adiamento, o mais longo possível ou ainda perpétuo, do caminho em direção à morte.

Consideramos importante nesse momento abordar sobre o narcisismo. De acordo com Freud (1914/2010), o narcisismo vivenciado pelo indivíduo adulto é secundário, ao passo que rememora o narcisismo primário. Esse se refere ao estado prematuro do psiquismo do bebê em que ele acredita ser tudo, já que ainda não possui a capacidade de distinguir entre seu próprio corpo e os demais. Também os pais colaboram nessa dinâmica:

se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança (Freud, 1914/2010, p. 25).

Dessa forma, ao mencionar o narcisismo, nos referimos à libido redirecionada ao Eu, quando o objeto não mais pode ser entendido como fonte de satisfação. Isso porque, conforme Freud (1914/2010), quando há repressão da libido diante de um investimento amoroso, o Eu só pode ser preservado retirando essa libido dedicada ao objeto. Entendemos que o sujeito, quando volta a libido para o próprio Eu, o faz a fim de poupar-se das angústias advindas do conflito

entre o seu desejo e as exigências da civilização, ou ainda para furta-se da castração. É nesse sentido, ao nosso ver, que as pulsões de autoconservação, unidas ao narcisismo, traçam os descaminhos em direção à morte, pois deseja-se fugir a essa, que é a última das castrações.

A partir disso, podemos pensar também no desejo de ser onipotente. Esse é alimentado pela ilusão de que é possível atingir o Eu ideal e como consequência reencontrar a satisfação plena vivida na infância.

O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil, se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 1915/2010, pp. 27-28).

Diante disso, sobre a satisfação narcísica, segundo Freud (1914/2010), parte provém do narcisismo infantil que posteriormente é somado às experiências vivenciadas como favoráveis ao ideal do Eu e, por fim, é complementada pela satisfação, por meio dos investimentos objetivos.

Voltemos ao tema do desejo de ser onipotente. Freud (1920/2010) aponta que muitos acreditam na ideia de que o homem tende à perfeição. Isso explicaria as grandes criações intelectuais e as regras civilizatórias. Podemos dar alguns exemplos cotidianos dessa crença no progresso constante em direção à perfeição: o próprio lema da nossa bandeira nacional, incentivado pelo positivismo, remonta ao progresso. Ademais, a aceitação geral de que o ser humano é o topo da cadeia evolutiva leva a crer que seríamos a espécie mais próxima da perfeição ou até mesmo, na visão cristã, a única feita à imagem e semelhança de Deus. Porém, Freud (2010/1920) é contrário à ideia de que tendemos a ser perfeitos. Segundo o autor, a evolução dos seres humanos obedeceria às mesmas regras da evolução dos outros animais e essa ilusão de que poderíamos ser perfeitos se dá apenas como consequência da repressão instintual promovida pela cultura. Além disso, conforme Freud (1920/2010):

O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formações substitutivas e reativas, todas as sublimações não bastam para suprimir sua contínua tensão, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido resulta o fator impulsor que não admite a permanência em nenhuma das situações produzidas, mas, nas palavras do poeta, ‘sempre impele, indomável, para a frente’ (Mefistófeles, no *Fausto*, i,

Gabinete de estudos [cena 4]). O caminho para trás, para a completa satisfação, é em geral obstruído pelas resistências que mantêm as repressões, e assim não resta senão continuar pela direção de desenvolvimento ainda livre, embora sem perspectiva de encerrar o processo e poder alcançar a meta (pp. 152-153).

Portanto, na impossibilidade de ceder aos desejos de retorno à satisfação primária, os indivíduos traçam novos caminhos. Entre eles, a ideia de perfeição advinda da negação de suas partes estrangeiras, em outras palavras, de sua agressividade, sexualidade, entre outras características que, embora sejam constitutivas do humano, são suprimidas no contato com as normas civilizatórias.

Assim como essas partes estrangeiras são negadas, a morte, como já apontado na introdução deste trabalho, também atua por essa forma de defesa, ou seja, para o Eu, somos imortais. Sobre o mecanismo de negação, Freud (1925/2011) destaca:

A negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi reprimido, já é mesmo um levantamento da repressão, mas não, certamente, uma aceitação do reprimido. Nisso vemos como a função intelectual se separa do processo afetivo. Com ajuda da negação é anulada apenas uma consequência do processo de repressão, o fato de seu conteúdo ideativo não chegar à consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, enquanto se mantém o essencial da repressão (pp. 250-251).

Racionalmente, todos nós aceitamos a finitude do ser humano. Mesmo os transumanistas parecem não negar esse fato, diferente disso, apenas acreditam que essa condição será em breve superada. Dessa forma, de modo geral, os sujeitos concordam com a máxima de que não somos imortais. Porém, tomando o que foi dito sobre o mecanismo de negação, possivelmente a aceitação da mortalidade atua apenas no âmbito intelectual, resguardando o conteúdo da repressão: a angústia de castração, que torna inconcebível nossa própria finitude.

Nossa biologia ainda não pode decidir se a morte é o destino necessário de todo ser vivo ou apenas um incidente regular, talvez um evitável acaso no interior da vida. A proposição ‘todos os homens devem morrer’ é parafraseada, de fato, nos livros didáticos de lógica como modelo de uma afirmação universal, mas ninguém a esclarece, e nosso inconsciente tem agora tão pouco espaço como antes para a representação da própria mortalidade (Freud, 1919/2019, p. 72).

Derian (2018) aponta que, devido à tamanha angústia relacionada à decadência do corpo, surge em nosso psiquismo um desejo de negar a parte biológica que nos é intrínseca e passar a idealizar um futuro por meio da fantasia.

No item “*Isn't death part of the natural order of things?*”, os autores do *FAQ* transumanista (*Humanity Plus*, 2023) respondem que, por mais que a morte possa ser algo natural, ela não é desejável. Além disso, seguindo a lógica da morte como algo natural, os escritores apontam que o desejo de superá-la também é frequente de modo que é possível encontrar menções à imortalidade nos mais antigos textos literários, científicos e religiosos. Porém, antes do transumanismo, o único meio de superar a morte seria pela crença na ressurreição ou reencarnação, com isso, aos que desacreditavam nas religiões, restava aceitar a morte.

Pode vir a ser impossível viver para sempre, estritamente falando, mesmo para aqueles que têm a sorte de sobreviver até uma altura em que a tecnologia tenha sido aperfeiçoada, e mesmo em condições ideais. A quantidade de matéria e energia a que a nossa civilização pode ter acesso antes de recuarem para sempre para fora do nosso alcance (devido à expansão do Universo) é finita nos modelos cosmológicos atuais mais favoráveis. A morte térmica do universo é, portanto, uma questão de alguma preocupação pessoal para os transumanistas otimistas! ... Temos de viver com essa incerteza, juntamente com a incerteza muito maior de saber se algum de nós conseguirá evitar morrer prematuramente, antes de a tecnologia estar madura (*Humanity Plus*, 2023, tradução nossa⁸⁰).

É devido a esse pouco espaço para a representação da morte apresentado por Freud, e de certa forma resgatado pela resposta dos autores *FAQ* transumanista (*Humanity Plus*, 2023), que se fez necessária ao ser humano a criação das religiões e outras soluções de compromisso, uma vez que assim, a vida seria algo maior e não acabaria com a morte do corpo.

O enigma da morte será resolvido em breve?

Alguns autores como Vilaça e Araujo (2021) e Hernández (2021) investigam sobre a proximidade do movimento transumanistas com as religiões em seus estudos. Não é nossa intenção comprovar se o transumanismo é uma religião ou não, pretendemos apenas colocar em pauta essa discussão para complementar o que estamos articulando sobre a morte, a

⁸⁰ Do original, “It may turn out to be impossible to live forever, strictly speaking, even for those who are lucky enough to survive to such a time when technology has been perfected, and even under ideal conditions. The amount of matter and energy that our civilization can lay its hands on before they recede forever beyond our reach (due to the universe’s expansion) is finite in the current most favored cosmological models. The heat death of the universe is thus a matter of some personal concern to optimistic transhumanists! (...) We have to live with this uncertainty, along with the much greater uncertainty about whether any of us will manage to avoid dying prematurely, before technology has become mature”.

indisponibilidade do ser humano em compreendê-la e em consequência disso, necessitar de criações que forneçam respostas a esse enigma.

Conforme Waters (2011, citado por Vilaça & Araujo, 2021), o transumanismo seria uma resposta à questão da finitude, com caráter religioso e moderno, por mais que não se enquadre como uma religião. O movimento, para o autor, diz sobre uma possibilidade de salvação diante da morte. Waters ainda aponta que o transumanismo teria semelhanças com a cosmovisão do cristianismo, já que ambos apontam que o ser humano precisa superar a condição atual. No transumanismo, a tecnologia seria usada para esse fim, enquanto no cristianismo, o salvador seria Cristo. Além disso, os transumanistas, tais quais os cristãos, também compreendem a morte como o grande inimigo, de forma que, para os primeiros, essa seria vencida pela biotecnologia e interfaces humano-máquina, enquanto que para o segundo grupo, a morte findaria com a ressurreição de Cristo.

Vilaça e Araujo (2021) explicam que a origem do argumento de que o transumanismo poderia ser uma religião advém do seu princípio de transcendência. Esse, segundo os autores, confere aspectos soteriológicos e escatológicos ao movimento. A Soteriologia, de acordo com Gasparetto Junior (2023), é a disciplina que estuda sobre a salvação humana. Já a Escatologia, segundo Weber (2019), na teologia, é a doutrina sobre o que acontecerá após o fim do mundo com a humanidade. Citando o dicionário de teologia, o mesmo autor afirma que a escatologia “É a referência permanente a um futuro absoluto e transcendente, que é Deus e que emerge em toda reflexão antropológica-teológica ao tratar do sentido e da finalidade do homem, da história e do cosmo” (Weber, 2019).

Diante dessas definições, podemos retornar às afirmações de Vilaça e Araujo (2021). Eles apontam que os transumanistas buscam transcender a condição humana atual por meio do biomelhoramento proporcionado pela tecnologia e ciência. Com isso, ultrapassariam o ser humano, ocasionando o fim da humanidade ao passo que uma nova humanidade surgiria: os pós-humanos.

Por sua vez, o conteúdo escatológico transumanista pode ser interpretado da seguinte forma: ‘podemos alcançar os frutos/promessas da plenitude sem precisar realizar o traspasso da morte, por meio dos avanços tecnológicos’. Do modo mais simples, pode ser traduzido por meio do seguinte anexo popular ‘todo mundo quer ir para o céu, mas ninguém quer morrer’ (Hernández, 2021, p. 168).

Breton (2018) argumenta sobre o transumanismo como uma nova religiosidade:

o transumanismo desenvolve um tecno-profetismo, uma nova religiosidade, um caminho de salvação para libertar o homem das suas antigas limitações, que agora são

vistas como fardos. Ela persegue o sonho de um homem que não sofre, que não é afetado pelas emoções, mestre de si mesmo e imortal, escapando a toda a contingência e radicalmente autônomo. Aposta na convergência das tecnologias modernas: engenharia genética, informática, nanotecnologia e ciências cognitivas para liquidar o corpo como um fóssil, um anacronismo, um obstáculo à libertação da condição humana em direção a uma pós-humanidade. Doença, cansaço a fadiga, o esquecimento, o envelhecimento, a fragilidade e a morte serão eliminadas, e as capacidades do cérebro serão alargadas ao infinito graças às memórias informáticas que darão à ‘mente’ o conhecimento imediato de línguas, técnicas, possibilidades sensoriais excessivas, etc. Nada de mau pode acontecer (pp. 95-96, tradução nossa⁸¹).

More (1990), contrário ao transumanismo como uma forma de religião, aponta que o ser humano recorre à religião pelo conforto que pode oferecer diante do fato que é a morte. O filósofo ainda ressalta que alguns transumanistas acreditam que, com o avanço da tecnologia, a importância das religiões diminua. More (1990) afirma que imaginar um paraíso em outra dimensão retira do ser humano a responsabilidade pela própria condição, que deve ser transformada usando a razão e a tecnologia.

Lopes (2019) escreveu uma reportagem na *Revista Veja*⁸² que apresenta exatamente essa busca pela imortalidade na medicina dos últimos anos. A autora afirma que:

Não existe movimento mais interessante na medicina, hoje, do que os avanços no campo da imortalidade, e não há nessa afirmação nenhum exagero (ainda que estejamos longe, muito longe, da vitória final). Apenas no ano passado, *Apple, Amazon, Google, Microsoft e Facebook* aplicaram grande parte de seu faturamento nos Estados Unidos – algo em torno de 150 bilhões de dólares, o equivalente a 600 bilhões de reais – no chamado mercado da longevidade (Lopes, 2019, n.p).

⁸¹ Do original, “le transhumanisme développe un techno-prophétisme, une nouvelle religiosité, une voie de salut pour délivrer l’homme de ses anciennes limites posées désormais comme des pesanteurs. Il poursuit le rêve d’un homme non souffrant, non altéré par les émotions, maître de lui-même et immortel, échappant à toute contingence et radicalement sous autocontrôle de soi. Il mise sur la convergence des technologies modernes : ingénierie génétique, technologies de l’information, nanotechnologies, et sciences cognitives pour liquider un corps posé comme fossile, anachronisme, entrave à la libération de la condition humaine vers une post-humanité. La maladie, la fatigue, l’oubli, le vieillissement, la fragilité, la mort seront éliminés, et les capacités du cerveau étendues à l’infini grâce à des mémoires informatiques qui donneront à l’« esprit » une connaissance immédiate des langues, des techniques, des possibilités sensorielles démesurées, etc. Rien de mauvais ne saurait en émaner”.

⁸² A linha editorial da respectiva revista é conhecida por um enviesamento político. Por vezes, em suas publicações apresentam conteúdos com opiniões difundidas pela direita voraz e/ou publicam matérias que vulgarizam a ciência. Sabemos desses pontos e não concordamos com essas atitudes, optamos pelo uso dessa referência, exclusivamente, pelo material que diz sobre as inovações médicas e tecnológicas dos últimos anos.

Além das empresas citadas, Lopes (2019) também menciona o interesse pela imortalidade dos executivos do Vale do Silício e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). A autora ressalta que, entre as diversas pesquisas em andamento, se destacam estudos sobre o coração, sobre o câncer e sobre o cérebro em estados terminais. Por fim, na matéria, são apresentadas várias inovações como por exemplo a rapamicina (pesquisada como substância antienvelhecimento), a metformina (possível corretor de DNA defeituoso), a impressão de órgãos 3D, entre outras.

Alexandre (2018), renomado médico cirurgião, também afirma sobre os avanços da medicina biotecnológica. O título do livro do autor, *A morte da morte*, já produz diversas reflexões. Estaríamos prestes a aniquilar a única certeza do humano, sua finitude? Logo na introdução, contrariamente à opinião até então predominante da morte como realidade imposta, Alexandre (2018) aponta que, na atualidade, a morte é compreendida, pelos pesquisadores da biotecnologia, como um problema que precisa, e pode, ser resolvido.

Amanhã, a morte não será mais o resultado natural de toda uma vida. Ela se tornará uma doença como outra qualquer, ainda que um pouco mais complexa de erradicar... ou uma escolha para os suicidas. Essa profunda transformação existencial será traumatizante de tanto que o biofatalismo, o mortalismo, isto é, a aceitação da inelutabilidade de vidas curtas, está inscrito em nossas culturas. Compreender que a morte é uma doença como as outras, ou mais exatamente ‘a última doença’, não é evidente (Alexandre, 2018, p. 10).

O mesmo autor também sinaliza que, com o avanço das pesquisas genéticas, a morte deixa de ser entendida como uma intervenção advinda do exterior. Um exemplo se daria pela compreensão popular da morte como ceifadora de vidas, que passa a ser estudada como intrínseca à constituição dos seres. Em outras palavras, a morte já estaria contida no interior de nossos organismos e à medida que algumas células morrem, e permitem que outras vivam, todos os dias. A morte esculpe a vida (Alexandre, 2018).

Alexandre (2018) argumenta que a civilização já vem, há muito tempo, modificando a ação da natureza de selecionar poucos, melhor adaptados, em meio a muitos, mas que com a tecnologia, para os transumanistas, passa a ser possível “escapar à tirania do destino, da natureza e da sua condição social” (p. 38).

Para eles, a humanidade não deve ter nenhum escrúpulo na utilização de todas as possibilidades de transformação do humano oferecidas hoje pela ciência. Lançados pelo acaso em um caminho que não leva a lugar algum, os homens finalmente retomam em

mãos seu destino ao quebrar de uma vez por todas uma seleção Darwiniana já bem questionada pela civilização. Essa morte que a natureza nos impôs, vamos continuar a combatê-la por meio das NBIC⁸³ e, provavelmente, com mais sucesso que nunca (Alexandre, 2018, p. 44).

Um dos capítulos do livro de Alexandre (2018) recebe o nome de *Transgressões em alta velocidade* e argumenta sobre a rapidez, nunca antes vista, das inovações médicas e tecnológicas. Outro ponto discutido é como os avanços da ciência (transgressões) são adotadas rapidamente, para o autor, quase como uma imposição. “O deslizamento do ‘proibido’ ao ‘tolerado’ e depois ao ‘permitido’ e enfim ao ‘obrigatório’ se opera em um ritmo ditado pelas descobertas científicas” (Alexandre, 2018, p. 126).

Alexandre (2018) também comenta sobre a ênfase dada pelos transumanistas à possibilidade de personalização. Nessa configuração de humanidade, cada um realizaria as intervenções que julgar interessante em seu corpo e consciência de forma ilimitada. Para o autor, essas experimentações ganham caráter lúdico, em que o real e virtual se misturam, e são característicos da geração Y que já nasceu em meio às inovações da *Internet*. Segundo o autor, os indivíduos dessa geração não veem impeditivos para as transgressões, pois seguem uma filosofia pautada no divertimento e dão pouca importância aos valores e à tradição.

Esses jovens não verão nenhum mal nos avanços da ciência; pelo contrário, aplaudirão cada nova possibilidade oferecida pelas biotecnologias, adotando com gulodice (que o efeito da moda e a perspectiva de ser o primeiro atíçarão) as novidades mais extravagantes. ‘Eu domestico meu DNA’ será uma das palavras de ordem dessa geração (Alexandre, 2018, pp. 134-135).

Alexandre (2018) afirma que esses jovens farão oposição às tentativas de proibição feitas pelos bioconservadores. E pouco a pouco, como dito nos parágrafos anteriores, as evoluções biotecnológicas passarão de um direito à saúde da população, em meio à ideia de Estado de bem-estar social, ao direito à prolongação da vida e, quem sabe, à imortalidade.

Haverá, portanto, um *continuum* entre Estado de bem-estar social e a transgressão genômica. Diante do povo e de suas reivindicações legítimas (‘Tenho direito de não morrer! Tenho direito de ser expandido! Tenho direito de...’) os governos deverão ponderar. A geração da *Internet* e do vídeo game não compreenderá que a engenharia genética possa lhe ser recusada. Ela derrubará as maiorias políticas que se opõem às

⁸³ NBIC é a sigla utilizada para se referir ao conjunto de técnicas compostas pelas nanociências, biotecnologias, tecnologias da informação e ciências cognitivas.

suas reivindicações. *Vox populi...* De natural e aceita, a morte vai se tornar escandalosa (Alexandre, 2018, pp. 145-146).

Com essas modificações radicais sobre a morte, Alexandre (2018) se questiona sobre o papel psicológico da morte e como ficariam os humanos sem a certeza da finitude. Ficaremos deprimidos ou deixaremos de ser humanos, uma vez que uma parcela do sentido da vida seria devido à brevidade? Ao comentar sobre o porquê a morte nos ajuda a viver, o autor cita a Psicanálise:

Quando tudo é possível o ser humano enlouquece. A psicanálise nos ensinou a que ponto a ausência de restrições é fonte de depressão, ou mesmo de desespero. Vamos nos reconstruir, nos reinventar. A ideologia NBIC, que exalta nossas fantasias de domínio da natureza e de nós mesmos, é portadora de muitas das patologias psiquiátricas. O transumano viverá a ilusão de sua onipotência, que é mortal para o equilíbrio psicológico (Alexandre, 2018, p. 241).

Finalizamos este capítulo com as reflexões de Alexandre (2018) sobre a compreensão da morte na sociedade contemporânea. No capítulo seguinte, exploraremos as ilusões de onipotência, imortalidade e o desejo de não ser castrado, por intermédio de um mito grego, de uma carta escrita por um integrante do transumanismo e de um projeto transumanista de humano atualizado. Este será o material para a análise propriamente psicanalítica do transumanismo como fenômeno da cultura. Vejamos.

4. ENTRE CRIADORES E CRIATURAS

Neste capítulo, avançamos nas interpretações do transumanismo à luz da psicanálise. No primeiro tópico, apresentamos a carta de More (1999) escrita para a mãe natureza e o projeto de Vita-More (2002) chamado *Primo Posthuman*, a fim de discutir sobre o corpo e a angústia de castração no transumanismo. No tópico seguinte, apresentamos o mito de Pigmaleão, a fim de abordar o tema da busca pela perfeição, relacionando-o ao edípico e à angústia de castração. Por último, na terceira parte do capítulo, argumentamos sobre o transumanismo como uma realização da cultura para alcançar a felicidade e atenuar o sofrimento. A discussão se encaminhou para a compreensão do transumanismo como uma fantasia inconsciente de imortalidade a partir de uma negação da castração.

Transumanismo: uma manifestação do desejo de não ser castrado

Conforme o *site* oficial do transumanismo (*Humanity Plus*, 2023), uma das missões do movimento seria a busca por uma excelente saúde. Tendo isso em vista, além de realizarem pesquisas na área de biotecnologia, os transumanistas são a favor de práticas de condicionamento físico pela realização de exercícios aeróbicos e anaeróbicos, yoga, pilates e dança. Ademais, participam de dietas e condicionamento mental, como meditação, budismo e outras práticas (*Humanity Plus*, 2023, n.p.). A menção dessas práticas, físicas e mentais, reforça a compreensão da insatisfação, declarada pelos transumanistas, com o corpo e a busca pelo seu melhoramento. A intenção é tornarem-se resistentes, em suas palavras, aos defeitos do corpo biológico, a dizer, o envelhecimento, os danos e as doenças. Dessa forma, propõem que é direito de todos os seres humanos se alterar de acordo com a já citada noção de liberdade morfológica. Os transumanistas desejam poder escolher seus corpos podendo, inclusive, optar por corpos virtuais (*Humanity Plus*, 2023).

No seu texto, *Letter to mother*, More (1999) escreve de forma gentil e respeitosa à mãe natureza, no intuito de agradecer as qualidades atribuídas ao humano.

Gostaríamos de vos agradecer por todas as qualidades maravilhosas com que nos dotaram, utilizando a vossa enorme, embora lenta, inteligência sequenciada. Transformaste-nos de simples formas químicas auto-replicantes em mamíferos constituídos por milhares de milhões de células. Deste-nos o controle absoluto do planeta. Deste-nos uma esperança de vida mais longa do que a da maioria dos outros

animais. Dotaste-nos de cérebros complexos, dando-nos a capacidade de falar, de raciocinar, de antecipar, de ser curiosos e criativos. Deste-nos a capacidade de nos compreendermos e de sentirmos empatia pelos outros. (More, 1999, tradução nossa⁸⁴).

Por outro lado, More escreve essa carta também para apontar erros e elencar emendas à constituição humana. Ou seja, acrescentar ou alterar características da condição original.

Mãe Natureza, somos verdadeiramente gratos a você pelo que você nos fez. É evidente que fizeste o melhor que pôde. No entanto, com todo o respeito, temos de dizer que, em muitos aspectos, fez um mau trabalho no que diz respeito à constituição humana. Tornou-nos vulneráveis a doenças e lesões. Condenou-nos à idade e à morte - precisamente quando estamos a atingir a sabedoria. Foi mesquinha na extensão da nossa consciência dos processos somáticos, cognitivos e emocionais. Limitaste-nos ao dar os sentidos mais apurados aos outros animais. Só temos a capacidade de funcionar em condições ambientais específicas. Deu-nos uma memória limitada, um fraco controle dos impulsos e pulsões tribais e xenófobos. E esqueceu-se de nos dizer como utilizar! O que você fez de nós é lindo, mas profundamente falho (More, 1999, n.p., tradução nossa⁸⁵).

Diante dos erros apontados à mãe natureza na criação do humano, More (1999) afirma que os seres humanos saíram da infância, sendo aquele o momento de se moldarem, com o uso de ferramentas biotecnológicas, em busca da excelência.

Parece ter perdido o interesse na nossa evolução nos últimos 100.000 anos. Ou talvez estejas a demorar o teu tempo, à espera de que nós próprios tomemos conta da próxima fase. Seja como for, saímos da infância. Decidimos que é tempo de alterar a constituição humana (More, 1999, tradução nossa⁸⁶).

⁸⁴ Do original, " Nous voudrions te remercier pour toutes les qualités merveilleuses dont tu nous a dotés, en utilisant ta massive, bien que lente, intelligence séquencée. Tu nous as fait passer du stade de simple forme chimique autorépliquante à celui de mammifères composés de milliards de cellules. Tu nous a donné la maîtrise absolue de la planète. Tu nous a donné une espérance de vie plus longue que celle de la plupart des autres animaux. Tu nous as doté d'un cerveau complexe, qui nous confère la capacité de parler, de raisonner, d'anticiper, d'être curieux et créatifs. Tu nous as donné une capacité de compréhension de soi et d'empathie à l'égard des autres".

⁸⁵ Do original, "Mère Nature, nous te sommes vraiment reconnaissants pour ce que tu as fait de nous. Il est clair que tu as fait du mieux que tu pouvais. Cependant, sauf ton respect, nous devons constater que sur de nombreux aspects tu as fait un travail médiocre pour ce qui est de la constitution humaine. Tu nous a fait vulnérables aux maladies et aux blessures. Tu nous a voués au vieillissement et à la mort – juste au moment où nous atteignons la sagesse. Tu as été mesquine dans l'étendue de ce qui a trait à la conscience de nos processus somatiques, cognitifs et émotionnels. Tu nous a limités en donnant les sens les plus affutés aux autres animaux. Nous n'avons la capacité de fonctionner que dans des conditions environnementales spécifiques. Tu nous a donné une mémoire limitée, un faible contrôle de nos impulsions, et des pulsions tribales et xénophobes. Et tu as oublié de nous donner le mode d'emploi de nous-mêmes! Ce que tu as fait de nous est magnifique, mais profondément imparfait".

⁸⁶ Do original, "Il semble que tu aies perdu tout intérêt pour la suite de notre évolution depuis 100 000 ans. Ou peut-être que tu prends ton temps, en attendant que nous prenions en charge nous-même le passage à l'étape

É possível interpretar o conteúdo da carta como uma reclamação diante da castração. Podemos notar uma revolta, e até certa agressividade, direcionada ao fato de termos doenças e envelhecermos, mas essa agressividade exposta oculta outra, que diz respeito à revolta por ser imperfeito, mortal e limitado. Nesse sentido, para More (1999), a mãe natureza falhou e os transumanistas deverão corrigir seus erros. Portanto, o erro da mãe teria sido criar regras para a natureza. Natureza que pode ser entendida como o ambiente que apresenta dificuldades aos humanos, mas também pode receber o sentido de natureza humana. Em outras palavras, características essenciais do humano que ao mesmo tempo que delimitam o que se é, também o privam de ser diferente. Portanto, a queixa se deve ao fato de não sermos completamente livres, assim como, por não sermos pura potência, ou seja, pela mãe natureza não ter nos permitido tudo, inclusive o prazer de ser criador e com ela criar. Ao contrário, o ser humano é apenas uma criatura, um filho. Com isso, as regras da mãe natureza, ao passo que estabelece o lugar de criatura reservado ao humano, estariam impedindo também o incesto e o prazer absoluto.

Na sequência do texto, o mesmo autor cita sete emendas à constituição humana. A primeira diz respeito à busca de vitalidade e fim do prazo de validade humano como formas de não aceitação do envelhecimento e da morte. Na segunda, fala sobre a ampliação da percepção humana para aumentar a compreensão do mundo. Já na terceira, menciona o melhoramento das capacidades neurais, como memória e inteligência. A quarta emenda complementa a terceira, ao passo que diz sobre o acoplamento de um meta-cérebro, ou seja, de um cérebro artificial ao neocórtex biológico, com o objetivo último de aumentar os níveis de consciência e controle das emoções. Na emenda de número cinco, o autor afirma que os defeitos individuais, assim como os da espécie humana serão reparados uma vez que o ser humano poderá alterar sua genética. O sexto item trata das emoções. More sustenta que buscaremos regular os excessos e substituí-los por emoções refinadas. Por último, na sétima emenda, o autor propõe a expansão do ser humano também na esfera bioquímica, ao passo que nega compostos orgânicos à base de carbono como a única opção.

More (1999) assina sua carta à mãe natureza como “seu filho humano ambicioso”. Dessa maneira, nos parece que o transumanismo procura apresentar seu inconformismo com os limites, por meio dessa grande confiança nas inovações tecnológicas. Quando More (1999) diz que os humanos saíram da infância, poderíamos supor que estaríamos então, como espécie humana, em uma fase do desenvolvimento semelhante à adolescência, um período conhecido

suiivante. Dans tous les cas, nous sommes sortis de l'enfance. Nous avons décidé qu'il était temps d'amender la constitution humaine".

como a fase das descobertas, mas também da revolta diante das regras estabelecidas pelos pais, do desejo de ser diferente e grandioso, por exemplo. Talvez a carta à mãe natureza seja como um bilhete deixado em cima da cama no qual um adolescente manifesta sua infelicidade frente aos limites e regras ditadas pelos pais e, por isso, decide fugir de casa, na tentativa de encontrar melhores condições de ser como deseja. Por outro lado, nesse bilhete, é possível ver também uma espécie de prestação de contas aos pais e um desejo de agradá-los, respeitá-los e, portanto, de ser amado: “Não o fazemos de forma leviana, imprudente ou desrespeitosa, mas com cuidado, inteligência e em uma procura por excelência. Queremos que se orgulhe de nós” (More, 1999, n.p., tradução nossa⁸⁷).

No manifesto transumanista, disponível no *site Humanity Plus*, Vita-More (1983/2020) expõe sobre a liberdade almejada:

Eu sou transumano.

No intuito de integrar criatividade e razão para fins de autoconsciência e longevidade – promovidos pela persistência consciente das adversidades, informado pelo risco, alerta para novas descobertas, acolhendo desafios, sempre em mudança – eu me torno. Eu sou o arquiteto da minha existência. Minha vida reflete minha visão e representa meus valores. Ele transmite a própria essência do meu ser – combinando imaginação e razão, desafiando todos os limites (n.p., tradução nossa⁸⁸).

Pautados nessas noções de inovação e liberdade, os transumanistas trabalham em seus projetos. Dentre eles, Vita-More (1983/2020) nos chamou atenção pelo projeto de um protótipo de corpo humano aprimorado, chamado *Primo Posthuman*. A autora justifica sua criação como alternativa ao envelhecimento, por meio do aprimoramento do corpo e do cérebro humano, fazendo uso do *design* até que a nanomedicina solucione por completo essa condição humana.

O corpo humano está passando por mudanças. Cirurgia plástica, próteses, robótica, cordas vocais eletrônicas e digitalizadas, implantes auditivos, produtos químicos para ajustar e afinar o funcionamento do cérebro, genética e engenharia genética e clonagem de órgãos são maneiras de aumentar e atualizar nosso físico. A duração da vida humana também aumentará nosso desejo de vitalidade. Com isso em mente, é vantajoso

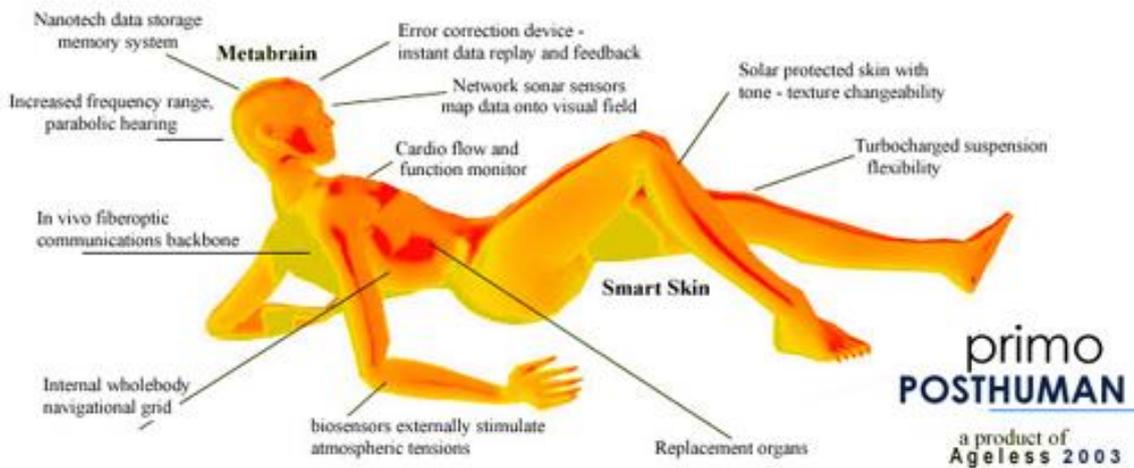
⁸⁷ Do original, "Nous ne faisons pas cela à la légère, imprudemment ou irrespectueusement, mais avec précaution, intelligence, et dans une quête d'excellence. Nous voudrions que tu sois fière de nous".

⁸⁸ Do original, "I am transhuman. In an aim to integrate creativity and reason for the purpose of self-awareness and longevity – promoted by persistence aware of odds, informed by risk, alert to new discovery, welcoming challenge, ever – changing – I become. I am the architect of my existence. My life reflects my vision and represents my values. It conveys the very essence of my being coalescing imagination and reason, challenging all limits".

aumentar com um senso de estética e abordar o futuro físico como um *design* composto de traços elegantes (Vita-More, 2002, n.p).

O protótipo inclui a projeção de um corpo sem idade e com genes que poderiam ser substituídos caso fossem prejudiciais ou produzam características não desejadas⁸⁹. Além disso, conta também com dispositivos de correção de erros e atualizações, aumento da capacidade de inteligência, possibilidade de mutabilidade de gênero, proteção contra danos ambientais, além de outras inovações relacionadas à sensibilidade da pele, olhos e olfato. (Figura 1)

Figura 1- Primo Posthuman de Vita-More



Fonte: Vita-More, 2012.

Os materiais encontrados (Vita-More, 2002; 2023⁹⁰) sobre o projeto não descreveram detalhes de seu planejamento ou execução. Contudo, podemos entender melhor a proposta de Vita-More de humano do futuro, através de uma entrevista dada pela autora à Kelvin Holmes (2012), repórter da revista *VICE*. No decorrer da entrevista, Holmes questiona Vita-More sobre o corpo, a sexualidade e as relações interpessoais do humano do futuro. Sobre o corpo, Vita-More responde que no futuro o ser humano se integrará cada vez mais com as máquinas, se transformando em metade carne, metade computador (Holmes, 2012)⁹¹.

Para pensar no futuro do sexo, temos que pensar na história do sexo: o papel do sexo e o porquê de ter surgido. Fazemos sexo porque os nossos órgãos foram criados de modo a trocarem código genético e o sexo foi e é essencialmente uma forma de câmbio através de material líquido, através de umidade. Quando pensamos no futuro da humanidade,

⁸⁹ É também devido a essa ênfase dada ao corpo conservado jovem que incluímos nos anexos imagens de alguns dos transumanistas mais importantes, entre eles Natasha Vita-More (Anexo A) e Max More (Anexo B).

⁹⁰ Para mais, ver em: <https://natashavita-more.com/innovations/>.

⁹¹ Entrevista de Vita-More concedida à revista *Vice*.

pensamos que vamos ficar cada vez mais integrados com máquinas, o que significa que vamos remover cada vez mais essa umidade e tornar-nos uma espécie metade umidade, metade computador (Holmes, 2012, n.p.).

No que tange à temática da reprodução humana, a autora afirma que no futuro será possível reproduzir-se com elementos de várias pessoas: “Podes querer o humor de uma pessoa, a inteligência de outra, as capacidades atléticas de outra e o tipo de corpo de outra. Isso poderia ser um mosaico.” (Holmes & Vita-More, 2012). Já quanto ao sexo, haverá a possibilidade de sexo simulado o que, para a autora, poderá evitar diversos perigos do sexo biológico, como as IST’s – Infecções Sexualmente Transmissíveis – e o arrependimento.

Sobre o gênero, Vita-More comenta:

Quando projetei o *Primo Posthuman* – um protótipo do corpo do futuro – o fiz com a ideia de que o humano do futuro não precisaria estar restringido a qualquer gênero. O homem do futuro pode ser macho ou fêmea. Ou ambos. Pode ser andrógino, pode não ter gênero algum. Então, pode ser homem durante algum tempo e depois mulher por outro período de tempo, hermafrodita ou assexual (Holmes, 2012, n.p.).

Mais ao fim da entrevista, Vita-More responde Holmes quanto à como ficará nosso corpo no mundo virtual, afirmando que o corpo humano continuará a evoluir por meio da nanomedicina e nanorobôs, que irão regenerar as células do corpo além de recuperar as células envelhecidas (Holmes, 2012).

O que o projeto de Vita-More (2002; 2023) e a carta de More (1999) propõem é a passagem à posição de criador e conseqüentemente a reformulação do ser humano. A partir dessa compreensão, no próximo tópico, apresentamos o mito de Pigmaleão, por encontrar nesse mito grego um desejo semelhante.

O mito de Pigmaleão como uma metáfora sobre a castração no transumanismo

Após termos apresentado diversas informações sobre o transumanismo, temos o objetivo de discutir alguns desses pontos tomando como metáfora o mito de Pigmaleão. Antes de iniciar, vale dizer que, apesar de se tratar de um mito grego, adotaremos a versão de Ovídio (2020), um autor romano, pois não foi possível obter informações suficientes a partir de outras fontes.

O mito conta sobre Pigmaleão, um escultor da ilha de Chipre que, ao observar a vida escandalosa e os vícios de algumas mulheres, passou a enxergar defeitos em todas elas. Por não querer dividir seu leito, nem ter por companhia as criaturas as quais abominava, acabou por

esculpir em marfim a imagem de uma mulher. A figura tinha uma beleza sem igual e isso fez Pigmaleão se apaixonar.

Ela era dotada de toda a aparência de uma donzela de verdade, que se acreditaria viva, e, se o pudor não impedisse de se mover: a tal ponto se dissimula a arte com a própria arte, Pigmaleão a admira e o fogo da paixão arde em seu peito por aquela estátua. Muitas vezes, suas mãos a apalpa, para convencer que é marfim. Beija-a, crê ser beijado; fale-lhe, abraça-a e acredita que os membros cedem à pressão dos dedos que os apertam; receia que a pressa não provoque neles a lividez. E ora a cobre de carícias, ora traz presentes como se faz com as mulheres (Ovídio, 2020, p. 168)

Diante de tamanho amor pela criatura, Pigmaleão, no festival dedicado a Vênus, depois de realizar sua parte nas solenidades à deusa, se apresentou diante do altar e timidamente pediu: Se tudo podeis, ó deuses, eu desejaria que fosse minha esposa – não se atrevendo a dizer donzela de marfim, completa, parecida com a minha donzela de marfim. A própria Vênus que estava presente à festa recoberta de ouro, percebeu o que queria dizer a súplica, e, como presságio favorável, a chama se acendeu três vezes e uma língua de fogo correu pelo ar (Ovídio, 2020, p. 169).

A cena seguinte do mito descreve a reação de Pigmaleão ao voltar para casa e ver sua estátua de marfim transformada em mulher:

Sobre o feito, beijou-a. Pareceu tépida. Aproxima a boca de novo, apalpa o peito: ao contato, o marfim se amolece, cede sob a pressão dos dedos como a cera do Himeto se amolece ao sol e assume todas as formas sob o polegar que as modela, tornando-se mais útil com o uso. Então, tomado de espanto e, alegre e apreensivo ao mesmo tempo, temendo ter se enganado, o amante estende de novo a mão e apalpa de novo o cobiçado objeto. Era um corpo humano: as veias latejavam sob o polegar (Ovídio, 2020, p. 169).

Com a concessão do pedido e confirmação da transformação da escultura em um ser vivo, o casal se une e Vênus assiste a sua núpcia. Ao passar nove meses, nasce Pafo.

Inspirados pelo mito de Pigmaleão, podemos desenvolver alguns comentários. Vale destacar que utilizamos o nome Vênus, ao relatar o mito, pois o mito de Pigmaleão foi encontrado na obra de Ovídio, um autor romano. Para Viana (2020), Vênus possui os mesmos atributos que a deusa grega Afrodite. Isso porque, no período de expansão, Roma absorveu muito da cultura grega por ainda não ter um sistema linguístico-cultural próprio.

Para a discussão, iremos adotar o nome grego da deusa, uma vez que é o nome utilizado por Brandão (1986), autor escolhido para obtermos mais informações sobre a personagem para a análise do mito. Afrodite é descrita por Brandão (1986) como a deusa do amor, que provoca

loucura e cega a razão por meio das paixões. Ora seu poder se manifesta como vingança e ora como proteção. Afrodite tem prazer pelo prazer, é a deusa do amor universal, sentido por todas as criaturas, o amor físico, expresso pelo desejo e pelo prazer dos sentidos (Brandão, 1986).

Afrodite nasce decorrente do sangue de Urano que cai no mar ao ser mutilado por Crono (Brandão, 1986). Por esse motivo é citada por Azevedo (2004) como a deusa filha da divisão e da castração. Outra marca da importância da deusa no mito de Pigmaleão é o fato de que a estória se desenrola em Chipre, ilha importante a ela por ser esse o território onde foi acolhida e ornamentada, logo após seu nascimento para, em seguida, ser conduzida à mansão dos Olímpicos (Brandão, 1986).

Partindo disso, pensamos no motivo que fez com que Afrodite cedesse ao pedido de Pigmaleão. Por que a deusa das paixões mortíferas teria permitido um final feliz ou ainda um amor que, de início, parece tão genuíno? Em busca de respostas, notamos que a união do casal se dá exclusivamente pelo desejo de Pigmaleão e que em nenhum momento é expresso o amor da esposa. No início, essa era apenas uma estátua e depois, quando o mito está se direcionando para o fim, diz-se apenas que eles se uniram e geraram filhos. Mas como poderia ser diferente? Já que ela nasce sem opções, sem família de origem, sem nada conhecer. Vem ao mundo já como mulher, esposa e, conseqüentemente, mãe. O mito de Pigmaleão é curto e não apresenta outros momentos da estória do casal. Não podemos saber se um dia ela aprendeu a amá-lo, ou se a esposa foi tão amável, bela e perfeita como Pigmaleão construiu. Independentemente do desfecho, a concessão do pedido foi dada para o prazer único de Pigmaleão. Seria isso um presente ou uma punição?

Migliavacca (2002), em seu texto, *Mito: modelo e função*, também diz sobre Afrodite: deusa da paixão e sedução incontroláveis e que, com frequência, conduz o herói envolvido por ela à destruição, modelo de um funcionamento psíquico que não faz qualquer uso da racionalidade, mas que se dá puramente pelo *envolvimento nas sensações, na apreensão do mundo pelos órgãos dos sentidos*, sem qualquer participação do pensamento, da capacidade de ponderação ou de escolha. Afrodite assinala a presença da força dos impulsos carregados de desejos que buscam a realização a qualquer preço, que não admitem recusa ou adiamento e que podem causar, por sua exigência, uma verdadeira devastação na preservação do ser do indivíduo (p. 4, grifo nosso).

Migliavacca (2002) aponta em seu texto que Afrodite conduz à destruição pelo envolvimento nas sensações. Observando o mito, podemos notar em diversos trechos que a relação do casal se dá pelos órgãos do sentido. Pigmaleão a toca, olha, beija, sente as veias

latejarem, etc. O escultor apaixonava-se pela estátua apenas pela sua estética, não há nada que garanta que ela seria uma boa esposa, ou que sua beleza se manteria caso ganhasse vida. Mesmo antes disso, ao criá-la, Pigmeleão o faz por vaidade, por não encontrar, nas outras mulheres, a satisfação de seus desejos. Quais desejos? Quem não gostaria de criar e possuir um objeto que o satisfaça por completo e que, pela fantasia envolvida no amor, também o faça sentir-se completo? Talvez aí esteja a parte mortífera da paixão de Pigmeleão realizada por Afrodite. Ele recebeu algo impossível, foi presenteado pela deusa, mas o presente aponta para o excesso, para o retorno ao desejo infantil. A seguir, pretendemos expor quais são esses desejos latentes no mito.

Partindo da afirmação de que a deusa de Chipre seria responsável por unir seres marcados pela divisão, assim como da sua definição como deusa das paixões impossíveis e avassaladoras, nos questionamos sobre a relação do mito de Pigmeleão com o edípico e a castração segundo a psicanálise.

De acordo com Laplanche (1988), o tema da castração decorre na teoria freudiana do complexo de Édipo em conjunto com a fase fálica e a percepção da diferença dos sexos. No complexo de Édipo, ocorreria o enamoramento por um dos genitores e, conseqüentemente, a proibição desse desejo incestuoso, seguido da ameaça de punição direcionada ao objeto pecador, o pênis.

A ameaça de castração é como a força que dá vigor ao complexo de Édipo, sua polícia, sua justiça, seu carrasco: se dormires com sua mãe – tanto faz, aliás, que o faças ou que o desejes – serás castrado. Esse aspecto da lei de castração liga, em suma, de maneira bastante extrínseca, uma lei e a pena que pune sua transgressão. Ligação extrínseca, mas que, no entanto, segue uma certa lógica, a do inconsciente, e, talvez de um modo mais fundamental, a de toda a verdadeira punição: não só és punido, mas és punido exatamente por onde pecastes (Laplanche, 1988, p. 4).

Essa ameaça atinge proporções ainda maiores, pois além de vir como punição de um desejo, se dirige à parte com maior investimento pulsional naquele momento: o falo. Estamos falando, de acordo com Freud (2011/1924), da valorização narcísica do pênis que leva a criança a rezejar pela sua perda. Outra consequência dessa valorização é a crença de que todo ser humano é provido de pênis.

Com a possibilidade de ser castrado, o pequeno sente angústia e, ao entrar em contato com a diferença dos sexos, vê confirmada sua hipótese de que pode ser castrado, assim como aquelas meninas, sem pênis o foram. Com isso, o complexo de Édipo se encaminha para um

fim, ocorre a renúncia da mãe pela criança em direção às normas civilizatórias, entre elas a proibição do incesto. E, como recompensa dessa renúncia, garante acesso às outras mulheres.

Vimos, no início do mito, que Pigmaleão não se interessava pelas mulheres ao seu redor. Ao vê-las em seu cotidiano, identificava maus hábitos considerando-as viciosas e de vida devassa. Não sabemos exatamente o que causava essas impressões em Pigmaleão, mas é possível supor que, na sua relação com as mulheres, havia uma aversão aos aspectos do feminino. Além disso, talvez, inconscientemente, ele ainda não havia renunciado à sua mãe e com isso o acesso às outras mulheres não era algo desejado. Pela aversão às mulheres, Pigmaleão poderia estar rememorando a suposta condição de castrada delas de modo que, com isso, elas seriam inferiores e repulsivas por terem em seu corpo a marca do erro e da punição. Por fim, podemos acreditar que a aversão se dava, pois o contato com a castração delas fazia surgir a angústia por sua própria castração, que era negada como mecanismo de defesa.

Laplanche (1988, p. 33) nos lembra, diante da fantasia da mulher com pênis que: “a mulher real, aquela que é percebida com sua anatomia onde justamente não está presente, na percepção, o pênis, vê-se objeto, a partir desse momento, de aversão ou mesmo de horror.”. Sobre o horror advindo da percepção do órgão genital feminino, Freud (1922/2011) sustenta que deriva da recordação da possibilidade de castração.

O horror à Medusa é, portanto, horror à castração, ligado à visão de algo. De muitas análises, conhecemos o ensejo para isso; ele se dá quando o garoto, que até então não queria crer na ameaça de castração, enxerga um genital feminino. Provavelmente de uma mulher adulta, rodeado de pelos; o da mãe, no fundo Atenas, a deusa virgem, leva esse símbolo do terror em sua vestimenta. Com razão, pois assim se torna uma mulher inabordável, que rechaça todo desejo sexual. Leva à mostra o aterrador genital da mãe. Para os gregos, em geral fortemente homossexuais, não podia faltar a representação da mulher que apavora com sua castração (pp. 292-293).

A busca por uma mulher ideal e perfeita talvez estivesse a serviço de uma solução de compromisso de Pigmaleão em direção a sua mãe, o primeiro objeto de amor e, portanto, o único considerado plenamente satisfatório. Laplanche (1988, p. 5), ao falar sobre o complexo de Édipo, menciona a renúncia da mãe como garantia de acesso à categoria das não mães: “se queres desfrutar das outras mulheres, deves primeiramente renunciar a tua mãe; se queres ser sexualmente potente deve ser castrado em relação a tua mãe”. Com isso, talvez o desprazer de Pigmaleão em desfrutar da companhia das outras mulheres reais estaria no fato de não ter renunciado ao desejo por sua mãe.

Dessa forma, ao esculpir uma estátua de mulher perfeita para tratar como esposa, Pigmaleão estaria revivendo os momentos de grande prazer com sua mãe, resgatando seu objeto edípico. Além disso, na companhia da mulher perfeita, não sentiria angústia diante da castração das mulheres comuns. Com isso, a criação de um corpo artificial viria como uma alternativa ao incesto, mas também como uma negação à castração, visto que Pigmaleão se negaria a ver o limite estabelecido, indo em busca de construir um objeto artificial que substitua a mãe e lhe satisfaça plenamente. Note que se trata de uma fantasia neurótica, possuir a mãe, em que é a própria deusa que lhe concede a possibilidade de amar uma criação – por isso tomamos como fantasia – onde a estátua vivificada é a representante da mãe e da mãe fálica, pois é perfeita.

Pigmaleão era um artista, tinha habilidade com o marfim e com isso conseguiu esculpir uma imagem feminina de grande beleza. Porém, sua capacidade artística não foi suficiente para fazer um ser vivo, tendo como resultado apenas uma estátua. Por esse motivo, teve que recorrer aos deuses e, diante de Afrodite, deusa das grandes paixões, das paixões avassaladoras como as incestuosas, as paixões mortíferas, clamar para que lhe concedesse o amor e a completude decorrente do laço conjugal, casar-se com a mãe. Pigmaleão até pôde criar um corpo que lhe consolasse diante da sua angústia de castração, mas ainda assim precisou da intervenção da deusa dos amores impossíveis para concretizar seu desejo. A partir da apresentação e breve discussão do mito de Pigmaleão, nos questionamos sobre suas semelhanças com o movimento transumanista.

Mas qual a relação do mito com o transumanismo? Apresentamos o mito na intenção de discutir sobre a castração. No transumanismo, o desejo de passar da posição de criatura para criador rememora a mesma negação da castração. Pigmaleão queria unir-se à sua estátua que foi construída como solução de compromisso em busca da satisfação plena advinda da relação primordial com a mãe. Os transumanistas, ao buscarem dominar a mãe natureza e dela tudo conseguir por meio da biotecnologia, parecem objetivar de forma latente o mesmo retorno a um estado de completude que vivenciaram nos primeiros estágios da vida. Desejam ser seu próprio eu ideal, “a majestade o bebê”, a quem tudo é dado.

A fantasia do transumanista é não ter impedimentos para avançar da forma que julgar conveniente, ou seja, ir contra a castração instaurada para todos nós por meio da realidade. Ao passo que negam o domínio da natureza, negam também a condição humana – como animal, finito, incompleto, mortal, frágil, emocional e tantas outras características que, aos seus olhos, parecem horríveis – e com isso a exigência de ter de aceitar o destino e retornar ao pó da terra, de onde vieram. Estamos falando das deusas do destino, as moiras:

A criação das Moiras é o resultado de uma intuição, segundo a qual o homem imagina que ele também seria uma parte da natureza e, desse modo, submete-se à inalterável lei da morte. Algo no homem deve se rebelar contra essa submissão e que apenas com muito má vontade renuncia a seu lugar de exceção. Nós sabemos que o homem utiliza sua capacidade de fantasiar para satisfazer seus desejos não satisfeitos na realidade e assim se apoia nela contra a perspectiva incorporada no mito das Moiras, criando o mito decorrente daí, segundo o qual a deusa da morte é substituída pela deusa do amor e por tudo o que lhe é humanamente semelhante. A terceira das irmãs não é mais a morte, mas sim a mais bela, a melhor, a mais desejada, a mais amada entre as mulheres ... Encontrou-se aqui, novamente, um desejo invertido. Escolher está no lugar da necessidade, do destino. Assim, o homem supera a morte que ele reconheceu no pensamento. Aqui não se pensa, de forma alguma, um poderoso triunfo da realização de um desejo. Escolhe-se, na realidade, obedecendo a uma coação [*Zwang*], e o que se escolhe não é a pavorosa, mas a mais bela e a mais valorizada (Freud, 1913/2015, pp. 118-119).

Exemplo disso, de acordo com Freud (1913/2015), é o fato de que a deusa Afrodite, mesmo sendo a deusa do amor, ainda carrega traços da sua relação com o mundo inferior e conseqüentemente com a destruição e com a morte. Acreditar que o futuro garantirá o melhor, o mais belo e mais feliz parece obedecer a essa dinâmica psíquica relatada no trecho anterior, em que se escolhe o mais belo na intenção de furtar-se do pensamento sobre a morte, mas, na realidade, trata-se apenas de um desejo invertido que obedece ao destino e, independentemente das escolhas, leva ao fim. As criações nada mais são do que desvios em direção ao objetivo da vida que é a morte, assim foi com a estátua de Pigmaleão e assim talvez seja com o transumanismo.

O Deus prótese

Lazzarini e Viana (2006) definem a compreensão do corpo na psicanálise como um corpo erógeno, ou seja, um corpo que ultrapassa o meramente biológico e vai de encontro com as significações e as representações. Lindenmeyer (2012) se refere à ideia de Freud, do pulsional que emerge do corpo, pois é pelo corpo que se pode chegar à satisfação. Contudo, na psicanálise, falamos de um corpo permeado pela fantasia e pelo desejo. Ainda de acordo com Lindenmeyer (2012), o estatuto plástico do corpo permite que ele dê forma ao inconsciente.

Isso porque a alteridade inicial torna o corpo erógeno e possibilita que ele, por ser investido anteriormente, se torne meio de expressão.

Fernandes (2011, p. 16), ao contextualizar a temática do corpo na psicanálise, afirma: Não se pode deixar de observar que os progressos tecnológicos da medicina e da genética vêm reformulando de maneira acelerada a relação do sujeito com o próprio corpo, tanto no que diz respeito às questões do adoecer quanto às questões ligadas ao envelhecimento. Habitados a transpor os limites do corpo, os cientistas nos informam entusiasmados que tais progressos nos permitirão viver mais e melhor. Livres de doenças que durante bom tempo perturbaram o sono da humanidade, somos convidados a nos deixar embalar pela perspectiva de vencermos também a luta contra o tempo.

Vita-More (2002), a partir de seu projeto de corpo aumentado, propõe exatamente o que Fernandes (2011, p. 16) comenta: um “viver mais e melhor ... vencendo a luta contra o tempo”. A busca dos transumanistas por superar uma condição atual vista como não sendo a última, ou a melhor adaptada, denuncia um descontentamento diante da condição limitante proporcionada pelo corpo biológico. Essa ideia corrobora a própria carta de More (1999), além das demais declarações dos transumanistas. Fernandes citando Freud (1917), aponta que, ao passo que se torna limitante, o corpo é visto também como afronta ao narcisismo.

O corpo toma a frente da cena, constituindo-se como fonte de sofrimento, de frustração, de insatisfação, de impedimento à potência fálico-narcísica. De veículo ou meio da satisfação pulsional, o corpo passa a ser também veículo ou meio de expressão da dor e do sofrimento (Fernandes, 2011, p. 21).

Cherix (2015), ao discutir sobre corpo e envelhecimento, sustenta que a proximidade com um corpo fragilizado angustia, ao passo que leva o sujeito a se perceber como finito e dependente. A partir disso, supomos que a angústia do transumanista, em relação à sua condição limitada, diz respeito não só à compreensão de que não existimos para sempre como também ao entendimento de que, enquanto existirmos, temos necessidade do outro. Com isso, estaremos em conflito entre os nossos desejos e as normas que regem a civilização e a cultura, ou seja, será necessário compreender que nem tudo é permitido ao ser humano. Sendo assim, a modificação do corpo parece servir ao transumanismo como um caminho na busca por onipotência e vida eterna, frente à negação da condição de castrado.

De acordo com Lindenmeyer (2016), de tempos em tempos, surgem novos arranjos de saberes e poderes, trabalhos da cultura, ou ainda soluções frente às exigências contemporâneas, que incentivam a criação de novas configurações de corpos e subjetividades.

A oportunidade e a necessidade para a medicina de aparelhar o ser humano de ferramentas cada vez mais sofisticadas para além do campo da doença permite, atualmente, um modo de produção de saberes e de práticas sobre o corpo que têm uma incidência sobre a experiência íntima do sujeito com seu próprio corpo. Essa onipresença técnica se apoia sobre a imagem atual de um técnico da medicina, não apenas capaz de remodelar, reparar, mas também de aumentar a ‘performance’ corporal (Lindenmeyer, 2016, p. 2).

Segundo Lindenmeyer (2016), presenciamos um fenômeno de instrumentalização do humano, no qual a medicina e outras tecnologias buscam aparelhar cada vez mais o corpo. Para a autora, essas intervenções influenciam na experiência íntima que o sujeito tem com seu corpo e levam a uma dependência da tecnologia. Em suas palavras: “jamais o corpo foi investido a esse ponto pelo sujeito como lugar de sintoma como atualmente, ao mesmo tempo que o sujeito jamais esteve tão excluído de seu próprio corpo” (p. 6).

Em relação a isso, Castro (2015), quando fala sobre o corpo na contemporaneidade, afirma que esse nunca atingiu tão alto nível de docilidade uma vez que aceita de bom grado cirurgias, medicamentos, dietas, assim como, demais tecnologias inovadoras. Algumas das consequências são a medicalização e a patologização da própria vida, como também a minimização do corpo.

A individualização crescente dos laços sociais leva o indivíduo a centrar-se no seu corpo fazendo dele o seu próprio objeto, a sua própria criação, personalizando-o, ou mesmo destacando-o de uma forma radical, aproximando-se o mais possível do seu desejo: construir um corpo considerado ‘único’ na sua forma ou aparência, um corpo que seja um ícone do eu. O ‘eu, pessoalmente eu’ do individualismo contemporâneo ecoa o ‘o meu corpo pertence-me, posso fazer o que quiser com ele’. Daí o *slogan* recente: ‘Tens de mudar o teu corpo’, com o seu corolário para o indivíduo: ‘Recuperei o meu corpo’ (Breton, 2018, p. 87., tradução nossa⁹²).

Para Lindenmeyer (2016), as hibridações técnicas do humano, como ocorre no transumanismo, podem ser compreendidas como trabalhos da cultura que respondem às demandas do projeto civilizatório contemporâneo. Em outras palavras, a civilização modificou-

⁹² Do original, "L'individualisation croissante du lien social amène l'individu à se focaliser sur son corps pour en faire son objet, sa création, le personnaliser, voire le singulariser de façon radicale, en allant au plus proche de son désir : se construire un corps pensé comme « unique » dans sa forme ou son apparence, un corps icône de soi. Le « moi, personnellement je » de l'individualisme contemporain trouve en écho un « mon corps m'appartient, j'en fais ce que je veux ». D'où le mot d'ordre récent : « Il faut changer son corps », avec son corollaire pour l'individu : « Je me suis réapproprié mon corps ».

se de modo a incorporar entre seus ideais os avanços da ciência e da tecnologia. A autora continua a reflexão citando o texto *Mal-estar na cultura* (1930), no qual Freud diz sobre o sofrimento inerente à vida e à necessidade do humano em encontrar medidas que atenuem esse sofrimento. Dessa forma, em um certo momento, continua a autora, para Freud, o humano se tornará um Deus Prótese, ao passo que autossuficiente por meio das produções científicas e tecnológicas

Não inteiramente, em alguns pontos de modo algum, em outros somente em parte. O ser humano tornou-se, por assim dizer, uma espécie de deus protético, realmente admirável quando coloca todos os seus órgãos auxiliares; mas estes não cresceram com ele, e ocasionalmente lhe dão ainda muito trabalho. Ele tem o direito de consolar-se, porém, com o fato de que essa evolução não terminará justamente no ano da graça de 1930. Épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura, aumentarão mais ainda a semelhança com Deus (Freud, 1930/2016, p. 34).

Partindo disso, perguntamos, seria o transumanismo uma dessas formas encontradas pelo humano de atenuar o seu sofrimento? Freud (1930/2016) sustenta que os ideais de onipotência e onisciência elegidos pela humanidade, primeiramente foram atribuídos aos deuses mas, com o avançar da ciência, passaram a ser possíveis aos humanos. Humanos esses que vêm ao mundo como animais frágeis, mas que, a partir desses trabalhos da cultura, puderam, eles mesmos, se aproximarem desses ideais a ponto de se tornarem quase deuses. Breton (2018) afirma que as tecnologias ocupam a posição de Deus para os transumanistas. Porém, de um Deus puramente generoso e conciliador, que está disposto a satisfazer todos nossos desejos de obter poder.

Ao escrever sobre a felicidade, Freud (1930/2016) aponta sobre a dificuldade da vida e a conseqüente necessidade de auxiliares para nela sobreviver. Nesse sentido, a ciência e a arte, por serem realizações do humano, atribuiriam valor à vida e, dessa forma, poderiam servir como religião, por substituírem a função dessa. Por outro lado, àqueles que não tiverem acesso a arte e a ciência, resta a religião para dar valor à vida.

Apesar dessa incompletude de nossa investigação, arrisco-me a fazer algumas observações conclusivas. O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não somos capazes de – abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização. Nisso há diferentes caminhos que podem ser tomados, seja dando prioridade ao conteúdo positivo da meta, a obtenção de prazer, ou ao negativo, evitar o desprazer. Em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos. No sentido

moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo. Não há, aqui, um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz (p. 27).

Para Freud (1930/2016), alcançar a felicidade também requer um segundo empenho que tem a ver com equilibrar-se entre a realização dos desejos individuais e as exigências culturais. Dessa forma, muitas vezes a civilização torna necessária a renúncia instintual dos sujeitos, tanto da sexualidade como da agressividade humana. Sobre essa busca da felicidade, em equilíbrio com as normas civilizatórias, Freud (1930/2016, p. 78) afirma que “os juízos de valor dos homens são inevitavelmente governados por seus desejos de felicidade e que, portanto, são uma tentativa de escorar suas ilusões com argumentos”.

Diante de tudo o que foi apresentado, constatamos que o transumanismo pode ser entendido como uma realização da cultura que tem como intenção atingir a felicidade, majoritariamente, pela via da evitação do sofrimento. Além disso, por mais que o transumanismo se construa no meio científico, percebemos manifestações de fantasia entre os seus argumentos. Principalmente no que diz respeito à superação da morte, uma vez que essa é inconcebível ao inconsciente e representa a última das castrações do humano. A angústia advinda dessa ameaça de castração leva o transumanista à negação da morte, pois entender-se como mortal é aceitar ser uma criatura e, portanto, um filho. Sendo assim, o transumanista furta-se da culpa pelos desejos incestuosos de criar junto ao criador, desejando também ser criador, ou seja, atingir a posição de um Deus que tudo pode.

Certamente, caso um transumanista lesse nosso trabalho recusaria essas fantasias e os conceitos psicanalíticos que utilizamos para apresentá-las. Provavelmente, essa pessoa apontaria que o objetivo do transumanismo é apenas garantir melhores condições ao humano a partir do aumento de suas capacidades, pelo uso da ciência e tecnologias, e sendo assim não haveria espaço para fantasias e conteúdos pessoais. Não deixamos de lado a ideia de que esse objetivo prático exista, mas sabemos que nossas atitudes são inconscientemente movidas também por nossos desejos, por aspectos muito complexos que impulsionam as ações e que somadas formam a vida. Sabemos também que nenhuma ciência está isenta de algum nível de subjetividade, pois apesar dos seus métodos ela é feita por humanos. A laboriosa tentativa de responder a uma angústia que todos nós sentimos – de chegarmos ao fim, de sermos faltosos, de haver partes ruins em nós, etc – não poderia se dar, ao nosso ver, sem a atuação de fortes desejos e fantasias. Soma-se a este contra-argumento o conteúdo da *Carta à mãe natureza* de More (1999), que apresenta em detalhes que a motivação e a revolta transumanista têm relação com a posição de filho, de criatura e de seres imperfeitos, que ocupamos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos a intenção de analisar o transumanismo, por meio da psicanálise, como uma fantasia de imortalidade. Para isso, em um primeiro momento, nos dedicamos a exposição do histórico, objetivo, críticas, entre outros aspectos que definem o transumanismo. Ao longo do texto, também oferecemos espaços para a discussão sobre a morte e a imortalidade. E por fim, buscamos melhor explorar a hipótese pela análise de produções transumanistas como a *Carta à mãe natureza* (More, 1999) e o projeto de humano aumentado denominado *Primo Posthuman* de Natasha Vita-More (2002; 2011). Outros momentos do texto podem ser entendidos como fonte de análise, como por exemplo, a exposição de obras de arte com inspiração transumanista ou ainda o mito de Pigmaleão, utilizado por nós como tentativa de melhor compreender, por meio da interpretação do mito, a busca pela perfeição e a angústia de castração.

A ideia de um Deus prótese, proposta por Freud (1930/2016), como resultado da busca do ser humano por autossuficiência, pelas suas produções científicas e tecnológicas, também nos foi muito cara para esse trabalho. Dessa forma, talvez o transumanismo possa ser visto por duas linhas diferentes, mas que em certo momento convergem: podemos visualizar a criação de *chips*, medicamentos, foguetes, partes do corpo robóticas, técnicas da biotecnologia, entre outras propostas transumanistas como apenas avanços científicos que, como muitos outros ao longo da história, possibilitaram melhores condições de vida de acordo com o contexto ambiental, social e histórico e que também, é claro - não podemos nos esquecer do sistema capitalista em que vivemos – geraram muito lucro às empresas que as comercializam.

Ou então, em uma segunda linha de pensamento, podemos entender esses recursos – e projetos, ou seja, propostas que ainda não foram realizadas, mas estão sendo pesquisadas e partem da esperança de um dia conseguir criar o que até então se restringe a ficção – como uma espécie de consolo dado pela tecnologia aos humanos. Esse consolo, acalento, esperança, seria possibilitado tanto pelas respostas que a ciência e a tecnologia produzem, como também pelas promessas de um futuro, sempre melhor, que elas apresentam. Como já apontamos ao longo dessa pesquisa, são frequentes as promessas e as crenças no progresso. E por que não imaginar que as inovações tecno científicas poderiam possibilitar o fim da angústia compartilhada por todos nós, ou seja, a angústia frente à morte? Se a natureza não nos deu tudo, inclusive a imortalidade, agora nós mesmos podemos conquistar. Essa nos parece ser a máxima transumanista.

Mesmo estando no fim do que nos propomos neste trabalho, ainda muito temas se mostram interessantes, o que aponta para a possibilidade de pesquisas futuras. Um desses temas seria a proximidade do transumanismo com a religião. Vários autores (Fernandes & Coelho Neto, 2020; Hahn, Vianna, Mendonça, 2021; Hernández, 2021; Vilaça & Araujo, 2021) estão se debruçando nessa investigação, mas pensar nas possíveis contribuições da psicanálise para o tema é realmente empolgante. Como bem sugeriu o professor Dr. Roberto H. A. de Medeiros, durante a banca de qualificação deste trabalho, o texto freudiano *Atos obsessivos e práticas religiosas*, de 1907, poderia ser útil à análise do tema. Outra investigação do transumanismo que nos parece interessante seria sobre os aspectos ligados à sexualidade e gênero, como por exemplo as respostas dadas por Vita-More em entrevista (Holmes, 2012) que diziam sobre um corpo sem gênero e a prática de sexo em ambientes virtuais.

Pelo fato do tema ainda ser pouco pesquisado no Brasil em meio às produções de psicologia e psicanálise, aproveito esse último instante para indicar autores e materiais que julgo valiosos ou ainda materiais que encontrei recentemente e não tive tempo de acrescentar à pesquisa, mas que nos parecem ser interessantes para futuras pesquisas na temática. Após três anos pesquisando sobre o transumanismo (um ano em um projeto de iniciação científica e dois no mestrado) avalio como ótimos materiais, introdutórios e explicativos, sobre o tema os seguintes textos: *Una historia del pensamiento transhumanista* (Bostrom, 2011); *Transhumanismo e suas oscilações prometeico-fáusticas: tecnoapoteose na era da ciência demiúrgica* (Antonio, 2018); *O transhumanismo nas revistas científicas Brasileiras: do mapeamento aos debates* (Lima, 2023) e *The transhumanist reader* (More & Vita-More, 2013). Esse último livro apresenta muitos dos conteúdos, contidos nos *sites* e documentos oficiais do movimento transumanista que utilizamos nesta pesquisa.

Já no que diz respeito a textos que entramos em contato nos últimos momentos da pesquisa, indico o livro *Gozai por nós: estudos sobre a subjetividade artificial* (Simonetti, 2023); as obras da autora Francesca Ferrando que possui uma grande produção sobre o tema do transumanismo tanto em livros como também em vídeos aula e, por fim, pensamos que seria muito interessante poder acrescentar a análise das personalidades que aderem ao movimento transumanista a história de Bryan Johson, milionário e CEO de uma empresa de biotecnologia que está se destacando na mídia devido a sua busca de viver para sempre.

REFERÊNCIAS

- Aguila, J. W. V. D., & Solana, E. P. (2015). Transhumanismo, neuroética y persona humana. *Revista bioética*, 23(3), 505-512.
- Alexandre, Laurent (2018). *A morte da morte: como a medicina biotecnológica vai transformar profundamente a humanidade*. Barueri: Manole.
- Andrade, F. (2023, online). Tecnologia e identidade: Neil Harbisson é um ciborgue e sente o mundo de forma diferente. *SAPO Tek*. <https://tek.sapo.pt/noticias/ciencia/artigos/tecnologia-e-identidade-neil-harbisson-e-um-ciborgue-e-sente-o-mundo-de-forma-diferente>
- Antonio, K. F. (2018). *Transhumanismo e suas oscilações prometeico-fáusticas: tecnoapoteose na era da tecnologia demiúrgica*. Natal: PPGFIL.
- Araujo, V. (2017, online). Resenha de “O Nosso Futuro Pós-Humano”, de Francis Fukuyama. *Atualismos BlogSpot* (online). <https://atualismos.blogspot.com/2017/05/resenha-sobre-o-nosso-futuro-pos-humano.html>
- Arènes, J. (2017). Filiation et transhumanisme. *GREUPP*, 35(2), 288-302.
- Azevedo, A. V. (2004). *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Barrueco, C. (2015, online). Ciborgues – Conheça os Precusores do Transhumanismo. *Noosfera*. [Ciborgues - Conheça os Precusores do Transhumanismo \(noosfera.com.br\)](http://Ciborgues-Conheça-os-Precusores-do-Transhumanismo(noosfera.com.br))
- Bibby, C. (2023, online). Sir Julian Huxley. British biologist. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/biography/Julian-Huxley>
- Bostrom, N. (2005). A history of transhumanis thought. *Journal of Evolution and Technology*, 14(1).
- Bostrom, N. (2011). Una historia del pensamiento transhumanista. *Argumentos de Razón Técnica*, 14(1), 157-191.
- Brandão, J. S. (1986). *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes.
- Breton, D. L. (2018). Des corps hypermodernes. *Cairn Info Matières à Reflexion*, 110, 87–98. <https://doi.org/10.3917/cnx.110.0087>
- Bruno, F. (2012) Membranas e Interfaces. In Villaça, N., Góes, F., & Kosovsky, E. (Org.). *Que corpo é esse?* Novas perspectivas (pp. 98-111). 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad.
- Campos, E. B. V. (2021). Delineamento de pesquisa no campo psicanalítico: Uma proposição sintética. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 33(3), 487-505.

- Carvalho, A. D. M. D. (2019). *Ethics and Metaphysics of Transhumanism: a proposal*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Faculdade de filosofia, letra e ciência humanas da universidade de São Paulo.
- Carvalho, W., & Dutra, A. (2015). *Quanto tempo o tempo tem?* Documentário. 156min. Cor. Netflix.
- Castilho, B. N. M., & Ferreira, F. R. M. (2020). Transumanismo e moda: ciência ou ficção científica? *Khronos, Revista de História da Ciência*, 9(1), 17-32.
- Castro, X. (2015). El cuerpo en la época de la tecnociencia: una aproximación psicoanalítica. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 5(1), 4-20.
- Ceccarelli, P.R. (2018). *Considerações sobre pesquisa em psicanálise*. In *Psicologia: diálogos contemporâneos*. De Melo, P; Júnior, M. (orgs). (pp. 137-146). Curitiba, CVR.
- Chessa, F. (2004). Book Review. Enough: staying human in an engineered age. B McKibben. New York, Henry Holt Company. *J Med Ethics*, 30, e008. <https://jme.bmj.com/content/medethics/30/6/e8.full.pdf>
- Cherix, K. (2015). Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. Rio de Janeiro: *SBPH*, 1(18), 39-51.
- Cyborg Foundation. (2020). *History*. Cyborg Foundation. <https://www.cyborgfoundation.com/>
- Costa, A. D. (2023, online). Neuralink de Elon Musk consegue aprovação para testar chips em cérebros humanos. *Canaltech*. <https://canaltech.com.br/ciencia/neuralink-de-elon-musk-consegue-aprovacao-para-testar-chips-em-cerebros-humanos-250900/>
- De Masi, D. (2000) *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Derian, M. (2018). Le transhumanisme: incarnation de l’hypermodernisme ou fuite en avant fantasmatique? *Cairn Info Matière à Reflexion*, 110, 73–86. <https://doi.org/10.3917/cnx.110.0073>
- Dumoulin, Q., Hamon, R., & Peoc’h, M. (2019). Pratiques radicales des modification corporalles fantasme d’unicité et lien social contemporain. *Cairn Info Matières à Reflexion*, (27), 26–36. <https://doi.org/10.3917/rep1.027.0026>
- El mundo. (2009). Google y la NASA lanzan la Universidad de la Singularidad en Silicon Valley. *Elmundo.es*. <https://www.elmundo.es/elmundo/2009/02/04/navegante/1233747353.html>
- Evangelista, R. (2011) Singularidade: de humanos feitos simples máquinas em rede. *ComCiência*, (131).
- Fernandes, J. B. (2009, online) Neodarwinismo – teoria sintética da evolução. *Natural Life*. <http://bionaturalife.blogspot.com/2009/01/neodarwinismo-teoria-sinttica-da-evoluio.html>
- Fernandes, M. H. (2011). *Corpo*. 4.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Fernandes, R. M. & Coelho Neto, L. M. B. (2020). O ser humano no transhumanismo: elementos éticos-antropológicos para um diálogo com a proposta cristã. *Encontros teológicos*. Florianópolis, 35(3), 627-646.
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70), 257-278.
- Freiria, N. (2015). Extropia: um produto radical do Transhumanismo. *Cyber cultura - Upgrade Cultural*. <https://cyberculturabr.wordpress.com/2015/04/03/extropia-um-produto-radical-do-transhumanismo/#more-65>
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In Obras Completas (vol. 12). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). (pp. 185-189). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1916).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In Obras Completas (vol. 14). *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). (pp. 120-178). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010a). O inconsciente. In Obras Completas (vol. 12). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). (pp. 74-112). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010b). Considerações atuais sobre guerra e morte. In Obras Completas (vol. 12). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). (pp. 156-184). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2011). A cabeça da Medusa. In Obras completas (vol. 15), *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923). (pp. 292–296). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1922).
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In Obras completas (vol. 16). *O Eu E O Id, "autobiografia" e outros textos* (1923-1925). (pp. 182-192). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). A organização genital infantil. In Obras completas (vol. 16). *O Eu E O Id, "autobiografia" e outros textos* (1923-1925). (pp. 150-157). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras Completas* (vol. 17). *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). (pp. 9-98). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1926).
- Freud, S. (2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos ("o pequeno Hans", 1909). In Obras completas (vol. 8). *O delírio e os sonhos de Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros texto* (1906-1909). (pp. 86–198). Companhia das letras. (Original publicado em 1909).

- Freud, S. (2015). O motivo da escolha dos cofrinhos. In Freud, S. (Org). *Arte, literatura e os artistas*. Obras incompletas de S. Freud. (pp. 112-121). Trad. E. Chaves. Brasil: Editora Autêntica. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (2015a). Sobre as teorias sexuais infantis. In Obras completas (vol. 8). *O delírio e os sonhos de Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (1906-1909). (pp. 272-286). Companhia das letras. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2015b). O escritor e a fantasia. In Obras completas (vol. 8). *O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (1906-1908). (pp. 227-236). Companhia das letras. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2016). Atos obsessivos e práticas religiosas. In *Obras Completas* (vol. 9). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (pp. 39-54). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (2016). O mal-estar na civilização. In Obras completas (vol. 18). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). (pp. 9-98). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. Obras incompletas de S. Freud. Trad. E. Chaves & P. H. Tavares. Brasil: Editora Autêntica. (Original publicado em 1919).
- Garcia, F. S. (2021) *Sobre o transhumanismo: reflexões psicanalíticas*. Relatório de iniciação científica. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Psicologia, Curso de Psicologia.
- Garcia-Roza, L. A. (1994). Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e Universidade, 1*, 9-32.
- Gasparetto Jr. A. (2013, online). Soteriologia. *Info Escola*. <https://www.infoescola.com/religiao/soteriologia/>
- Guilhoto, P. J. S., & Rosa, S. P. C. S. (2001). *Reconhecimento de voz*. Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Engenharia Informática. <https://student.dei.uc.pt/~guilhoto/downloads/voz.pdf>
- Hahn, N. B.; Vianna, L. O., & Mendonça, M. T. C. (2021). O trans-humanismo como uma pós-religião e a mística de Tugendhat. *REVER*. São Paulo, 21(2).
- Harari, Y. N. (2016) *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras.
- Hayles, K. N. (1999). *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. The University of Chicago Press Chicago er London.
- Hermanny Filho, A. (2012, online). Arte Transhumanista: STELARC. *No Holodeck*. <https://noholodeck.blogspot.com/2012/07/arte-transhumanista-sterlac.html>
- Hernández, J. W. (2021). Anseio escatológico o transhumanismo. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa Da Religião*, 24(2), 158-170.

- Holmes, K. (2012, online). Natasha Vita-More fala para os humanos do futuro. *VICE*. <https://www.vice.com/pt/article/d7zbya/a-natasha-vita-more-fala-para-os-humanos-do-futuro>
- Humanity Plus. (2023). *Transhumanism. About. Humanity+, Transhumanist FAQ*. Humanity+. <https://www.humanityplus.org/transhumanism>
- Humanity Plus. (2009). *Transhumanist Declaration*. <https://www.humanityplus.org/the-transhumanist-declaration>
- Huxley, J. (1957) Transhumanism. In Huxley, J. (Org). *New Bottles for New Wine*. Chatto & Windus, London.
- Oliveira Júnior, W. L. O. (2018). *Bioconservadorismo e transhumanismo: a questão do melhoramento humano através das biotecnologias*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Kass, L. R. (2010). ‘The Unique Worth of an Individual Human Life’. *The New Atlantis*. <https://www.thenewatlantis.com/publications/the-unique-worth-of-an-individual-human-life>
- Kawanish, P. N. P., & Lourenção, G. V. N. (2019). Humanos que queremos ser. Humanismo, ciborguismo e pós-humanismo como tecnologias de si. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 2(58), 658-678.
- Kehinde, O. (2018). 11 things to know about Neil Harbisson, world’s first “human” cyborg. *Daily Trust*. <https://dailytrust.com/7-things-to-know-about-neil-harbisson-world-s-first-human-cyborg-260267/>
- Kurzweil, R. (2018). *A singularidade está próxima: quando os humanos transcendem a biologia*. Itaú Cultural: Iluminuras.
- Lameira, V. M.; Costa, M. C. S & Rodrigues, S. M. (2017). Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 17(1), 68-78.
- Lannon, T. (2007). *F. M. Esfandiary / FM-2030 Papers 1943-2000*. The New York Public Library Humanities and Social Sciences Library Manuscripts and Archives Division.
- Laplanche, J. (1979). A situação psicanalítica: o psicanalista e sua tina. In Laplanche, J. (1993). *A tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In Laplanche, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (pp. 108-122). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

- Lazzarini, E., & Viana, T. C. (2006). O Corpo em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 241-250.
- Leão, T. (2020, online). CEO: significado, atribuições, responsabilidades e como se tornar um. *Blog Industrial Nomus*. <https://www.nomus.com.br/blog-industrial/ceo/>
- Lindenmeyer, C. (2012). Qual é o estatuto do corpo na psicanálise? *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, 44(2), 341-359.
- Lindenmeyer, C. (2016). O humano e suas próteses: abordagem psicanalítica do corpo transformado. *Federación Psicoanalítica de América Latina*, 1-8.
- Lima, Y. F. A. (2023). *O transhumanismo nas revistas científicas brasileiras: do mapeamento aos debates*. Dissertação de mestrado em psicologia. Universidade Federal de Alagoas. Maceió. Orientador Charles Elias Lang.
- Lopes, A. D. (2019, online). A revolução na medicina em busca da vida eterna. *Veja Abril*. <https://veja.abril.com.br/saude/a-revolucao-na-medicina-em-busca-da-vida-eterna>
- Martínez, V. C. V. (2001). A nudez. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, IV(2), 41–52.
- Martínez, V. C. V. (2003). *A figura do herói: entre a falta e o excesso*. Por uma ruptura de campo em três tempos: a criança e o videogame, o herói mitológico e o homem psicanalítico. Tese (Doutorado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Merano, M. (2022, online). Neuralink Show & Tell Fall 2022 News Roundup [Updating]. *TESLARATI*. <https://www.teslarati.com/elon-musk-neuralink-show-and-tell-fall-2022-updates/>
- Migliavacca, E. M. (2002). Mito: modelo e função. In *Fepal - XXIV Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis - Montevideo, Uruguay "Permanencias Y Cambios En La Experiencia Psicoanalítica"*, 1–7.
- Miranda, J. J. (2018). *Método e Exigência na Experiência Psicanalítica de Jean Laplanche* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- More, M. & Vita-More, N. (2013). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. John Wiley & Sons. ISBN 978-1-118-33431-7.
- More, M. (2020, online). *About Max More*. www.maxmore.com.
- More, M. (1999). *Lettre à Mère Nature*. Trad. E. Taïeb. <http://emmanueltaieb.fr/2018/09/traduction-de-la-lettre-amerenature-de-max-more/>
- More, M. (2023). Philosophy of transhumanism. *Humanity+*. <https://www.humanityplus.org/philosophy-of-transhumanism>

- More, M. (1990/1996). Transhumanist: Towards a Futurist Philosophy. *WayBack Machine*. <https://web.archive.org/web/20051029125153/http://www.maxmore.com/transhum.htm>
- More, M. (1998). *The Extropian Principles*, v. 3.0. MROB. https://mrob.com/pub/religion/extro_prin.htm
- More, M. (1999). *Lettre à Mère Nature*. <http://emmanueltaieb.fr/2018/09/traduction-de-la-lettre-a-mere-nature-de-max-more/>
- Mozelli, R. (2023, online). EUA rejeitam proposta de Elon Musk de testar chips em humanos. *Olhar Digital*. <https://olhardigital.com.br/2023/03/02/pro/eua-rejeitam-proposta-de-elon-musk-de-testar-chips-em-humanos-alegando-riscos-a-saude/>
- Neuralink. (2023). Patient Registry Questionnaire. *Neuralink*. <https://neuralink.com/patient-registry/>
- Oliveira, D. R. A. (2015, online) Filosofia do transhumanismo. *Universo Racionalista*. <https://universoracionalista.org/filosofia-do-transhumanismo/>
- Oliveira, L. A. (2007, online). *A robótica, a biotecnologia e a nanotecnologia*. O redesenho da forma humana e das formas da vida. Entrevista especial com Luiz Alberto Oliveira. Instituto Humanitas Unisinos. <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/11266-a-robotica-a-biotecnologia-e-a-nanotecnologia-o-redesenho-da-forma-humana-e-das-formas-da-vida-entrevista-especial-com-luiz-alberto-oliveira>.
- Ovídio, P. (2020). *As metamorfoses*. LeBooks Editora.
- Pearce, D. (2007, online). The Abolitionist Project. *Hedweb*. <https://www.hedweb.com/abolitionist-project/index.html>
- Peoc'h, M. & Druel, G. (2017). Body-Haching logique suppétive: um mode contemporain de traitement du corps. *Éres. Cliniques méditerranéennes*, 96, 133-145.
- Pessini, L. (2006). Bioética e o desafio do transumanismo: ideologia ou utopia, ameaça ou esperança? *Centro Universitário São Camilo: Bioética*, 14(2), 125-142.
- Pico della Mirandola, G. (2015) Tradução anotada e comentada. *Discurso pela dignidade do homem*. Porto Algre: Editora Fi. (Original publicado em 1487).
- Ptolomaic. (2009). O homem transcendente / transcendent man. *Youtube*. <https://www.youtube.com/watch?v=XLOv92K2jQI>
- Quental, L. (2020, online). Ciborgues ou gatos de apartamento: uma introdução ao transumanismo e suas promessas. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 1–14.
- Ramos, G. (2023, online). O que é OCR? Entenda tecnologia de reconhecimento óptico de caracteres. *TechTudo*. <https://www.techtudo.com.br/noticias/2023/01/o-que-e-ocr-entenda-tecnologia-de-reconhecimento-optico-de-caracteres.ghtml>

- Ridley, M. (2007). Introdução. In Ridley, M. (Org). *Evolução*. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Roux, M. (2020). Comprendre mejor el transhumanismo para comprender mejor los desafíos de la inmortalidad. *Corps & Psychisme*, 76(1), 87-101.
- Rüdiger, F. (2007) Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (e-compos)*, 1-17.
- Santos, I. C. A. (2022). *Transhumanismo e singularidade tecnológica: uma revisão de literatura a partir da psicanálise lacaniana*. Monografia (Psicologia), Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Maceió.
- Sauret, M. et al. (2015). La contribution de la psychanalyse à l'analyse de la logique du monde contemporain. Cairn Info Matières à Reflexion, *Nouvelle revue de psychosociologie*, (20), 43–56. <https://doi.org/10.3917/nrp.020.0043>
- Sibilia, P. (2015). *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: contraponto.
- Silva, J. M. (2020). Humano, desumano, pós humano, transumano. *SIG Revista de Psicanálise*, 2(1), 39-44.
- Simonetti, A. (2023). *Gozai por nós: estudos sobre a subjetividade artificial*. Alpendre Books. ISBN-108571721157.
- Shelley, M. (2017) *Frankenstein ou o prometeu moderno*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1818).
- Soares, M. G., Klautau, D. G., & Klautau, F. D. (2020). Da alma imortal ao transhumanismo: o corpo que transcende em movimento. *REVER*, São Paulo, 20(1), 131–146.
- Tavares, L. A. T. & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178.
- Veraszto, E. V.; Silva, D.; Miranda N. A., & Simon, F. O. (2009). Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. *PRISMA.COM.*, 8, 19-46.
- Viana, L. M. Q. (2020). *Interculturalidade e tradição: as acepções de Vênus e Afrodite no Pervigilum Veneris*. Monografia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Vilaça, M. M., & Araujo, L. B. L. (2021). Transhumanismo como religião? Uma abordagem crítica. *Philósphos*, Goiânia, 26(1), 275–325.
- Vilaça, M. M., & Dias, M. C. M. (2014). Transhumanismo e o futuro (pós-) humano. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24(2), 341–362.

- Vita-More, N. (2023). *About. Innovations*. Natasha Vita-More PhD. <https://natashavita-more.com/about/>
- Vita-More, N. (2011, online). Primo Post-Human: Trans-humanist Culture. *Archimorph*. [https://archimorph-com.translate.google.com/2011/01/23/primo-post-human-trans-humanist-culture/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=wapp](https://archimorph-com.translate.google.com/2011/01/23/primo-post-human-trans-humanist-culture/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt-BR&x_tr_pto=wapp)
- Vita-More, N. (2002, online). *Radical body design “Primo Posthuman”*. <https://www.kurzweilai.net/radical-body-design-primo-posthuman>
- Vita-More, N. (2020, online). Transhumanist Manifesto. *Humanity Plus*. <https://www.humanityplus.org/the-transhumanist-manifesto>. (Original publicado em 1983).
- Warwick, K. (2012) Nuestro cuerpo ya es sólo un estorbo para nuestro cérebro. *La Vanguardia*, Barcelona. <https://www.lavanguardia.com/lacontra/20121119/54355365278/la-contra-kevin-warwick.html>.
- Whitman, N. (2020). *Elon Musk: A Biografia de um Gênio Moderno e Titã dos Negócios*. Babelcube Inc. ISBN 1071544578-9781071544570.
- Weber, D. R. (2019, online). Escatologia. *Cnbb*. <https://www.cnbb.org.br/escatologia-2/>
- Zafra, J. M. (2020, online). Coronavírus: ‘Estamos diante de ameaça de extinção e as pessoas nem mesmo sabem disso’, afirma sociólogo Jeremy Rifkin. *The Conversation*. *BBC News* <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52657148>

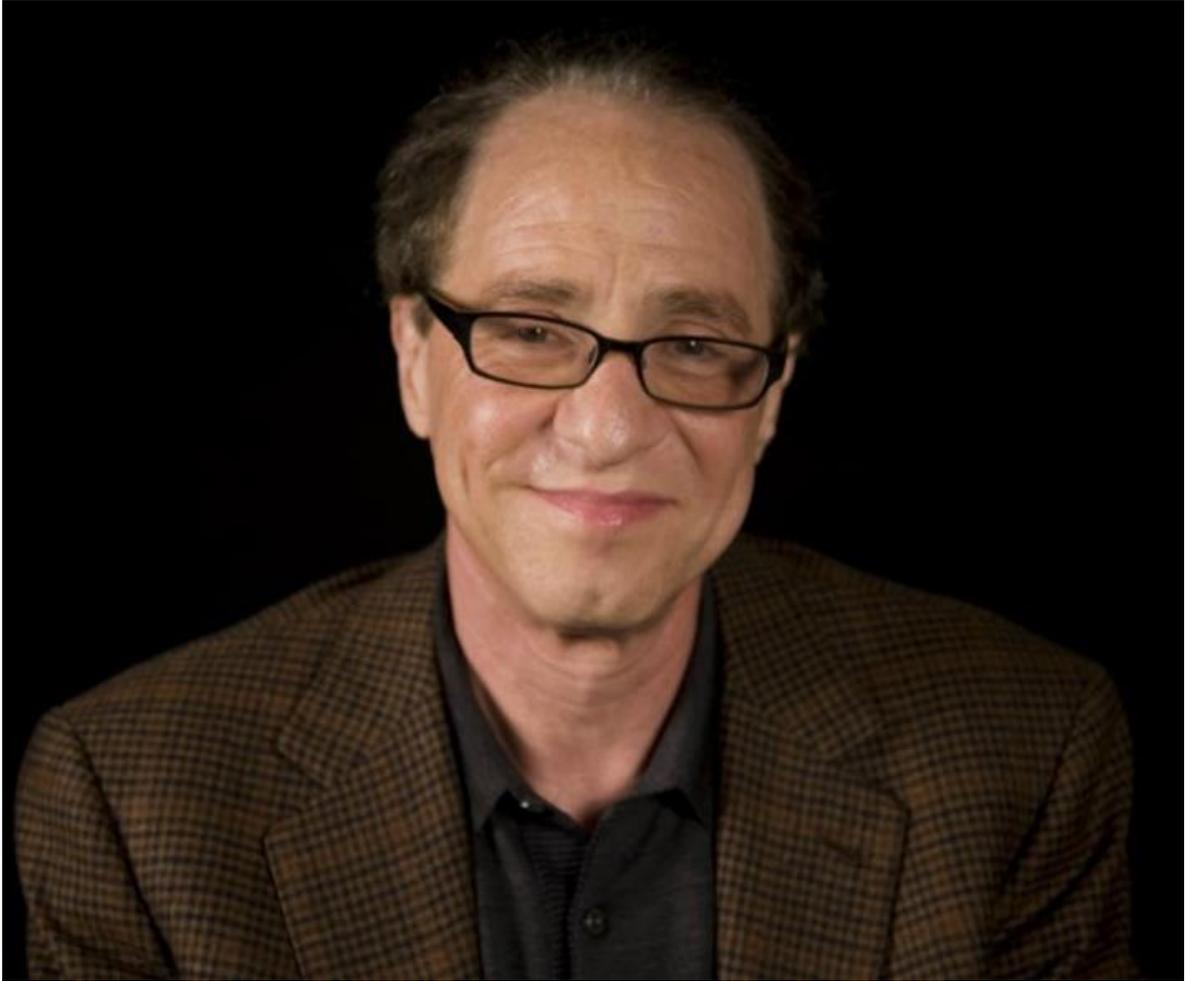
ANEXOS

Anexo A – Natasha Vita-More



Anexo B – Neil Harbison

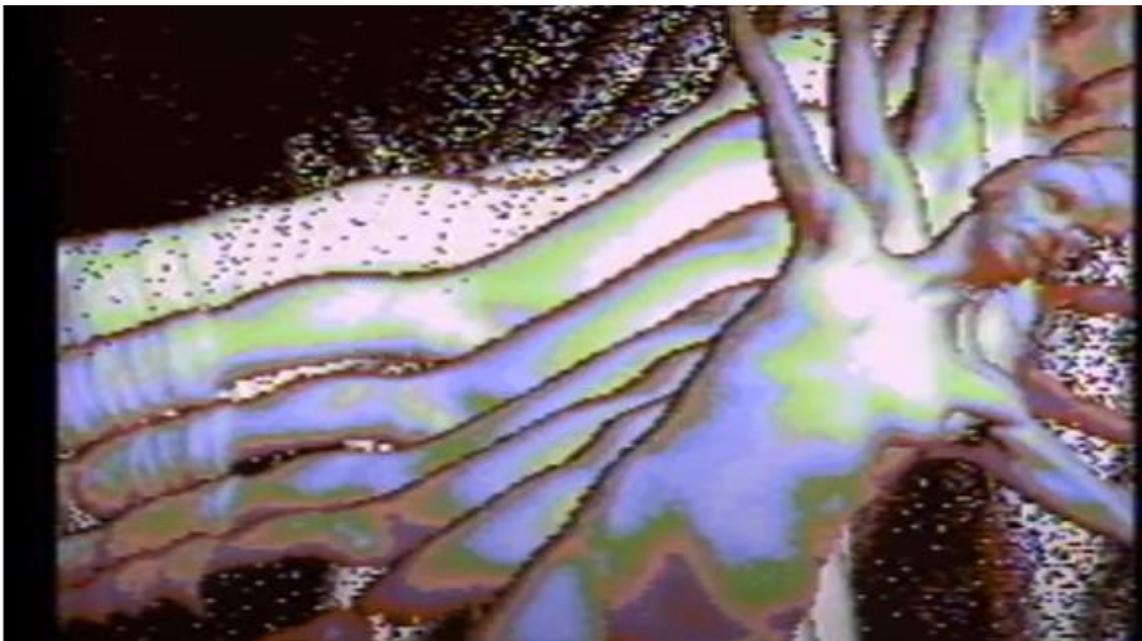
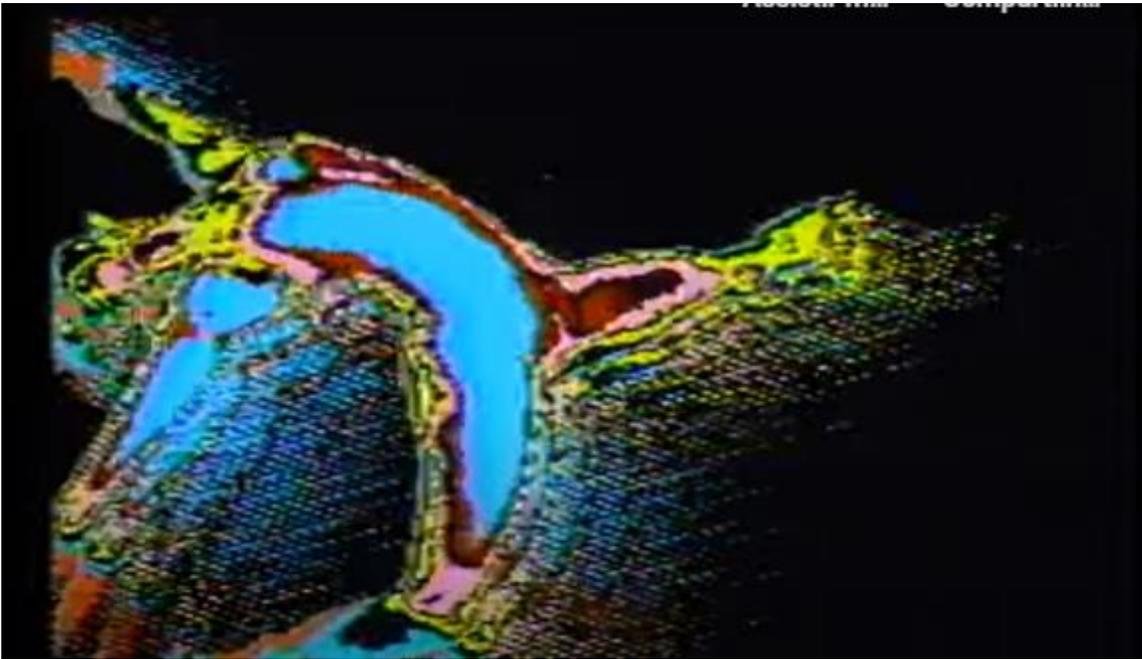


Anexo C – Raymond Kurzweil

Anexo D – Elon Musk



Anexo G - Capturas de tela do vídeo da apresentação *Viscous meanderings*, 1985





Anexo H - Silence & ion wind - Eric Orr, 1981



Anexo I - Stelarc

Ear on Arm



Stelarc em uma prática de suspensão corporal



Third Hand